

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RAFAEL BELLÓ KLEIN

**O PROFISSIONALISMO IMORAL E A PACIFICAÇÃO NECESSÁRIA:
Imprensa, futebol e política na “crise das Especializadas” no Rio Grande do Sul
(1937-1938).**

Porto Alegre

2014

RAFAEL BELLÓ KLEIN

**O PROFISSIONALISMO IMORAL E A PACIFICAÇÃO NECESSÁRIA:
Imprensa, futebol e política na “crise das Especializadas” no Rio Grande do Sul
(1937-1938).**

Dissertação apresentada como requisito final à obtenção do grau de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Volmar Gordim da Silveira.

Porto Alegre

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K64 Klein, Rafael Belló

O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: imprensa, futebol e política na “crise das Especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938) / Rafael Belló Klein – 2014.

144 fls.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

Orientador: Prof Dr Hélder Volmar Gordim da Silveira

1. Futebol - História. 2. Imprensa - História 3. Política. I. Silveira, Hélder Volmar Gordim da II. Título.

CDD 796.334

RAFAEL BELLÓ KLEIN

**O PROFISSIONALISMO IMORAL E A PACIFICAÇÃO NECESSÁRIA:
Imprensa, futebol e política na “crise das Especializadas” no Rio Grande do Sul
(1937-1938).**

Dissertação apresentada como requisito final à obtenção do grau de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Volmar Gordim da Silveira.

Aprovada em _____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA

Nome do Professor

Nome do Professor

Nome do Professor

À memória de Antônio Andrea Belló:
avô, professor, inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da pesquisa e da elaboração deste trabalho – e mesmo antes – contei com o apoio e o auxílio de várias pessoas, que merecem ser lembradas e reconhecidas neste momento.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, Professor Hélder Volmar Gordim da Silveira, por ter aceitado o desafio deste projeto, pela sua paciência, e pelas suas observações criteriosas que ajudaram a dar corpo a este trabalho.

Ao Professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, criador da disciplina de História Social do Futebol na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que há tantos anos vem estimulando projetos de pesquisa nesta área. Pelo apoio e incentivo a este trabalho, pela frequente presença nos eventos sobre futebol organizados na PUCRS, pelas diversas indicações de leitura – desde a época de graduação – e por ter gentilmente aceitado o convite para participar desta banca.

Ao Professor Gerson Wasen Fraga, pela recente parceria no “diálogo brasileiro-alemão” e por ter igualmente aceitado compor a banca desta dissertação.

Ao Professor Draiton Gonzaga de Souza, diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, que me levou a cursar o mestrado nesta Universidade, pelas sugestões, pelo interesse e pelas boas conversas, sempre acompanhadas de um café e uma pequena dose de rivalidade futebolística.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, pelas reflexões proporcionadas durante as aulas. Sobretudo, ao Professor Luciano Aronne de Abreu, por seu interesse, por suas valiosas contribuições a este trabalho e pelas conversas sobre futebol nos intervalos. Aos funcionários da Universidade, por sua atenção e prestativa disponibilidade.

De modo especial, agradeço profundamente a meu pai, José Paulo, por ter despertado em mim a paixão pelo futebol; a minha mãe, Adriane, por ter sido a primeira leitora dos rascunhos deste trabalho; e a ambos pelo apoio incondicional e paciência com os rumos erráticos do processo de escrita.

A meus demais familiares, em especial minha avó materna, Marina, e meu irmão, Gabriel, por serem presenças determinantes em minha vida.

Aos amigos que, nestes quase 10 anos de convivência, se tornaram parte fundamental da minha vida e tornaram a caminhada mais leve com sua presença: Pedro e Marina, Bárbara e Schitz, Felipe e Karen, Matheus e Raiana, Augusto, Franco, Dante, Lívia e Alegrete. Dentre eles, devo um agradecimento especial a César Berzagui, pelas intermináveis e incansáveis conversas futebolísticas, acadêmicas ou não, ao som de algum disco de folk-rock-blues na Prisma; e a Luísa Calvete Portela Barbosa, por ter dividido comigo as expectativas e ansiedades, as satisfações e as frustrações da vida acadêmica.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, em especial, a Ricardo Santos Soares, pela parceria no futebol e na história do futebol.

Parafrazeando o escritor Eduardo Galeano, eu deveria dizer que todos eles são inocentes do resultado, mas a verdade é que creio que têm bastante culpa. Sem eles, este trabalho não seria possível.

Algumas pessoas acreditam que o futebol é uma questão de vida ou morte, eu fico muito desapontado com esta atitude. Eu posso garantir que ele é muito, muito mais importante que isso.

Bill Shankly

Futebol não é alienação nem nada: é lazer. E lazer faz parte da vida.

João Saldanha

O Esporte é o Homem, o Esporte é a Sociedade.

Umberto Eco

RESUMO

A prática do futebol no Brasil, nos primeiros anos desde sua introdução no país, configurou-se de forma predominantemente amadora e elitista. No entanto, a sua crescente popularidade em todos os setores da sociedade, inclusive entre as classes populares, levou à progressiva inclusão de jogadores de origem humilde e à inserção de práticas de remuneração. Visto que as grandes ligas permaneciam nominalmente amadoras, mas os clubes começavam a manter relações semiprofissionais com os jogadores, esta situação gerou grandes contradições, que foram percebidas de forma cada vez mais intensa no início da década de 1930. Como resposta, surge, em 1933, no Rio de Janeiro, o movimento que ficaria conhecido como Ligas Especializadas, que visava oficializar e instituir o futebol profissional no Brasil. A partir de então ficava dividido o cenário futebolístico nacional entre partidários do amadorismo e da Confederação Brasileira de Desportos de um lado, e os do profissionalismo e das Especializadas de outro. No estado do Rio Grande do Sul, no entanto, o movimento das Especializadas, chegou tardiamente, apenas em 1937, causando uma divisão no futebol local até o final de 1938. Neste contexto, o presente trabalho se propõe a analisar o discurso do periódico *Correio do Povo*, na época o jornal de maior circulação na capital gaúcha, acerca da crise das Especializadas, durante sua vigência no Estado. Manifestando um posicionamento claramente favorável à corrente cebedense, o jornal justifica-se por meio da articulação de duas linhas de argumentação: a consideração de que o profissionalismo no esporte era uma prática imoral; e a ideia de que era preciso promover a pacificação, solucionando o dissídio causado pelos especializados. Ambos os argumentos aproximam-se fortemente da política adotado pelo governo de Getúlio Vargas perante a questão do esporte, tal qual ela é expressa no Decreto-Lei 3.199, a principal legislação desportiva promulgada durante o Estado Novo.

Palavras-chave: Futebol. Imprensa. *Correio do Povo*. Ligas Especializadas. Profissionalismo. Amadorismo. Estado Novo.

ABSTRACT

During the first years since its introduction in Brazil, football was mostly organized as an amateur and elitist activity. However, its growing popularity amongst all social layers, including the popular classes, led to the progressive inclusion of players from humble backgrounds and the beginning of remuneration practices. Since the major leagues remained nominally amateurs but the clubs started to develop semiprofessional relationships with the players, this situation caused strong contradictions to emerge, which were increasingly noticeable in the beginning of the 1930s. In response to those circumstances, in 1933, in Rio de Janeiro, a movement known as Ligas Especializadas (Specialized Leagues) was founded, aiming to formalize and institutionalize professional football in Brazil. Henceforth there was a schism in the Brazilian football scene between those favorable to the amateurism and the Confederação Brasileira de Desportos (Brazilian Sports Confederation) on one side, and those favorable to the professionalism and the Especializadas on the other. In the province of Rio Grande do Sul, however, the Especializadas movement arrived late, only in 1937, causing secession in local football until the end of 1938. In this context, this research intends to analyze the discourse of the daily journal *Correio do Povo*, the top newspaper in terms of circulation in the province capital at the time, about the Especializadas crisis, during its term in the province. The newspaper exhibits a stance clearly favorable to the amateur side, which is justified by two lines of arguments: the assumption that professional sport was an immoral practice; and the idea that it was necessary to promote pacification, solving the schism caused by the Especializadas supporters. Both arguments are strongly related to the policy adopted by Getúlio Vargas' government regarding the sports issue, as it is expressed in the Decreto-Lei 3.199, the most important sports law established during the Estado Novo period.

Keywords: Football. Press. *Correio do Povo*. Ligas Especializadas. Professionalism. Amateurism. Estado Novo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Divisão no futebol porto-alegrense em 1937	47
Tabela 2 – Configuração da liga porto-alegrense reunificada em 1939.....	49
Tabela 3 – Quadro comparativo entre o projeto corporativo varguista e a ordem desportiva brasileira, segundo Manhães	51
Tabela 4 – Dicotomia argumentativa entre especializados e cebedenses.....	115
Tabela 5 – Dicotomia argumentativa entre especializados e cebedenses (continuação).....	130
Tabela 6 – Publicações referentes à pacificação entre 20 de julho de 1937 e 30 de agosto de 1938 (apêndice).....	143

LISTA DE ABREVIATURAS

AFPA	Associação de Foot-Ball Porto Alegre
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
AMGEA	Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atléticos
APAD	Associação Porto Alegre de Desportos
APAF	Associação Porto Alegre de Foot-Ball
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
ATEA	Associação Tristezenze de Esportes Atléticos
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CND	Conselho Nacional de Desportos
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
FBE	Federação Brasileira de Esportes
FBF	Federação Brasileira de Foot-Ball
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FRGD	Federação Rio Grandense de Desportos
FSRG	Federação Sportiva Rio Grandense
LAPA	Liga Atlético Porto Alegre
LCF	Liga Carioca de Foot-Ball
LFRJ	Liga de Foot-Ball do Rio de Janeiro
LPAF	Liga Porto Alegre de Foot-Ball
LPF	Liga Paulista de Foot-Ball

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Da Inglaterra a Porto Alegre: a trajetória do futebol no sul do Brasil	17
1.1 O contexto britânico e o surgimento do futebol moderno.....	18
1.2 O futebol chega ao Brasil: o padrão polinucleado de desenvolvimento.....	24
1.3 O futebol no Rio Grande do Sul: a diversidade de influências.....	29
1.4 Futebol, modernidade e o ideal do <i>sportsman</i>	34
1.5 Do semiprofissionalismo à profissionalização do futebol.....	37
1.6 O Rio Grande do Sul e as Especializadas.....	45
1.7 O esporte na Era Vargas.....	49
2 Imprensa e futebol no Rio Grande do Sul: o posicionamento e as estratégias discursivas do jornal <i>Correio do Povo</i>	57
2.1 O <i>Correio do Povo</i> e o jornalismo informativo moderno.....	57
2.2 A questão da neutralidade: o posicionamento do <i>Correio do Povo</i> e seus eixos discursivos.....	67
2.3 As vozes cebedenses: a palavra do interior.....	78
2.4 As vozes cebedenses: a palavra dos “paredros”.....	85
2.5 Uma síntese.....	90
3 O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: as linhas argumentativas do <i>Correio do Povo</i>	94
3.1 O profissionalismo imoral.....	95
3.1.1 A ênfase no dinheiro.....	95
3.1.2 A sedução do dinheiro.....	102
3.1.3 O profissionalismo mercenário e corruptor.....	105
3.1.4 O amadorismo moral.....	110
3.2 Os especializados dissidentes e a necessidade da pacificação.....	116
3.2.1 Os especializados como responsáveis pela dissidência.....	117
3.2.2 A questão da pacificação.....	122
3.3 O discurso do Governo Vargas sobre o esporte e as linhas argumentativas do <i>Correio do Povo</i>	131
Considerações Finais	134
Referências Bibliográficas	137
Apêndice: Tabela 6 – Publicações referentes à pacificação entre 20 de julho de 1937 e 30 de agosto de 1938.....	143

Introdução

“Tá pensando que tudo é futebol?”

Novos Baianos¹

Como em geral acontece nos trabalhos acadêmicos, a escolha da epígrafe acima não é meramente casual, tampouco se deve exclusivamente a uma questão de estética. Naturalmente que o gosto deste autor pela obra musical do grupo Novos Baianos tem a sua parcela de responsabilidade, assim como a afinidade do referido conjunto com o futebol. De fato, durante algum tempo, os Novos Baianos viveram em um sítio em Jacarepaguá numa espécie de sociedade alternativa, em plena Ditadura Militar, dividindo seu tempo entre a composição de músicas e a disputa de partidas de futebol. Como resultado, lançaram o disco intitulado *Novos Baianos F.C.*, de onde foi retirada a frase que encabeça esta seção. No entanto, esta não é a única razão de ser desta citação. Ela nos remete, de certa forma, ao contexto da produção historiográfica sobre futebol no Brasil.

Ainda hoje o pesquisador interessado por algum aspecto relacionado à temática do futebol no âmbito acadêmico, seja na história ou nas demais ciências sociais, encontra, por vezes, resistências e preconceitos em relação ao tratamento deste tema. De fato, ao refletirmos sobre a produção acadêmica acerca da história do futebol, podemos perceber claramente uma antiga falta de interesse acadêmico por essa temática, sendo notável a escassez de trabalhos a ela relacionados na historiografia, tanto em escala local, regional, quanto nacional.

O professor César A. B. Guazzelli, pioneiro no Rio Grande do Sul na abordagem e na constituição de um grupo de pesquisa relacionado à história do futebol, chama atenção para essa indiferença: “Apesar de sua importância, existe muito pouco interesse acadêmico por esse esporte, definido por Hobsbawm como um produto cultural ‘genuinamente universal’, apenas equiparado pelo *rock ‘n’ roll*” (GUAZZELLI, 2000: 21).

¹ NOVOS BAIANOS. “Vagabundo não é fácil”. In: *Novos Baianos F.C.* Continental, 1973.

Do mesmo modo, também o escritor uruguaio Eduardo Galeano nota esta lacuna e sintetiza: “Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos de história contemporânea não o mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um signo primordial de identidade coletiva” (GALEANO, 2008: 204)².

O jornalista esportivo Dante Panzeri é outro a destacar esta questão. Segundo ele, existe “una barrera absurdamente instalada entre la concepción del hombre-social y la del hombre-desportista” (PANZERI, 2011: 43). Para Panzeri, esta barreira foi erigida pelos próprios intelectuais, que avançaram no estudo de diversas áreas da ação e do comportamento humano, mas permaneceram predominantemente omissos ao esporte enquanto um fenômeno social e histórico significativo. Em suma:

Filósofos y sociólogos han tenido y tienen al deporte y al desportista un tanto relegados en la subestimación de aquellas cosas que nos parecen hechas “para jugar”. Pero entiéndase: “para jugar”... en el sentido infantil, secundario en importancia a la apasionada conversación que los mayores sostienen mientras “los chicos juegan” (PANZERI, 2011: 43).

Este desprezo que a academia demonstrou em relação ao futebol explica-se pela postura dos setores de esquerda, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, que o compreendiam meramente como o “ópio do povo”, criticando-o e denunciando-o como sendo unicamente um amenizador das tensões sociais, ferramenta a serviço do interesse das classes dominantes, e agente da construção e da propagação do nacionalismo, tendo em vista o uso que dele fizeram os regimes ditatoriais, com particular destaque para os da América do Sul (DAMO, 2001: 1-2). Talvez o trabalho mais emblemático desta perspectiva seja o de Roberto Ramos (1984), no qual ele considera o futebol nada mais do que um aparelho ideológico do Estado.

Felizmente, no entanto, há uma recente tendência que, atenta às potencialidades que o estudo da história do futebol tem a oferecer para a compreensão da realidade social, tem posto em pauta diversas questões a ela relacionadas, visando preencher as lacunas deste vazio historiográfico. Nos últimos anos, várias importantes pesquisas têm sido conduzidas neste sentido, em diversas áreas das ciências humanas. Especificamente no campo da história, nota-se uma multiplicação nas universidades brasileiras de trabalhos que têm como tema principal o futebol. Ainda assim, persiste uma certa desconfiança para com o futebol no meio acadêmico, e há quem ainda o considere como

² Citado também por GUAZZELLI (2000: 21).

um tema menor, secundário, que não dispõe da seriedade característica da pesquisa científica, e o relegue a uma categoria inferior de “conversa de corredor”. Neste sentido, o verso musical que encabeça esta introdução remete, de maneira informal, a uma série de questionamentos que não raro são feitos a quem se dedica ao estudo histórico-social do futebol: o futebol é realmente um tema pertinente de investigação? Possui historicidade e relevância acadêmica que justifiquem sua pesquisa? É possível analisá-lo com a seriedade e o rigor científico necessários?

Acreditamos que sim. E esperamos que o presente esforço de pesquisa confirme esta convicção, a exemplo do que vêm fazendo os diversos trabalhos que têm sido produzidos nos anos recentes, preenchendo gradativamente as lacunas historiográficas em relação ao tema. Este trabalho insere-se, portanto, dentro desta perspectiva mais recente de valorização do futebol enquanto um tema relevante de pesquisa acadêmica, capaz de proporcionar importantes reflexões acerca da sociedade onde está inserido, para além de preconceitos infundados e concepções reducionistas.

Esta pesquisa tem como cenário a administração esportiva brasileira ao final da década de 1930. Neste contexto, trataremos do episódio conhecido como a “crise das Especializadas”, ocasionada pela deflagração de um movimento que visava a consolidação do profissionalismo no futebol brasileiro, durante o governo de Getúlio Vargas. Ainda que este movimento tenha se iniciado em 1933, iremos abordar, mais especificamente, a sua repercussão no estado do Rio Grande do Sul, onde permaneceu ativo entre 1937 e 1938, os anos finais de sua atuação no contexto nacional. Tomaremos aqui, portanto, o âmbito regional como marco do presente trabalho, dentro da noção de que as reflexões a partir dele podem contribuir significativamente também para a compreensão de processos históricos ocorridos no âmbito nacional.

Situado neste cenário, o presente trabalho tem a imprensa como tema de análise fundamental, mais especificamente a imprensa esportiva e sua relação com o discurso estatal. Também a imprensa foi, por vezes, considerada como um objeto marginal de investigação acadêmica, tratada simplesmente enquanto fonte de pesquisa. Este trabalho, no entanto, parte do pressuposto de que a imprensa possui um papel fundamental na sociedade moderna, constituindo um campo importante de conflitos, debates e tensões, sendo desta forma um interessante e pertinente tema de estudo. Particularmente, a imprensa esportiva tem, historicamente e até os dias atuais, grande

influência no modo como se vê e se pensa o futebol e sua relação com a sociedade, sendo, portanto, capaz de suscitar relevantes reflexões.

Dentro deste quadro, nosso objeto de pesquisa refere-se, mais precisamente, ao discurso produzido pelo jornal *Correio do Povo*, então o diário de maior circulação na capital gaúcha, acerca do processo de profissionalização do futebol e do advento da corrente especializada no estado. Por meio deste discurso, como veremos, o jornal manifesta um posicionamento muito claro, justificando-o por meio de argumentos que estavam afinados com o discurso estatal moderno do governo Vargas, especialmente a partir do Estado Novo.

Dessa forma, nosso objetivo será analisar de que forma é construído o discurso do *Correio* acerca da questão da profissionalização do futebol e da “crise das Especializadas” no estado. Neste sentido, buscaremos, primeiramente, identificar o posicionamento apresentado pelo periódico e mapear as estratégias empregadas para articulá-lo dentro do discurso veiculado nas notas desportivas do periódico, verificando os atores evocados para sustentar este discurso. A seguir, procuraremos detectar e analisar as linhas argumentativas que justificam e dão sustentação ao posicionamento adotado, estabelecendo a sua relação com as noções que embasavam a política desportiva defendida pelo governo Vargas.

Para alcançarmos estes objetivos, usaremos como fontes de pesquisa os jornais editados pelo *Correio do Povo* entre janeiro de 1937 e dezembro de 1938. Estas fontes documentais foram consultadas no acervo disponível no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e, de forma complementar, no acervo da Central de Pesquisas e Jornais do próprio *Correio do Povo*. O material proveniente da pesquisa foi, a seguir, devidamente catalogado e examinado, possibilitando o estabelecimento das categorias de análise que desenvolvemos no presente trabalho.

É importante destacarmos que, como será perceptível nas nossas análises, utilizamos como fontes publicações das mais diversas procedências e características: crônicas, reportagens, notas e colunas, sejam de redação própria do jornal, transcritos de outros periódicos, ou ainda produzidas por colunistas convidados. Este uso, até certo ponto indiscriminado, que fazemos do material publicado justifica-se a partir do pressuposto de que o jornal possui uma lógica interna que orienta as suas publicações, conforme o posicionamento assumido pelo periódico perante determinada questão.

Deste modo, a referência a variados tipos de matérias publicadas, as quais apresentam uma convergência de sentido, ajuda inclusive a respaldar as teses aqui sustentadas.

No Capítulo 1, trataremos da história do futebol propriamente dita. Traçaremos a trajetória do esporte, desde suas origens britânicas até sua chegada ao Brasil, com ênfase especial no caso do Rio Grande do Sul. Comentaremos também acerca das características do futebol brasileiro, desde seus primeiros anos com a fase do amadorismo, até a inserção de práticas semiprofissionais e a consolidação do regime profissional. Destacaremos, desta forma, as origens e o desenrolar do movimento das Ligas Especializadas, bem como sua repercussão no Rio Grande do Sul e a solução da crise na administração do futebol brasileiro, ocasionada pelo seu advento. Por fim, faremos algumas considerações sobre a relação do governo de Getúlio Vargas com o esporte, particularmente no que se refere à normatização das atividades esportivas.

No Capítulo 2, faremos algumas ponderações sobre a trajetória da imprensa no Rio Grande do Sul, inserindo neste contexto o surgimento do *Correio do Povo* e sua importância para o estabelecimento da imprensa moderna no estado. A seguir, após breves considerações teóricas sobre a questão da neutralidade do discurso jornalístico, iniciaremos a análise das fontes propriamente ditas, buscando detectar o posicionamento do jornal perante a questão da profissionalização e das Especializadas. Neste sentido, também, analisaremos as principais estratégias empregadas para manifestar este posicionamento.

No terceiro e último capítulo, trataremos especificamente das linhas argumentativas que justificam e embasam o posicionamento do jornal, recorrendo extensivamente às fontes documentais, rico terreno de investigação. Identificando duas vertentes predominantes de argumentos, buscaremos, através da análise de suas principais características, traçar algumas aproximações com o discurso varguista sobre a questão do esporte.

1 Da Inglaterra a Porto Alegre: a trajetória do futebol no sul do Brasil

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar.

Eduardo Galeano³

A epígrafe acima expressa a visão pesarosa do escritor uruguaio Eduardo Galeano acerca das consequências do processo de profissionalização pelo qual passou o futebol, ao longo de todo o século XX, desde sua introdução e popularização na América do Sul. Nesta crônica retirada de sua clássica ode ao esporte bretão, apropriado e reinventado pelas nações platinas e pelo Brasil, Galeano lamenta que a crescente especialização tenha acabado por suprimir o caráter lúdico e plástico, próprio do futebol sul-americano, em favor da austeridade e do pragmatismo, determinados pela busca do êxito esportivo⁴.

Embora seja uma obra literária, escrita com grande paixão pelo tema, a lamentação de Galeano é acompanhada por uma boa dose de precisão histórica. O autor identifica corretamente os primórdios elitistas do futebol, novidade que chega às grandes cidades por meio dos navios ingleses ancorados nos portos. De modo semelhante, percebe a apropriação da prática futebolística por parte das classes populares, que vão transformá-la, criando um estilo de jogo muito próprio, baseado na beleza, suavidade e virtuosismo dos movimentos; bem como o crescente processo de especialização e profissionalização sofrido pelo futebol, pelo menos desde a década de

³ GALEANO, Eduardo. “Futebol”. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 10.

⁴ A literatura futebolística sul-americana frequentemente enfatizou o caráter espontâneo, habilidoso e belo do futebol nativo, em contraste com o estilo de matriz europeia, entendido como regrado e pragmático. O jornalista argentino Dante Panzeri (2011: 29-34), por exemplo, identifica dois modos de jogar futebol no seu país no final da década de 1960: o “futebol mal jogado”, que alguns erroneamente chamam de “moderno”, resultado da especialização profissional, o qual enfatiza o perfeccionismo tático, virilidade física e desumanização criativa, como forma de obter as vitórias; e o “futebol bem jogado”, alcunhado de “antigo”, baseado na técnica, na habilidade e na criatividade dos jogadores. De fato, para Panzeri, o futebol é essencialmente espontaneidade, é uma “arte do imprevisto”, “dinâmica do impensado”. Racionalizá-lo significa sacrificar este aspecto que lhe é intrínseco. O próprio Johan Huizinga (1971: 219-223) já havia assumido postura semelhante, ao afirmar que a excessiva sistematização e regulamentação do esporte implicam em uma perda do seu caráter lúdico fundamental, visto que o jogo, ainda que dependa de um conjunto de regras, possui, por natureza, uma dimensão de voluntariedade e liberdade (1971: 10-16).

1920, o qual, na visão do autor, impõe progressivamente um estilo de jogo que “renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia” (GALEANO, 2008: 10).

Licenças poéticas e nostalgias idílicas à parte, a presente análise se debruça justamente sobre este período do início da profissionalização do futebol. Neste sentido, o capítulo inicial deste trabalho tratará de contextualizar o desenvolvimento do futebol desde suas raízes britânicas até sua chegada ao Brasil, desde a época do amadorismo elitista até a chamada crise das Especializadas e sua repercussão no Rio Grande do Sul. Considerando esta trajetória, daremos ênfase ao papel adquirido pelo esporte durante o governo varguista, particularmente no período do Estado Novo.

1.1. O contexto britânico e o surgimento do futebol moderno

Ao longo da história humana, temos registros de várias sociedades que desenvolveram alguma forma de jogo envolvendo um tipo de material esférico de diversas procedências – desde couro e borracha até crânios humanos –, conduzido por seus participantes de diversas maneiras, inclusive com os pés⁵. O futebol moderno⁶, porém, é uma configuração esportiva muito específica, que não pode ser pensado dissociado de seu marco espaço-temporal: a Inglaterra da época da Revolução Industrial. Cabe-nos, aqui, dedicar algumas considerações sobre seu desenvolvimento e sua inextrincável relação com o contexto inglês.

Praticava-se na Inglaterra, desde o medievo, uma forma primitiva de jogo com bola, tradicional e muito popular, conhecida como *folk football*. Este não possuía um conjunto de regras estabelecidas em relação ao número de participantes, à extensão do campo de jogo, à sua duração, ou às ações que eram permitidas no seu desenrolar, e o modo como era praticado podia variar muito de um lugar para outro. Difundida entre as

⁵ Sobre as variadas e curiosas formas primitivas de jogo com bola, como o *tlachtli* meso-americano, o *tsu-chu* chinês e o *kemari* japonês, o *epyskiros* grego e o *harspatum* romano, e o *calcio* fiorentino da Idade Média, ver FRANCO JÚNIOR (2007: 14-20); MASCARENHAS (2001: 12-15); DIENSTMANN & DENARDIN (2000: 10-19).

⁶ É importante evocar aqui as considerações pontuadas por Gilmar Mascarenhas (2001: 18-19) acerca da definição de “esportes modernos”. Estes, criados na modernidade, especialmente a partir das últimas décadas do século XIX, “apresentam grande estrutura jurídico-organizacional, gestão burocrática, estatuto internacional, regras codificadas e minuciosas, aperfeiçoamento constante dos atletas em busca de *records*, e realiza-se em espaços elaborados para tal, com medições e formas precisas”. Desta forma, diferenciam-se de outras práticas esportivas e lúdicas da Idade Média e Antiguidade, marcadas, sobretudo, pela informalidade.

classes populares, a prática do *folk football* era frequentemente violenta, não raro resultando em confusão generalizada, acidentes e mesmo em mortes. Dessa forma, o tradicional jogo foi combatido pela moral cristã medieval, que pregava, ao contrário, a resignação do corpo e submissão dos impulsos humanos, em favor da elevação espiritual.

A transição do século XVIII para o XIX assistiu a uma mudança de paradigma em relação às atividades físicas. Os ideais humanistas do Iluminismo europeu, aliados ao avanço nas pesquisas médicas, impulsionaram a emergência de um paradigma de valorização do corpo e dos exercícios físicos, incorporado pelas instituições educacionais de elite britânicas, que passaram a estimular as atividades esportivas. Como bem destaca Gilmar Mascarenhas (2001: 17):

Este movimento de valorização do desenvolvimento atlético nos estabelecimentos escolares burgueses e aristocráticos ingleses absorveu justamente as práticas populares (os *folk games*), pois eram estas as que requisitavam grande vigor físico. Ademais, se encaixavam plenamente na perspectiva (mais disciplinadora do que “pedagógica”) de fazer com que os estudantes canalizassem suas energias agressivas de forma “adequada”.

Neste sentido, diversos colégios e universidades britânicas criaram adaptações do tradicional *folk football*, impondo-lhes um conjunto de regras, num esforço civilizacional de controle dos impulsos violentos durante sua prática⁷. Cada instituição, no entanto, desenvolveu a nova modalidade de maneira autônoma e independente, levando ao surgimento de uma imensa gama de diferentes normas e modos de jogar. Em alguns lugares, por exemplo, preferia-se jogar com as mãos, ao passo que em outros se usava preferencialmente os pés: os primeiros desenvolviam formas precursoras do rúgbi, os segundos, do futebol. Mesmo entre aqueles que preconizavam a condução da bola majoritariamente com os pés, havia divergências de regras, de modo que, para o cultivo do novo esporte, era necessária uma uniformização básica. Esta se efetivou em 1863, na célebre reunião na Freemason’s Tavern em Londres, entre representantes de onze clubes praticantes do futebol, na qual foi criada a Football Association, entidade criada com o intuito de estabelecer um conjunto de regras para o futebol e controlar sua aplicação, bem como de promover e organizar a prática do novo esporte.

⁷ De fato, podemos compreender esta normatização por que passaram as atividades físicas, visando o disciplinamento dos impulsos violentos, como parte integrante do processo civilizador, conforme o desenvolvido por Norbert Elias. Sobre isso, ver ELIAS & DUNNING (1992).

Originado no seio das instituições de ensino da elite inglesa, o futebol moderno permaneceu, nos primeiros anos, essencialmente elitista. Concretamente, para os governantes ingleses de meados do século XIX, interessava que assim fosse: era necessário construir o caráter de suas elites, de modo a consolidar seu país como a maior potência mundial. Para tanto, lançaram mão de uma pedagogia elitista, inspirada na adaptação do pensamento de Charles Darwin, expresso no seu livro *Origem das Espécies*, para o mundo social. Dentro desta pedagogia, os esportes tinham papel fundamental para, nas palavras de Hilário Franco Júnior (2007: 17), dar “vigor ao corpo, fibra ao espírito, rapidez ao raciocínio”. Conforme afirma ainda este autor (2007: 27):

(...) é inegável que o futebol moderno visava forjar elites aptas a governar. Em 1864, o jornal londrino *The Field* definia-o como preparação para futuros governantes do país. O futebol moderno nasceu como instrumento do darwinismo social.

Um aspecto essencial do futebol moderno nos seus primórdios e que atesta e reforça seu caráter elitista foi a inserção, na sua prática, de uma cultura do *fair play*, já existente no costume britânico. De acordo com Franco Júnior (2007: 31), a existência de um ideal de *fair play* remonta à Revolução de 1689, solucionada por meio de um compromisso político, que se concretizou na monarquia parlamentarista. Desde então, se construiu e fomentou na tradição inglesa o costume de um certo acordo de cavalheiros para a solução de conflitos. Código de conduta cavalheiresco impregnado na cultura da elite inglesa, o *fair play* envolveu a nascente prática do futebol. Talvez sua maior expressão dentro do conjunto de normas que progressivamente eram elaboradas para o novo esporte seja a regra do offside. Estabelecida em 1867, ela ditava originalmente a necessidade de haver ao menos três adversários entre a linha de fundo e o jogador atacante, no momento em que a bola é passada por um companheiro na sua direção. Essencialmente, o offside visava coibir deslealdade na prática do futebol, já condenável pelo acordo implícito do *fair play*. A partir de então, ficava “fora de jogo”, ou “impedido”, pelas próprias regras do esporte, aquele que fizesse uso de “comportamento furtivo” para tirar vantagem do posicionamento do adversário.

Dessa forma, a prática do futebol moderno, normatizada, ficava restrita aos jovens membros da elite britânica, visando a saudável e leal competição entre iguais e à sua preparação moral, física e intelectual para o exercício do poder. Foram indivíduos com esta origem social que formaram os primeiros clubes, constituíram uma federação de âmbito nacional, a já mencionada Football Association, e organizaram os primeiros

campeonatos⁸. No entanto, o futebol logo ultrapassou as fronteiras de classe. O novo esporte atraiu, desde muito cedo, o interesse de indivíduos oriundos da classe média baixa e do operariado urbano.

Nesse contexto, verifica-se uma vertiginosa expansão e popularização do futebol na Inglaterra nas últimas décadas do século XIX, a qual pode ser explicada por diversos fatores. Gilmar Mascarenhas (2001: 24-25), baseado nas considerações feitas por Eric Hobsbawm⁹, aponta para a existência de uma demanda pela formação de novos espaços urbanos de sociabilidade, à qual os esportes modernos, particularmente o futebol, despontaram como uma alternativa satisfatória. Além disso, o futebol emerge como opção para o preenchimento de um vazio identitário deixado pela desagregação, na cidade moderna, das esferas comunitárias tradicionais¹⁰. Por fim, o futebol surge ainda como resposta viável a uma demanda por novas formas de lazer popular urbano, passando por um processo de “espetacularização”, e inserindo-se, assim, em um processo mais amplo de mercantilização do lazer, verificado na transição para a ordem burguesa moderna (MASCARENHAS, 2001: 29).

A crescente popularidade do futebol – que o próprio Hobsbawm irá alcunhar de “religião leiga do proletariado”¹¹, devido à centralidade que adquiriu na vida do operariado urbano inglês – em todos os setores da sociedade britânica acaba por convertê-lo em um atraente espetáculo e um lucrativo produto disponível para o consumo da população trabalhadora, passando progressivamente a atrair grande interesse comercial. Neste contexto, altera-se o sentido fundamental atribuído à sua prática: de uma pedagogia elitista, elegante e civilizatória, orientada pelo princípio do *mens sana in corpore sano*¹², para uma lógica econômica, na qual a especialização, a

⁸ Por exemplo, a Copa da Inglaterra, disputada desde 1871, e a Liga Inglesa, desde 1888 (cf. FRANCO JUNIOR, 2007: 34).

⁹ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 258.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1870*. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 170. (Cf. MASCARENHAS, 2001: 33).

¹¹ HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 262. Citado por PEREIRA (2000: 26).

¹² A máxima *mens sana in corpore sano*, sentença proferida pelo poeta romano Juvenal nas suas Sátiras, sintetiza muito bem o ideal pedagógico de que foi imbuída a prática do esporte. Acreditava-se que o bom desenvolvimento intelectual e moral era necessariamente acompanhado pelo aperfeiçoamento físico. Este ideal está na base do desenvolvimento, não apenas do futebol, mas do desporto amador em geral, com destaque para a ginástica e educação física. Dessa forma, tais modalidades foram frequentemente incorporadas à pedagogia moral de diversas organizações (religiosas, militares, educacionais). De fato, como veremos adiante, este princípio, entendido como inerente à prática do esporte amador, terá importante papel na introdução do futebol no Brasil e na resistência à adoção do regime profissional.

produtividade e a conquista de vitórias tornavam-se imperativos. Neste sentido, comenta Gilmar Mascarenhas (2001: 23-24):

O crescente público espectador (o exigente consumidor deste novo produto) almeja simultaneamente assistir a uma vibrante batalha campal, a uma atuação orquestrada da equipe e a uma exibição de habilidades no manejo da bola, o que somente se adquire com treinamento contínuo (individual e coletivo) e heroico esforço face à necessidade imperiosa de obter vitórias. Dentro do espírito amadorista (o chamado *fair play*), ao contrário, a competição é desprezada em favor da prática pacífica e saudável do exercício físico (um fim em si mesmo), e um verdadeiro “sportsman” deve se dedicar a vários esportes, sem especialização, logo sem aprimoramento. Com o advento do futebol-espetáculo, entra em cena um novo tipo de atleta, adestrado pois se dedica exclusivamente ao futebol, vivendo-o como uma profissão remunerada e socialmente cobiçada, e que por isso encara cada partida como uma batalha.

Como vemos, a transformação do futebol em um entretenimento para consumo estimulou a prática da remuneração dos jogadores por parte dos clubes, os quais também iam alterando-se em sua natureza: “de associações elitistas, fechadas e sem fins lucrativos” tornavam-se “entidades empregadoras, com feições empresariais”¹³ (MASCARENHAS, 2001: 25). Nesse contexto, algumas equipes passaram a ser financiadas por industriais ou comerciantes, e alguns jogadores passaram a receber propostas para mudarem de time em troca de melhores empregos. Este profissionalismo embrionário, que consistia na oferta de vantagens econômicas a determinados jogadores em troca de seus serviços dentro de campo, ficou conhecido como “profissionalismo marrom”, ou semiprofissionalismo. Tais práticas eram mal vistas e combatidas pelos clubes de elite ingleses, uma vez que desvirtuavam os propósitos edificantes originalmente atribuídos ao futebol. No entanto, a Football Association acabou eventualmente cedendo ao profissionalismo, aceitando-o oficialmente em 1885¹⁴.

De fato, a estrutura profissional mostrava-se adequada ao espírito dos novos tempos da Revolução Industrial. O surgimento das máquinas, a grande velocidade da produção e a disseminação do trabalho em equipe incentivaram a burguesia inglesa a “promover os esportes praticados em equipe, como possível instrumento de uma pedagogia da sociedade industrial nascente” (MASCARENHAS, 2001: 29). Neste

¹³ Um dos primeiros clubes a ter sucesso neste formato foi o Blackburn Olympic, que conquistou a Copa da Inglaterra de 1882-83, derrotando o tradicional Old Etonians. A equipe, patrocinada por um empresário do ramo da mineração, era formada por trabalhadores comuns, que recebiam incentivos financeiros por seus serviços futebolísticos e foram dispensados da jornada de trabalho na semana anterior à decisão da taça, para poderem dedicar-se exclusivamente ao treinamento (cf. MASCARENHAS, 2001: 26; FRANCO JÚNIOR, 2007: 35).

¹⁴ Como veremos adiante, uma situação semelhante ocorreu no caso do futebol brasileiro.

sentido, Hilário Franco Júnior (2007: 25) destaca as diversas coincidências do trabalho industrial e da prática futebolística:

Não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial e do futebol. Os dois fenômenos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras.

Também o sociólogo João Boaventura (apud MASCARENHAS, 2001: 30; 2002: 85) identifica no futebol quatro elementos afinados com as premissas básicas da administração taylorista, quais sejam, a ênfase na velocidade, a especialização de funções, a cronometragem e o trabalho em equipe. Mascarenhas (2001: 31) salienta ainda a disciplina tática e o respeito à hierarquia como pontos de encontro entre o futebol e a lógica fabril, expressos na obediência às ordens do técnico e do patrão, respectivamente. Dessa forma, o futebol – tanto sua prática, como sua assistência – foi entendido pelos industriais ingleses como uma forma útil de entretenimento para o trabalhador urbano, capaz de familiarizá-lo com os elementos de uma “pedagogia fabril”. Isto se refletiu, concretamente, no estímulo dos empresários britânicos à criação de clubes de futebol vinculados à fábrica e pela disseminação do novo esporte nos principais polos industriais, especialmente do norte da Inglaterra, de modo que, já na década de 1870, proliferavam clubes operários de empresas dos mais diversos setores.

Nas últimas décadas do século XIX, o futebol ultrapassou também as fronteiras geográficas, difundindo-se por diversos países europeus e sul-americanos. Conforme assevera Franco Júnior (2007, 40):

O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam, mesmo sem premeditação, e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles, o futebol. Foi nesse clima cultural que nasceram muitos dos clubes que estariam dentre os grandes da história do futebol (...).

De fato, a difusão mundial do futebol está intimamente relacionada ao imperialismo inglês, cuja área de influência era de dimensões planetárias. É interessante notarmos, com Mascarenhas (2001: 39-41), que nem todas as regiões que “importaram” o futebol eram colônias inglesas; nestas, paradoxalmente, o futebol não foi plenamente adotado. Isto se explica pela existência de uma modalidade esportiva já cultivada nacionalmente nestas localidades: o críquete na Índia, o rúgbi na África do Sul e na Oceania, o baseball nos Estados Unidos. Ao contrário, em países onde não havia um esporte plenamente consolidado, mas que mantinham estreitos vínculos comerciais com

a Inglaterra, o futebol encontrou terreno fértil para seu enraizamento, como ocorreu na Europa ocidental e na América do Sul.

Algumas vezes, o primeiro contato com o esporte bretão se dava por meio de cidadãos ingleses que iam estudar ou trabalhar no exterior, como ocorreu em diversas cidades europeias, na França, Bélgica, Suíça e Alemanha¹⁵, por exemplo. Em outros casos, eram cidadãos locais que iam estudar na Inglaterra e voltavam para seus países de origem com o desejo de introduzir a novidade entre seus pares, como ocorreu na Holanda, em Portugal (FRANCO JÚNIOR, 2007: 41-42), e no caso do paulista Charles Miller, tradicionalmente cultuado como o introdutor do futebol no Brasil. É necessário, no entanto, relativizar um pouco este papel central que é atribuído a indivíduos como Miller e Oscar Cox. Desta forma, dedicaremos a próxima seção à análise de como a novidade inglesa chega e se populariza no Brasil.

1.2 O futebol chega ao Brasil: o padrão polinucleado de desenvolvimento

Gilmar Mascarenhas usa a expressão “a bola nas redes do imperialismo britânico”, para descrever o padrão de difusão do futebol através das redes de relações comerciais inglesas, que estendiam seus tentáculos por todo o globo terrestre. O último terço do século XIX assistiu a um grande incremento dos investimentos ingleses no exterior, para além das suas tradicionais colônias, destacando-se entre as regiões de interesse a América do Sul, particularmente a região platina, o que influenciará decisivamente a difusão mundial do futebol.

Buenos Aires¹⁶, na época, apresentava um exponencial crescimento econômico e demográfico, expandia sua rede ferroviária até os confins do pampa, vivia uma época de apogeu cultural, e atraía numerosos imigrantes e investimentos estrangeiros, dos quais os britânicos constituíam parcela considerável: calcula-se que cerca de 40 mil ingleses habitavam na próspera capital argentina ao final do século XIX (MASCARENHAS, 2001: 42). É no seio desta comunidade inglesa bonaerense que surgirão os primeiros

¹⁵ A Suíça é um caso interessante, pois se tornou uma redifusora do futebol, devido à sua posição central no continente europeu. Foram cidadãos suíços, por exemplo, que fundaram o F.C. Internazionale de Milão e o F.C. Barcelona. Papel semelhante teve a Alemanha, em relação à Europa Oriental (FRANCO JÚNIOR, 2007: 41-42).

¹⁶ Há um bom número de obras que analisam a introdução e desenvolvimento do futebol na Argentina. Entre elas podemos destacar os trabalhos de Pablo Alabarces (2008), Roberto Di Giano (2010), e principalmente Julio Frydenberg (2011).

clubes de futebol argentinos, constituídos no interior das suas instituições de ensino de elite. Dessa forma, a influência britânica comandará os primeiros anos do desenvolvimento do futebol na Argentina, desde a organização dos clubes e ligas, até mesmo o próprio vocabulário oficial do novo esporte, completamente anglófono.

A capital uruguaia¹⁷ apresentou um desenvolvimento semelhante. Outro porto do estuário do Rio da Prata, também Montevideo vivia uma época de grande prosperidade, embora numa escala menor que Buenos Aires, atraindo imigrantes de diversas nacionalidades. Dentre estes, a presença inglesa também era destaque. Como na Argentina, os britânicos tiveram influência determinante no cultivo e disseminação de atividades esportivas, inclusive o futebol, com a fundação do primeiro clube, o Albion Football Club, já em 1885. De fato, também os primeiros clubes nativos, entre eles o Club Nacional de Football, fundado em 1899, foram concebidos justamente para enfrentar as equipes inglesas em profusão na capital uruguaia.

Também no litoral chileno¹⁸, ainda que fora do eixo do Prata, verificamos um padrão análogo. A cidade de Valparaíso, o maior porto do Pacífico Sul, configurou-se também como um centro de investimentos britânicos. Muitos deles ali se instalaram e difundiram a prática do futebol, que em pouco tempo expandiu-se para outros centros urbanos, incluindo a capital Santiago.

O caso brasileiro, no entanto, difere sensivelmente deste padrão. O modelo platino de introdução do futebol, no qual o esporte chega através do principal centro econômico do país, imbricado nas redes de comércio britânicas, e a partir dele se difunde pelo resto do território, não se verifica empiricamente. Diferentemente de Uruguai, Argentina e Chile, o Brasil possuía no final do século XIX, vários importantes portos, distantes entre si, acarretando a dispersão dos investimentos ingleses ao longo de todo litoral brasileiro. Neste contexto, o futebol penetrou no território brasileiro simultaneamente, através de vários pontos desconectados entre si, mas conectados com o exterior, configurando, assim, um caso peculiar (MASCARENHAS, 2001: 45-46).

Através destes portos, o Brasil esteve efetivamente envolvido nas malhas deste império comercial, e por meio deles desembarcou muito mais do que os produtos industrializados ingleses:

¹⁷ O caso do futebol uruguaio é muito bem analisado no trabalho de Juan Carlos Luzuriaga (2009).

¹⁸ Uma visão panorâmica do caso chileno é oferecida por Edegardo Marin (1995).

E pelo litoral do Brasil penetraram não apenas os numerosos produtos da poderosa indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados civilizadores, entre os quais, a prática esportiva, principalmente a partir de 1850. A presença constante de suas embarcações, associada à implantação concomitante de ferrovias e diversos outros equipamentos em nosso território (exportação de capitais britânicos destinados ao setor de mercado interno) viabilizou relativo contato com diversas práticas sócio-culturais inglesas, dentre elas o futebol (...) (MASCARENHAS, 2001: 46).

Dentre os exemplos¹⁹ que atestam a difusa presença inglesa nos primórdios do futebol nacional, podemos citar o caso paranaense, onde considera-se o inglês Charles Wright, envolvido na construção de uma ferrovia, como introdutor do futebol no estado; o caso de Fortaleza, onde a primeira partida foi disputada entre a elite local e o time inglês da Companhia de Gás; além de São Paulo e Niterói (RJ) onde a presença inglesa é atestada, respectivamente, pelos clubes São Paulo Athletic Club e Rio Foot Ball Club, originalmente agremiações exclusivamente britânicas dedicadas a atividades como o críquete, e que acabaram adotando também o futebol.

No entanto, o envolvimento das cidades brasileiras nas redes comerciais do imperialismo britânico não foi a única porta de entrada do futebol no país. A influência direta inglesa deve ser, portanto, relativizada, mesmo porque estes nunca chegaram a constituir comunidades locais tão expressivas como em Buenos Aires ou Montevideo. Ainda que, via de regra, as localidades que não atraíam diretamente investimentos britânicos tenham se mantido relativamente alheias ao novo esporte, houve em alguns casos outros grupos que proporcionaram o contato com o futebol. Destaca-se, neste sentido, a atuação de instituições de ensino ligadas a ordens religiosas, como os maristas e os jesuítas²⁰, que incentivavam a prática esportiva, inclusive do futebol, em sua pedagogia. Exemplarmente, José Moraes dos Santos Neto (2002: 19) cita um documento jesuíta que justificava a prática de exercícios físicos como o futebol no Colégio São Luiz de Itu, expondo os seus benefícios pedagógicos:

(...) “onde não folga o corpo e não se distrai o espírito, reinam o aborrecimento, o enfado, o desânimo, a preguiça e outras condições favoráveis ao relaxamento e prejudiciais à moralidade; os exercícios corporais de movimento se impõem como condição física e moral, o objetivo é revigorar, virilizar e aguerrir o corpo dos meninos e dos moços”.

Mais expressivo que o papel da educação religiosa, porém, foi o desempenhado por jovens membros da elite nacional que iam estudar em universidades europeias e

¹⁹ Todos citados por Mascarenhas (2001: 46).

²⁰ Os maristas são apontados como difusores do futebol em cidades como Uberaba (MG) e Santa Maria (RS). No mesmo sentido atuaram os jesuítas em Itu (SP), Nova Friburgo (RJ) e Florianópolis (SC) (MASCARENHAS, 2001: 48).

retornavam ao Brasil trazendo consigo novas práticas e costumes em voga na Europa, entre elas o futebol. Conforme afirma Mascarenhas (2001: 50):

Face à escassez de estabelecimentos de ensino superior no Brasil até o início do século XX, da Europa retornavam nossos jovens bacharéis, bem informados quanto aos modismos europeus e desejosos de atuar como vanguarda civilizatória. Muito mais do que os “alienígenas” agentes britânicos, os filhos ilustrados da aristocracia desfrutavam do suficiente reconhecimento da sociedade brasileira, para legitimar inovações no plano cultural.

Foram os casos, por exemplo, de Joaquim Moreira Alves dos Santos, em São Luís do Maranhão, e de Guilherme de Aquino Fonseca, em Recife, que regressaram de seus estudos na Inglaterra determinados a disseminar entre seus pares a prática do futebol (MASCARENHAS, 2001: 50-51). Nesta categoria, porém, destacam-se as atuações de outros dois indivíduos, consagradas na memória do futebol brasileiro.

Charles Miller, filho de um engenheiro escocês e de uma descendente de ingleses, nasceu em São Paulo, em 1874. Entrou em contato com o futebol na época de seus estudos na Banister Court School, na Inglaterra, onde logo se revelou um entusiasta do novo esporte e destacado jogador, participando inclusive da seleção do condado de Hampshire. Voltando ao Brasil em 1894, trouxe consigo um livro de regras, dois uniformes, duas bolas e uma bomba para enchê-las, na intenção de, “como bom *oldboy*”, egresso de uma escola inglesa, “promover a prática do esporte entre a fina-flor da juventude paulistana” (SANTOS NETO, 2002: 29). Nesse sentido, passou a frequentar o São Paulo Athletic Club, elegante clube inglês voltado à prática do críquete, conseguindo constituir uma equipe de futebol em 1895. Além disso, esteve envolvido, em abril de 1894, na organização daquela que é por muitos considerada a primeira partida organizada de futebol disputada em solo brasileiro, entre os times das empresas de matriz inglesa São Paulo Gas Company e São Paulo Railway.

Oscar Cox nasceu no Rio de Janeiro em 1880, filho de um diplomata equatoriano de origem inglesa. Como Miller, conheceu o futebol durante seus estudos no exterior, no seu caso em Lausanne, na Suíça. E tal qual seu equivalente paulista, ao voltar para o Brasil, em 1897, Cox sentiu-se compelido a divulgar o novo esporte entre os jovens cariocas. O jovem Cox consegue reunir aos poucos rapazes da alta sociedade carioca interessados pela novidade e, em 1901, organiza uma partida em São Paulo contra a mocidade local, que já praticava o futebol regularmente, a qual é considerada o primeiro confronto interestadual no Brasil. No ano seguinte, os companheiros de Cox

vão novamente a São Paulo jogar com o Clube Atlético Paulistano. Desta equipe, porém, foi deixado de fora um certo Sr. Makintosh, capitão da equipe inglesa do Rio Cricket, que resolve fundar seu próprio clube para cultivo do futebol: o Rio Foot-Ball Club, fortemente vinculado ao Rio Cricket and Athletic Association. Ao regressar, sabendo da novidade, Oscar Cox e seus colegas fundam também o seu clube, o Fluminense Foot-Ball Club, que irá desde cedo dominar o cenário futebolístico carioca (Cf. PEREIRA, 2000: 21-28).

Tais são, resumidamente, as trajetórias de Miller e Cox, indivíduos que são tradicionalmente apontados como patronos do futebol no Brasil, “os” responsáveis por sua difusão²¹. No entanto, esta noção, entranhada no senso comum e acatada inclusive por alguns pesquisadores²², exprime uma postura centralista, que tende a enfatizar apenas as manifestações de Rio de Janeiro e São Paulo, ignorando ou relegando a segundo plano os desenvolvimentos autóctones do futebol em outras regiões do país. Do mesmo modo, esta versão desconsidera que a prática do futebol já vinha ocorrendo em outras instâncias, como dentro das instituições de ensino religiosas e de forma informal por funcionários de empresas britânicas estabelecidas no Brasil, bem como nos portos e praias por marinheiros tripulantes de navios ingleses aqui ancorados. O pioneirismo de Cox e Miller está relacionado, sim, ao início da prática do futebol organizada no interior de clubes, respectivamente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, cabendo a Miller a primazia de ter sido o primeiro a fazê-lo em terras brasileiras.

Mesmo este pioneirismo, no entanto, deve ser contextualizado. Como bem critica Matthew Shirts (In: MEIHY & WITTER, 1982: 91), a partir da versão tradicional: “Tem-se a impressão de que caso Charles Miller não tivesse trazido as duas bolas, o Brasil teria chegado aos anos oitenta sem nunca ter desenvolvido o futebol, de forma alguma”. Ao contrário, devemos lembrar que se verificava, na virada para o

²¹ José Moraes dos Santos Neto (2002: 35) levanta a hipótese de que a grande força da ideia de Miller e Cox como os introdutores do futebol no Brasil pode estar relacionada a um certo “recalque terceiro-mundista”, ou seja, a tentativa de dar maior valor à origem do futebol no Brasil através da responsabilização de membros da elite de descendência europeia, por sua implantação no país. De modo semelhante, relacionar o surgimento do futebol no país à ação voluntariosa de personagens visionários se adequa muito bem a uma visão tradicional da história, baseada justamente nos grandes feitos dos grandes indivíduos, de certa forma sedimentada no senso comum.

²² Postura defendida já na clássica *História do Futebol Brasileiro*, de Thomaz Mazzoni (1950) e adotada, por exemplo, em Robert Levine (In: MEIHY & WITTER, 1982), Waldenyr Caldas (1990) e Anatol Rosenfeld (1993) (Cf. PEREIRA, 2000: 88). Além deles, também os bons trabalhos de Ronaldo Helal (1997) e Marcos Guterman (2010) tratam a questão um tanto superficialmente, assumindo o pioneirismo de Miller e Cox sem muita contestação, e sem muita atenção aos processos autônomos ocorridos no resto do país.

século XX, uma valorização dos hábitos estrangeiros por parte das elites brasileiras. Entre os costumes que buscavam imitar, destaca-se a prática esportiva, incluindo o futebol. Se não fossem Miller e Cox a tomarem atitudes pioneiras na organização do futebol, respectivamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, certamente outros indivíduos teriam tomado a iniciativa.

Dessa forma, vemos a variedade de agentes envolvidos simultaneamente na difusão do futebol, em diferentes pontos do território brasileiro, configurando o que Mascarenhas (2001: 39) chama de “padrão polinucleado de introdução do futebol”. No caso específico do Rio Grande do Sul, que examinaremos na seção a seguir, verificamos igualmente uma diversidade de influências que contribuíram para a adoção precoce do futebol no estado.

1.3 O futebol no Rio Grande do Sul: a diversidade de influências.

Ao voltarmos nosso olhar para o surgimento e afirmação do futebol no Rio Grande do Sul, chama atenção, em primeiro lugar, o fato de que as primeiras iniciativas neste sentido não tiveram lugar na capital, Porto Alegre, mas na cidade portuária de Rio Grande, no sul do estado. Ainda que não tenha sido o primeiro clube de futebol fundado em território brasileiro²³, o Sport Club Rio Grande desempenhou um papel de inequívoco pioneirismo na prática e na difusão do futebol no estado do Rio Grande do Sul. Sua fundação está relacionada à inserção da cidade de Rio Grande nas malhas do imperialismo comercial britânico.

Na segunda metade do século XIX, Rio Grande vivia uma época de apogeu e prosperidade. Seu porto desempenhava um papel de indiscutível proeminência na região, devido à sua privilegiada posição que proporcionava tanto a navegação oceânica quanto uma vasta rede fluvial interior. Importante entreposto comercial, movimentado

²³ Embora se tenha difundido, especialmente no Rio Grande do Sul, a ideia de que o do S.C. Rio Grande foi o primeiro clube a ser fundado no país (como em DIENSTMANN & DENARDIN, 2000), pelo menos quatro agremiações já praticavam o futebol no Brasil quando da sua fundação, em 19 de julho de 1900, todas da cidade de São Paulo. São elas: o São Paulo Athletic Club (antigo clube de críquete, de 1886, que adotou o futebol em 1895), a Associação Atlética Mackenzie College (1898), o Sport Club Internacional (1899) e o Sport Club Germânia (1899). O S.C. Rio Grande é, sim, o clube de futebol brasileiro mais antigo ainda em atividade. A Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas (SP), tradicional postulante a este título, foi fundada pouco depois, em 11 de agosto de 1900. Cf. MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil*. São Paulo: Ceia, 1950. Citado por MASCARENHAS (2001: 132). Sobre o S.C. Rio Grande, ver RAMOS (2000).

pelo comércio do charque e pela nascente indústria, Rio Grande oferecia grandes oportunidades de investimento, que atraíram o interesse de empresários ingleses. Estes chegaram a constituir uma pequena colônia na cidade, dentro da qual se cultivou a prática de esportes como o críquete, o remo e o tênis. Eventualmente, também, a novidade do futebol aportou entre os ingleses de Rio Grande:

Não resta dúvida de que a introdução do futebol no Rio Grande do Sul se deu através do porto de Rio Grande, e que o portador da semente era um descendente dos ricos integrantes da pequena colônia britânica local (Arthur Cecil Lawson era brasileiro nascido em 1880, porém filho de grande comerciante escocês instalado na cidade, George Wilcock Lawson, outro fundador da Câmara de Comércio de Rio Grande). Neste aspecto, estamos diante de um caso de difusão do futebol que segue o mesmo circuito já verificado em diversas localidades do mundo, isto é, se apoia nas extensas redes do imperialismo britânico (MASCARENHAS, 2001: 136).

Cidade cosmopolita que era, Rio Grande acolheu a novidade estrangeira, que se apresentava sob ares de modernidade, apropriado para um centro urbano que almejava definir-se moderno²⁴. A novidade gerou adeptos tanto na colônia inglesa, quanto fora dela, especialmente entre os alemães, levando à fundação do Sport Club Rio Grande, em 1900. Primeiro clube gaúcho dedicado ao futebol, modalidade ainda pouco conhecida no local e que era considerada violenta e estranha, o S.C. Rio Grande adotou desde muito cedo uma postura missionária, com o objetivo difundir o futebol pelo estado, uma questão de sobrevivência do próprio clube, dado o pequeno número de adeptos. Neste sentido, a agremiação organizou exposições de futebol em outras cidades, para incentivar nelas a prática do novo esporte.

A primeira cidade a receber a visita do clube rio-grandino foi a vizinha Pelotas, em 1901. Capital da indústria do charque, a cidade vivia, na virada para o século XX uma época de prosperidade e modernização, semelhante ao verificado em Rio Grande. Neste contexto, a prática refinada e civilizada do futebol foi recepcionada com curiosidade e entusiasmo pela elite local. No entanto, o legado da ação missionária do S.C. Rio Grande geraria frutos apenas três anos depois, em 1904, com a fundação do primeiro clube de futebol pelotense, o Athletic Foot-Ball Club. Nos anos seguintes, o novo esporte ganharia força com as fundações, em 1906, de outros quatro clubes: o

²⁴ O espírito da modernidade, já referido em algumas citações anteriores, que perpassava as cidades brasileiras e sua relação com a adoção do futebol é uma questão importantíssima para o presente trabalho, e será tratado de forma mais aprofundada na seção 1.4.

Club Sportivo, o Foot-Ball Club, o Club Sportivo Internacional e o Sport Clube União²⁵ (MASCARENHAS, 2001: 193-208).

Nas demais localidades por onde passou a excursão do S.C. Rio Grande, a adesão ao futebol ocorreu de forma mais rápida. A vista do clube rio-grandino à cidade de Bagé, em 1906, resultou na imediata fundação de dois clubes, o Sport Club Bagé e o Sport Club 20 de Setembro. O futebol se instalava, assim, na região da Campanha, através da vocação missionária do S.C. Rio Grande, portanto inserindo-se indiretamente nas redes do imperialismo britânico. No entanto, outras cidades da mesma região já haviam tomado contato com o esporte por outro meio, cabendo aqui uma breve digressão para comentá-lo.

Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, estava distante das regiões que interessavam aos investimentos britânicos. No entanto, contava, já em 1902, com um clube dedicado ao cultivo do futebol: o Sport Club 14 de Julho. Tal precocidade está relacionada à chamada via platina. A cidade de Livramento esteve fortemente conectada a Montevideo, de quem dependia econômica e culturalmente. O futebol, já plenamente consolidado na capital uruguaia na virada do século, vai progressivamente penetrando e ganhando adeptos na sua relativamente extensa área de influência, a qual chegava até a Campanha gaúcha. Tendo já se disseminado para a cidade vizinha de Rivera, em pouco tempo a novidade foi adotada pelo lado gaúcho, desejoso de imitar o modismo dos uruguaios e desafiá-los na nova modalidade. Outras cidades da fronteira também receberam a influência platina, adotando o futebol precocemente, como Uruguaiana e a própria Bagé, cuja familiaridade com o futebol, adquirida através do contato com os uruguaios, certamente influenciou a rápida fundação de clubes destinados à sua prática, quando da excursão do S.C. Rio Grande (MASCARENHAS, 2001: 150-161).

Tendo ao menos mencionado brevemente esta via peculiar ao estado do Rio Grande do Sul, podemos passar a mais uma cidade que foi alvo da ação missionária do pioneiro clube rio-grandino: Porto Alegre. Para melhor compreendermos o caso da

²⁵ O Sport Club Pelotas, uma das principais forças do futebol da cidade, surgiria em 1908, pela fusão do Foot-Ball Club com o Club Sportivo Internacional. Seu grande rival, o Grêmio Sportivo Brasil surgiria em 1911. Vale registrar ainda um pioneirismo do futebol pelotense, frequentemente ignorado pela historiografia: a conquista do campeonato local, por meio do uso de práticas “semiprofissionais”, bem como da inclusão de jogadores de baixa condição social, sem distinção racial, por parte do G.S. Brasil, já em 1917. Com esta formação, o G.S. Brasil foi tricampeão pelotense entre 1917-19 e foi o primeiro campeão gaúcho, em 1919. O pioneirismo neste sentido é, no entanto, tradicionalmente atribuído ao Vasco da Gama. Discutiremos este aspecto com mais detalhes na seção 1.5. Sobre a trajetória do futebol em Pelotas, ver ALVES (1984).

capital gaúcha, é fundamental considerarmos o peso da influência germânica, mais uma peculiaridade do desenvolvimento histórico do Rio Grande do Sul.

O estado, sabidamente, recebeu um dos maiores contingentes de imigrantes alemães do país, desde a primeira metade do século XIX, os quais foram incorporando-se à sociedade gaúcha e adquirindo cada vez mais importância econômica (em especial no setor industrial e empresarial) e, conseqüentemente, política e cultural. A colônia alemã estabelecida no Rio Grande do Sul teve, desde muito cedo, contato com atividades físicas e esportivas, resultado da precoce organização, por um interesse de pedagogia cívica e militar, da ginástica e da educação física na Alemanha²⁶. A comunidade germânica estava, assim, capacitada e disposta a incentivar o exercício de práticas esportivas. Neste sentido, promoveram a incorporação da educação física nos seus estabelecimentos de ensino, bem como a fundação de sociedades de ginástica e clubes de caça e tiro, em diversas localidades. Em Porto Alegre, destaca-se a criação, em 1867, da *Deutcher Turnverein*, futura SOGIPA, primeira sociedade de ginástica do estado; do *Ruder-Club*, dedicado à prática do remo, em 1888; e da *Rodforvier Verein Blitz*, dedicada ao ciclismo, em 1896. Dessa forma, os alemães contribuíram para a adoção do futebol de forma indireta:

(...) isto é, na formação de um “campo esportivo” na cidade. Entendendo-se tal noção como um conjunto de valores, ações, instituições e equipamentos urbanos, que garante ao esporte um lugar estável e valorizado no plano da cultura da cidade e da vida cotidiana (MASCARENHAS, 2001: 183).

Além de pavimentar o caminho para a fácil assimilação da novidade esportiva, a contribuição dos alemães para a introdução do futebol em Porto Alegre se deu também de forma direta. A visita do Sport Club Rio Grande²⁷ à capital, em 1903, com o objetivo de divulgar o futebol gerou resultados imediatos, como no caso posterior de Bagé. Duas agremiações para sua prática foram fundadas, no mesmo dia: O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball Club Porto Alegre. O Fuss-Ball foi fundado por membros da comunidade germânica da cidade, muitos deles sócios da *Blitz*, associação ciclista alemã, e, como seu próprio nome vem indicar, manteve-se nos primeiros anos absolutamente fechado à participação de indivíduos externos a ela.

²⁶ Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852) foi um dos pioneiros na criação de um método nacional de educação física, tendo iniciado na Alemanha o movimento das *Turnvereine* (sociedades de ginástica) e construído a primeira *Turnplatz* (área especial para exercícios), em 1811. Cf. Castro (1997: 63).

²⁷ Cabe recordar que também o S.C. Rio Grande teve a participação de alemães na sua fundação.

A fundação do Grêmio, por sua vez, teve também grande participação de teuto-brasileiros. No entanto, ainda que os alemães fossem maioria, havia também entre seus fundadores indivíduos com sobrenomes não-germânicos. De fato, embora configurasse um clube essencialmente alemão, o Grêmio manteve-se aberto a pessoas de outras origens étnicas, sempre, porém, membros da elite social e econômica de Porto Alegre.

Já a outra grande força do futebol da cidade²⁸, o Sport Club Internacional, foi fundado em 1909, por pessoas que não conseguiram ingressar nos clubes da elite porto-alegrense, Grêmio e Fuss-Ball. Estes indivíduos eram essencialmente integrantes da classe média (funcionários públicos, comerciantes e estudantes universitários), detentores de determinada posição econômica e social, e que visavam consolidá-la participando de uma atividade tão prestigiosa, como era o futebol no início do século XX. Sendo o acesso aos clubes germanófilos da elite muito restrito, fundam a sua própria agremiação, opondo-se abertamente a eles, especialmente ao Grêmio, clube do qual poderiam potencialmente participar por não haver uma barreira étnica determinante, como no Fuss-Ball. Esta rivalidade premeditada é atestada, por exemplo, pela escolha do seu nome, sinal de uma postura pluriétnica e cosmopolita, e por ter escolhido justamente o Grêmio como adversário da primeira partida (MASCARENHAS, 2001: 222-223).

Não nos interessa tanto aqui expor mais detalhes sobre a fundação dos principais clubes de Porto Alegre, tampouco sobre o modo como se organizou a Liga Porto-Alegrense de Foot-Ball²⁹ e suas sucessoras, resultados de inúmeras divergências e cisões entre seus membros³⁰. Passaremos a tratar, na seção a seguir, do ideal de

²⁸ De fato, Grêmio e Internacional mostraram ser as grandes forças do futebol porto-alegrense, logo nos seus primeiros anos de existência. No entanto, não eram as únicas agremiações dedicadas à sua prática. O trabalho de Ricardo Santos Soares (2014) é primoroso ao evidenciar a profusão de clubes em atividade na capital gaúcha nas primeiras décadas do século XX, sejam de elite, como o Frisch-Auf, fundado em 1908, o Sete de Setembro, o Militar F.C. e o S.C. Nacional, todos de 1909; sejam de origem popular, como o F.C. Rio-Grandense, de 1907, e o Ruy Barbosa, de 1915; entre muitos outros.

²⁹ Estes não são os temas centrais do presente trabalho e já foram muito bem desenvolvidos no recente trabalho de Ricardo Soares (2014).

³⁰ Com efeito, as primeiras décadas do futebol em Porto Alegre foram marcadas por conflitos no campo institucional, sendo permeadas por uma série cisões e fundações de ligas. A primeira delas foi a Liga Porto-Alegrense de Foot-Ball (LPAF), ativa de 1910 a 1915. Nos anos de 1914 e 1915, porém, o Grêmio se desfilia da LPAF e promove a fundação de uma entidade rival, a Associação de Foot-Ball Porto-Alegrense (AFPA). Ambas fundem-se no ano seguinte, formando a Federação Sportiva Rio-Grandense (FSRG), que perdurará até 1918. Neste ano, os grandes clubes de Porto Alegre abandonam a liga e fundam a Associação Porto-Alegrense de Desportos (APAD), que organizará o futebol na cidade de 1919 a 1929. No entanto, entre 1921 e 1923, o Grêmio cinde novamente com a liga e funda uma entidade paralela, a Associação Porto-Alegrense de Foot-Ball (APAF), com o respaldo da Federação Rio-Grandense de Desportos. Finalmente, em 1929, surge a Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes

modernidade almejado pelas cidades brasileiras na virada para o século XX, o qual impulsionou o entusiasmo pelo novo esporte, bem como determinou os moldes em que este deveria ser praticado.

1.4 Futebol, modernidade e o ideal do *sportsman*

A virada para o século XX trouxe consigo um amplo conjunto de transformações na vida urbana brasileira. Imbuídas do espírito da modernidade, de inspiração europeia, as grandes cidades do país cresciam, em termos populacionais e espaciais, diversificavam suas atividades, dinamizavam as relações entre seus habitantes, e aceleravam cada vez mais o seu ritmo. Neste sentido, comenta Ricardo de Figueiredo Lucena (2001: 18):

Viver na cidade, já no início do século XX, por exemplo, era viver as possibilidades do mundo das máquinas e das comunicações rápidas. Era aí que estava a nova geração de líderes políticos, a eletricidade, o automóvel, a máquina, a indústria e tudo o que significa ganhar tempo, acelerar. Eis a ordem que se impunha ao homem na cidade: o “moderno” não podia mais ficar à espera das mudanças; haveria de ir ao seu encontro.

As cidades, em franco crescimento, impactadas pela reorganização das relações sociais e de trabalho, consequências da recente abolição da escravatura e da intensificação dos fluxos migratórios interno e externo, passam por processos de reordenação do espaço público, com a abertura de grandes avenidas e a criação de novas áreas comuns, tornando-se “um ambiente onde homens passam (...) a criar ‘lugares’ e dar sentido a ‘espaços’” (LUCENA, 2001: 21). Nesse ínterim, entram também em jogo os ideais civilizatórios higienistas, que inspiram projetos de domesticação do espaço urbano³¹. De fato, tais projetos higienistas condiziam bem com as pretensões de modernidade da elite brasileira, desejosa de romper com o passado da tradição colonial ibérica, percebida como atrasada e estagnada e marcada pelo estigma da escravidão, substituindo-a por hábitos, posturas e conceitos afinados com a moderna e progressista sociedade europeia.

Atléticos (AMGEA), rivalizando com a APAD, suplantando-a no ano seguinte e assumindo a hegemonia institucional do futebol porto-alegrense até sua extinção em 1940. Maiores detalhes sobre estas ligas podem ser encontrados nos trabalhos de Soares (2014), Ribeiro (2011) e Fonseca (2012).

³¹ Caso notório do Rio de Janeiro, com a remoção dos cortiços do centro da cidade, entendidos como os lugares por onde circulavam as chamadas “classes perigosas” e antros de proliferação de vícios e doenças. Sobre isso, ver CHALHOUB (1996).

Neste sentido, ao lado de outros padrões estéticos e comportamentais, a cultura dos esportes britânica é importada como item dessa modernidade. Assim, para a elite brasileira, o esporte era considerado “uma prática ‘civilizada’, por isso educada e educativa, em contraposição aos jogos tradicionais vistos como parte de uma sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas” (LUCENA, 2001: 11). Além do fascínio que o novo modismo europeu exercia por si próprio, também a cultura médica higienista, em voga nos círculos da elite, respaldava a adoção de práticas esportivas, por meio da valorização das atividades físicas – anteriormente desprezadas pela tradição colonial portuguesa – como benéficas para a saúde e para a formação moral e intelectual. Dessa forma, o esporte “afigura-se como um símbolo, uma nova referência, como portador do signo da ‘modernidade’, da ‘civilização’ que, a partir do final do século XIX, é difundido nas diferentes cidades brasileiras” (LUCENA, 2001: 37). Último grito da moda europeia, os esportes modernos – o turfe, o remo e, por fim, o futebol – vão se proliferar pelas grandes cidades brasileiras na virada para o século XX. Importante mudança comportamental, irão se configurar como símbolos elitistas de distinção e refinamento.

Mesmo o futebol, que aos olhos de alguns cronistas da época parecia um jogo violento, despropositado e um tanto ridículo, irá representar para as elites brasileiras uma prática civilizada, cordial e elegante, a qual, além de proporcionar benefícios físicos e morais aos filhos das boas famílias, constituía também um passatempo refinado e moderno. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000: 31), citando o exemplo do Fluminense, consegue exprimir bem esta aura de modernidade e requinte que perpassava a prática elitista do futebol nos seus primórdios:

Ainda com seu uniforme cinza e branco, o time entrava em campo de maneira impecável. Com as camisas elegantes e bem passadas, as faixas que prendiam as bermudas e os penteados cuidadosamente arranjados, os jogadores mostravam a altivez com a qual disputavam suas partidas. Composto por jovens de pele clara e bigodes bem aparados, em grande parte filhos de famílias europeias, o time do Fluminense ia dando ao jogo no Rio de Janeiro um perfil definido: palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade.

Os primeiros futebolistas, assim, arrogavam-se o papel de vanguarda da civilização, arautos da modernidade. Os valores modernos que incorporavam, acabavam por ditar também quais setores sociais deveriam participar do ambiente futebolístico em formação. Entendendo que apenas indivíduos oriundos das altas camadas sociais eram

capazes de compreender as verdadeiras finalidades do desporto e apreciá-lo adequadamente, buscou-se vetar a participação das classes populares³² e restringir a prática do futebol, e mesmo a sua assistência, à elite econômica e social e à aspirantes a ela³³. Desenvolve-se, desta forma, uma ideia muito clara a respeito de quem deveria jogar o futebol, profundamente ligada a uma questão de status social, expressa no ideal do *sportsman*³⁴:

Ser jogador de futebol era ser chique na passagem do século XIX para o século XX. Assim registravam os jornais por todo o Brasil. Se tornar um *sportmen* resultaria em agregar bons valores que serviriam como passaporte à moderna sociedade que emergia. Neste caso, o ideal de *sportmen* esteve sempre relacionado aos filhos das famílias ricas dos centros urbanos que carregavam condições e valores, reais e simbólicos, bem definidos e, sobretudo, que convergiam para a modernidade (DEL PRIORE & MELO, 2009: 184).

Em suma: modernos e elitistas, os *sportsmen* defendiam a prática do futebol de forma amadora, como educado divertimento para engrandecimento físico e moral da raça, segundo o princípio do *mens sana in corpore sano*. Desta forma, disputavam suas partidas dentro dos moldes do *fair play* britânico³⁵, primando pelo cavalheirismo e cordialidade nas partidas, afinal tratava-se de uma “saudável disputa entre iguais”. Estes foram, de um modo geral, os princípios básicos que orientaram a prática futebolística no Brasil no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX.

³² Uma das maneiras encontradas pelos clubes da elite de selecionar o ingresso de associados foi a fixação de altas mensalidades e taxas de adesão, inacessível à população em geral. É o que descreve, por exemplo, Leonardo Affonso Pereira (2001: 33-35 e 62-64), no caso de clubes cariocas como Fluminense, Botafogo, América e mesmo o Bangu. De modo semelhante, Ricardo Soares (2014: 103-104) demonstra para o caso da liga porto-alegrense a prevalência de uma segregação de ordem financeira, que tornava praticamente impossível a adesão de clubes de origem popular.

³³ Como toda regra, há também neste caso exceções. O caso do Bangu é notável neste sentido. O clube foi fundado em 1904, dentro da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial, por um grupo de técnicos ingleses, sob o nome de The Bangu Athletic Club. Congregando de início apenas trabalhadores especializados de origem estrangeira e que ocupavam cargos de chefia, ainda nos seus primeiros anos de existência, os dirigentes da fábrica estimularam a abertura do clube a operários de outras origens (PEREIRA, 2001: 32-33). Do mesmo modo, o S.C. Corinthians Paulista, fundado em 1910, por trabalhadores da região de Bom Retiro, é também um exemplo de clube de origem eminentemente popular. Além disso, há também, desde muito cedo, relatos da presença de populares assistindo a partidas de futebol dos clubes da elite, em áreas separadas das damas e cavalheiros da alta sociedade (PEREIRA, 2001: 57-60).

³⁴ Há na literatura variedade de grafias do mesmo conceito: *sportman*, *sportsman*, *sportmen*. Usarei deliberadamente a forma *sportsman*, com a partícula referente a “esporte” no plural, e referente a “homem” de acordo com a concordância adequada à frase.

³⁵ Ainda que na própria Inglaterra o futebol já houvesse extrapolado os limites da pedagogia elitista que o concebeu, popularizando-se e tornando-se um espetáculo de massas para consumo da população trabalhadora, já empregando, em alguns casos, práticas profissionais.

1.5. Do semiprofissionalismo à profissionalização do futebol

Como vimos, na seção anterior, o futebol brasileiro nos seus primórdios organizou-se predominantemente de forma amadora e elitista. No entanto, como bem observa Waldenyr Caldas (1990: 37), “os limites entre amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro sempre foram muito obscuros”, de modo que, apesar das resistências iniciais dos setores mais conservadores, a inserção de outros segmentos sociais na sua prática não tardou a acontecer.

Nas primeiras décadas do século XX, o futebol torna-se um esporte extremamente popular entre todas as camadas da sociedade, atraindo um público cada vez mais numeroso para assistir aos jogos. Neste cenário, os dirigentes dos clubes de elite, membros das principais ligas das grandes cidades e os que atraíam mais torcedores, passam a perceber o grande potencial econômico do futebol e começam a cobrar ingresso para as partidas³⁶. Fazia-se, então, cada vez mais necessário atrair o público expectador, tornando-se imprescindível aos clubes a constituição de esquadrões talentosos que agradassem aos seus torcedores e fossem capazes de conquistar vitórias e títulos. Nesta nova perspectiva, “seria impossível (...) não aproveitar um jogador talentoso apenas porque seu nível socioeconômico não era condizente com a tradição e o status do clube” (CALDAS, 1990: 43).

Dessa forma, começa, a partir da década de 1910, um gradual processo de abertura dos grandes clubes à participação de indivíduos de outras origens sociais, incluindo, em alguns casos, jogadores pobres, negros e mulatos. Apesar da resistência de alguns grupos conservadores, a prática do futebol vai, assim, perdendo aos poucos seu caráter estritamente elitista, naquilo que Caldas chama de “democratização do futebol”.

Para conquistar as tão almeçadas vitórias, os clubes passaram a conceder compensações financeiras aos seus melhores jogadores e, em alguns casos, a oferecer vantagens para que os craques de outras equipes, tanto as de menor expressão como também entre os grandes, se transferissem para o seu escrete. Isto, no entanto, não acontecia explicitamente, mas de forma velada, encoberta, visto que as principais ligas proibiam expressamente este tipo de prática. Configurava-se, assim, um chamado

³⁶ Caldas (1990: 38) destaca a cobrança de ingressos já como um dos objetivos da criação das ligas no Rio de Janeiro (Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, de 1908) e em São Paulo (Associação Paulista de Esportes Atléticos, de 1913). Helal (1997: 46) afirma que, em 1917, os grandes clubes destas cidades já cobravam ingressos regularmente.

semiprofissionalismo, também conhecido como “profissionalismo marrom”, ou ainda, falso amadorismo: nas aparências, mantinha-se uma postura e um discurso amadorista, porém, na prática, disseminava-se, por todo o futebol brasileiro, o uso de práticas semiprofissionais. Estas, como veremos, não constituem um profissionalismo propriamente dito, mas criam condições propícias para seu surgimento e afirmação.

Neste sentido, por exemplo, há registros de que, já em meados da década de 1910, alguns jogadores do Rio de Janeiro e de São Paulo recebiam uma “gratificação” em dinheiro, patrocinada pelos sócios ricos dos clubes, como forma de estímulo à vitória (CALDAS, 1990: 37-38). Este costume foi, aos poucos, se complexificando, visando manter os jogadores no clube e motivá-los a vencer, ao mesmo tempo em que se buscava ocultar sua existência.

A equipe que se tornou símbolo do uso da gratificação, consagrada na historiografia sobre o tema, foi a montada pelo Vasco da Gama em 1923³⁷. Clube identificado com os descendentes de portugueses no Rio de Janeiro, o conjunto cruzmaltino foi o campeão da liga principal da cidade do naquele ano, trazendo em sua composição trabalhadores simples, a maioria analfabetos e, alguns, negros e mulatos. Considera-se que os vascaínos de 1923 foram os primeiros a triunfar com um time assim constituído, e os primeiros a institucionalizar a gratificação de forma generalizada, sob a prática conhecida como “bicho”. Neste sistema, criou-se uma espécie de tabela informal, na qual cada animal simbolizava uma quantia em dinheiro. Sobre isso, relata o clássico livro de Mario Rodrigues Filho (2010: 123):

Se o Vasco perdesse o português ia passar mal, nem ia poder andar no meio da rua. Por isso mesmo, além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores (...). Chamava-se este dinheiro de “bicho” porque, às vezes, era um cachorro, cinco mil réis, outras um coelho, dez mil réis, outras um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. Não parava aí. Havia vacas de uma, de duas pernas, de acordo com o jogo. Contra o América, campeão do Centenário, contra o Flamengo, bicampeão, contra o Fluminense, tricampeão, uma vaca de uma perna era pouco, só mesmo de duas pernas.

Esta fama atribuída ao Vasco, porém, reflete mais uma vez o centralismo da historiografia do futebol brasileiro, que muitas vezes menospreza e desconsidera o desenvolvimento do esporte em regiões do país fora do eixo Rio-São Paulo. Naturalmente que reconhecemos a importância da chamada “Revolução Vascaína”, que

³⁷ Um interessante estudo sobre a inserção de jogadores negros e pobres, por meio de práticas semiprofissionais, na equipe do Vasco da Gama foi desenvolvido por João Manuel Malaia (2010).

de fato influenciou decisivamente a popularização do futebol no Rio de Janeiro, configurando-se como precursora do regime profissional e do movimento das Especializadas, surgido na então capital federal. No entanto, o pioneirismo na inclusão de jogadores pobres, negros e mulatos, em uma equipe vitoriosa, por meio de práticas semiprofissionais, coube ao Grêmio Sportivo Brasil, de Pelotas, tricampeão da cidade entre 1917 e 1919, e campeão da primeira edição do Campeonato Gaúcho em 1919 (Cf. MASCARENHAS, 2001: 204-208; ALVES, 1984: 51-66).

Além da gratificação, alguns jogadores também passaram a receber um pagamento regular mensal, um salário efetivamente, como qualquer outro funcionário do clube. No entanto, esta quantia era sempre camuflada sob outras designações na contabilidade, de modo a não configurar uma remuneração. Exemplar neste sentido é o depoimento de Floriano Peixoto Corrêa, ex-jogador do Santos F.C.:

E passei a ganhar o pão de cada dia pateando exclusivamente a pelota no campo da Vila Belmiro. E o meu caso não era único, porque vira muitos outros no futebol nacional. Joguei todo o ano de 1932 pelo Santos, mediante ordenado mensal de 500\$000 que me era pago pelo tesoureiro do clube, à vista de um recibo fantasiado com a declaração de que se tratava de “despesas feitas para representação de jogadores”³⁸.

Este profissionalismo marrom, praticado mas não assumido pelos clubes, vigorou no futebol brasileiro de forma hegemônica desde o final da década de 1910 até 1933³⁹. Ronaldo Helal (1997: 42-43), ao examinar este período do falso amadorismo, aponta para a convivência, nesta época, de duas éticas contraditórias na base da organização do futebol no país. Por um lado, mantinha-se nominalmente um *ethos* amadorista e, por outro, aplicavam-se princípios profissionais na gestão do clube, tensão que ganha força no final da década de 1920 e início dos anos 1930. Nas palavras do autor (1997: 46):

Assim, este foi um período em que não era possível definir o sistema sob uma única ética. Uma prática dual desenvolveu-se no sentido da administração do futebol: havia a linha oficial [amadora] baseada em leis e regulamentos, e havia uma outra não oficial [profissional] que prevaleceu na administração cotidiana dos clubes, mas que não podia ser admitida abertamente.

Este sistema dual revelou-se, dentro de pouco tempo, flagrantemente inadequado às demandas do desenvolvimento do futebol brasileiro. A base administrativa amadora,

³⁸ CORRÊA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Hermano Editores, 1933, p.116. Citado por CALDAS (1990: 41).

³⁹ Como veremos adiante, surge em 1933, no Rio de Janeiro, um movimento voltado para a implementação do regime profissional no futebol brasileiro.

que relegava à ilegalidade as mais rentáveis práticas profissionais, tornou-se um incômodo empecilho ao crescimento do esporte. Como bem coloca Caldas (1990: 57):

O futebol havia ganhado dimensões tão grandes fora de campo, que tornaria inviável a manutenção do amadorismo. Os interesses econômicos, políticos e sociais fizeram, do futebol amador, a romântica imagem de um passado que parecia tão distante (...) mas que (...) coexistia com aquela realidade.

De fato, ao adentrar na década de 1930, o regime do falso amadorismo desagradava tanto aos jogadores, quanto aos clubes. Os primeiros ansiavam por serem reconhecidos enquanto profissionais, condição que lhes proporcionaria, além de uma remuneração regular e prestígio social, melhores condições para praticarem o futebol, visto que, enquanto fossem nominalmente amadores, não possuíam qualquer apoio por parte dos clubes no caso de doenças ou mesmo lesões graves ocorridas em jogo⁴⁰. Nesta situação, muitos talentos do futebol nacional partiam para jogar no exterior, em países onde o regime profissional já era aceito, atraídos por melhores condições para executar seu “trabalho”, não reconhecido no Brasil. Entre os destinos escolhidos, destacam-se a Itália, profissional desde 1929, a Espanha, desde 1930, além dos vizinhos Argentina e Uruguai, desde 1931 e 1932, respectivamente.

Dentre os brasileiros que levaram seu talento para o exterior, vale destacar o representativo testemunho de Amílcar Barbuy, grande ídolo do Corinthians e do Palestra Itália, de São Paulo, e que partiu para treinar a equipe italiana da Lazio em 1931, onde também disputou algumas partidas como jogador:

Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas. Durante 20 anos prestei desinteressadamente ao futebol nacional os meus modestos serviços. Que aconteceu? Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. (...) Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador⁴¹.

Igualmente significativa é a declaração de Vani ao partir para o San Lorenzo de Almagro, da Argentina, junto com uma leva de jogadores⁴²:

⁴⁰ Caldas (1990: 57-58) relata o caso de diversos jogadores que foram forçados a abandonar o futebol por terem se contundido gravemente ou contraído doenças fatais na época, como a tuberculose, e não terem sido amparados por seus clubes.

⁴¹ CORRÊA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Hermano Editores, 1933, p.127. Citado por CALDAS (1990: 62) e DEL PRIORE & MELO (2009: 203).

⁴² Além de Amílcar e Vani, Caldas (1990: 61-62) cita um grande número de jogadores que foram para o exterior. Pode-se destacar: os paulistas Del Debbio, De Maria, Rato e Filó (todos para a Lazio); Ministrinho, Demóstenes e Fernando, do Fluminense, também para a Itália; Fausto e Jaguaré do Vasco da Gama, que numa excursão de seu clube à Espanha, em 1931, firmaram contrato com o Barcelona; Tufi, Ramon, Teixeira e Petronilho de Brito, para o San Lorenzo de Almagro; entre muitos outros.

O nosso embarque é coisa certa. Os dirigentes do futebol nacional preferem o regime mascarado e, por isso, vamos ganhar a vida legalmente, no futebol que nos dá garantias e é mais honesto. A catilinária dos antiprofissionalistas, escreva lá, não impedirá o advento do profissionalismo no futebol brasileiro. Já se foi o tempo em que este era jogado pelos almofadinhas, filhos dos “pais da pátria”. Hoje, o *soccer* é privilégio dos rapazes humildes, como eu, que, para aprendê-lo gastaram muito sapato, rasgaram muita roupa. Os “gansos do Capitólio”, do nosso amadorismo aleijado, cansarão de grasnar suas asneiras contra os profissionais no dia em que eles abrirem e compreenderem o espírito humano e democrático do estatuto profissional. Eu vou para a Argentina satisfeito e pretendo voltar para ainda jogar futebol como profissional de verdade no Brasil, minha pátria⁴³.

Neste contexto, o profissionalismo marrom passou a ser indesejado também para os clubes brasileiros, que viam seus maiores craques abandonar as suas fileiras em busca de melhores condições no exterior. Isto constituía um problema grave, pois trouxe consigo uma visível queda de qualidade nas partidas e, conseqüentemente, a perda de público, que passou a reivindicar um futebol de melhor qualidade. Os clubes passaram, assim, a perder financeiramente com a queda nas vendas de ingressos.

Dessa forma, o desgaste e as contradições do sistema semiprofissional ficavam cada vez mais evidentes para os agentes da época, de forma que muitos puderam perceber, como Vani na citação acima, que o advento do profissionalismo no futebol brasileiro era apenas uma questão de tempo. A primeira iniciativa neste sentido coube a Antônio Gomes de Avelar, presidente do América F.C. do Rio de Janeiro, que, em 1932, declara estar disposto a assumir a condição profissional de seus jogadores e de oficializar contratos, com salários explicitamente definidos, para todos os integrantes do elenco.

Sua atitude dividiu opiniões no cenário futebolístico carioca, desencadeando uma tremenda crise. Por um lado, houve uma reação conservadora à postura de Avelar, encabeçada por Rivadávia Corrêa Meyer, presidente do Flamengo e da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), principal divisão carioca de futebol. Ao seu lado posicionaram-se dirigentes de clubes como Botafogo e São Cristóvão, defendendo a manutenção do regime amadorista. Por outro lado, constituiu-se uma corrente “progressista”⁴⁴, que defendia a imediata profissionalização do futebol carioca. Nesta, juntaram-se a Avelar, Oscar da Costa e Arnaldo Guinle, respectivamente presidente e vice-presidente do Fluminense, além de dirigentes de Vasco da Gama e

⁴³ *Ibidem*. Citado por Caldas (1990: 62).

⁴⁴ O termo é de Waldenyr Caldas (1990: 68).

Bangu, estes últimos, clubes já com uma trajetória na inclusão remunerada de jogadores de baixa condição social.

Não conseguindo convencer a totalidade dos clubes que integravam a AMEA, a corrente progressista, liderada por Arnaldo Guinle, rompe com a liga amadora e funda, em janeiro de 1933, a Liga Carioca de Foot-Ball (LCF), tendo por diretriz básica a adoção do profissionalismo. Contando com Fluminense, América, Vasco, Bangu e Bonsucesso, a LCF promove a disputa de um forte campeonato profissional, concorrente com o certame amador da AMEA, no qual tomaram parte, além de Flamengo, Botafogo e São Cristóvão, apenas equipes completamente inexpressivas⁴⁵. A situação dos amadoristas se complica ainda mais quando, no ano seguinte, Flamengo e São Cristóvão abandonam a AMEA e filiam-se à LCF, restando como clube relevante na corrente amadora apenas o Botafogo.

Para a afirmação da corrente profissionalista, era vital que esta não ficasse circunscrita ao Rio de Janeiro, mas se difundisse para outras cidades. Com esta intenção, o movimento expandiu-se, em poucos dias, para São Paulo, onde foi acolhido quase consensualmente pelos dirigentes dos clubes. De fato, na capital paulista, havia um ambiente mais favorável, mais simpático, à causa profissionalista, visto que a principal entidade que controlava o futebol, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) era mais frouxa no combate às práticas semiprofissionais do que a AMEA no Rio de Janeiro, de modo que estas transpareciam mais ao público. Evidência disto é o fato de que, já em 1929, o tradicionalíssimo Clube Atlético Paulistano decidiu encerrar suas atividades futebolísticas⁴⁶, devido à proliferação, na liga paulista, de práticas profissionais, com as quais não concordava. Desde então, houve pouca resistência ao profissionalismo em São Paulo, de modo que apenas Santos e Ponte Preta esboçaram uma reação contra a adoção do regime profissional pela APEA, que se efetivou em março de 1933. Ambos os clubes acabaram acatando a decisão da liga, que, diferentemente do caso carioca, manteve-se unificada.

⁴⁵ Caldas (1990: 213) elenca o extenso rol de clubes de baixa expressão que continuaram a fazer parte do campeonato promovido pela AMEA: Andaraí, Olaria, Confiança, Portuguesa, Engenho de Dentro, Cocotá, Mavílis, Brasil e Carioca.

⁴⁶ O Paulistano, um dos clubes mais antigos da cidade de São Paulo, fundado em 1900, é uma agremiação poliesportiva em atividade até hoje. Seu departamento de futebol é que foi fechado em 1929. No ano seguinte, muitos de seus ex-jogadores e dirigentes uniram-se a indivíduos ligados à Associação Atlética das Palmeiras, clube que também sofreu para adaptar-se ao profissionalismo, para fundar o São Paulo Futebol Clube.

De modo a garantir o sucesso do futebol profissional, a LCF e a APEA atuaram conjuntamente desde o início. Em consonância, ambas criaram uma divisão profissional e outra amadora, sendo permitido aos clubes filiados participarem nas duas modalidades, medida fundamental, de acordo com Caldas (1990: 214-215), para a efetiva extinção do amadorismo⁴⁷. Reunindo-se diversas vezes ainda em 1933, as ligas paulista e carioca elaboraram diretrizes comuns em uma “carta de compromisso”, e pleitearam o reconhecimento da Confederação Brasileira de Desportos (CBD)⁴⁸. Sendo rejeitados e considerados clandestinos pelo órgão máximo do desporto brasileiro, que primava pelo amadorismo, romperam definitivamente com ele, fundando, em agosto de 1933, a Federação Brasileira de Foot-Ball, entidade que pretendia organizar e superintender o futebol profissional em todo o país, rivalizando com a CBD.

Uma característica fundamental do movimento encabeçado por Arnaldo Guinle que vale a pena destacar, e que já estava expressa na nomenclatura adotada pela nova federação de futebol, é a defesa da gestão especializada de cada modalidade esportiva. A CBD e suas afiliadas estaduais eram entidades ecléticas, ou seja, eram responsáveis pela administração de diversos esportes, como o futebol, o remo, o atletismo e o tênis. Ao lado da profissionalização, a corrente de Guinle sustentava que cada modalidade deveria ser gerida por uma entidade especializada: uma para o futebol (a Federação Brasileira de Foot-Ball), uma para o remo, uma para a natação, e assim por diante. Por essa razão, o movimento ficou conhecido pelo termo “Ligas Especializadas”.

⁴⁷ A falta de apoio administrativo às divisões amadoras e o pouco interesse dos bons jogadores em permanecerem nesta condição tiveram como consequência a perda de atratividade ao público, precipitando a obsolescência do antigo regime futebolístico.

⁴⁸ A Confederação Brasileira de Desportos, então a entidade suprema do futebol no Brasil, responsável pela sua organização nacional e representação no exterior, teve sua origem nas disputas entre paulistas e cariocas pelo controle administrativo do esporte bretão. Desde os primeiros anos da prática do futebol no país, desportistas de ambas os estados reivindicavam para si o primado na gerência do esporte. Em junho de 1914, a principal liga carioca de então (Liga Metropolitana de Esportes Atléticos – LMEA) se reuniu com representantes de uma liga paulista dissidente (Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA) e de entidades dedicadas a outros esportes (automobilismo, hipismo, ginástica, iate clube e aeroclube) para fundar o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), visando a seleção de atletas para os Jogos Olímpicos de 1916 (que acabaram não ocorrendo), e a Federação Brasileira de Esportes (FBE), dedicada à organização dos esportes no país. Concorrentemente, em março de 1915, a liga paulista oficial (Liga Paulista de Foot-Ball – LPPF) buscou apoio em outros estados para fundar a Federação Brasileira de Foot-Ball (FBBF), pleiteando o reconhecimento internacional junto às federações uruguaia e argentina, bem como à FIFA. Tendo a FBE também buscado a associação à FIFA, criava-se um impasse em torno da soberania institucional do futebol brasileiro. Este foi solucionado em 1916, por meio de um acordo que suspendia a atividade de ambas as instituições e as substituía pela Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, que vai, a partir de então, capitanear a administração do futebol nacional. No entanto, a constante disputa entre cariocas e paulistas continuará pautando o cenário político-institucional do futebol, mesmo no seio da CBD, particularmente durante a década de 1920. Cf. SARMENTO (2006: 1-36).

A cisão entre as duas entidades que disputavam o controle das atividades futebolísticas no país iria durar até 1937, considerado “o ano da pacificação do futebol brasileiro”⁴⁹. A trajetória até lá, no entanto, foi repleta de idas e vindas. Muito cedo, a causa especializada recebeu adesões de outras regiões do país, como as da Associação Mineira de Esportes e a Federação Paranaense de Desportos. Por outro lado, já no final de 1934, a FBF perdeu importantes afiliados, como Vasco da Gama, Bangu e São Cristóvão, no Rio de Janeiro, que, por divergências com as diretorias de Flamengo e Fluminense, desligaram-se da LCF e fundaram a Federação Metropolitana de Desportos (FMD), ligada à CBD; além de Corinthians e Palestra Itália, em São Paulo, que abandonaram a APEA para fundar a Liga Paulista de Foot-Ball (LPF), igualmente filiada à CBD. Esta debandada de clubes da Federação Brasileira de Foot-Ball permitiu à CBD reerguer-se parcialmente e continuar lutando pelo controle hegemônico do futebol brasileiro. No entanto, tais clubes não aceitariam simplesmente retornar à condição de amadores. Dessa forma, a CBD, não conseguindo mais sustentar a aparência de amadorismo pleno, instituiu o chamado “regime misto”, aceitando no mesmo campeonato clubes amadores e profissionais (Cf. DRUMOND In: DEL PRIORE & MELO, 2009: 219; 223).

O fim do dissídio esportivo chegaria, como já mencionamos, em 1937. Em junho daquele ano, Pedro Magalhães Corrêa, presidente do América (membro da Liga Carioca de Foot-Ball e ligado à FBF), e Pedro Novaes, presidente do Vasco da Gama (membro da Federação Metropolitana de Desportos e ligado à CBD), apresentaram uma proposta conjunta para a reunificação do futebol carioca. O acordo, que ficou conhecido como pacto Vasco-América, determinava a criação de uma nova entidade diretora do futebol no Rio de Janeiro, na qual todos os grandes clubes da cidade seriam convidados a ingressar como membros fundadores, dissolvendo assim as duas ligas em litígio. A nova instituição ingressaria na Federação Brasileira de Foot-Ball, que por sua vez pediria filiação à Confederação Brasileira de Desportos, solucionando o conflito entre as duas facções. Neste novo cenário, a FBF ficaria diretamente responsável pela organização do futebol em todo território nacional, ao passo que a CBD, acima dela, controlaria unicamente a representação brasileira no exterior.

⁴⁹ Cf. CALDAS (1990: 221); DRUMOND (In: DEL PRIORE & MELO, 2009: 227).

Embora sofresse inicialmente a oposição da CBD, a ideia concretizou-se, em julho de 1937, com a fundação da Liga de Foot-Ball do Rio de Janeiro (LFRJ), pacificando o futebol carioca. Não tardou para que outros estados seguissem o mesmo caminho: foi o caso de São Paulo, Paraná e Minas Gerais. A CBD, assim, acabou por reconhecer oficialmente o regime profissional, aceitando a filiação da FBF e o pacto Vasco-América. Considerava-se, assim, solucionado o dissídio e pacificado o futebol brasileiro (Cf. DRUMOND In: DEL PRIORE & MELO, 2009: 227-229).

O caso gaúcho, no entanto, é muito peculiar, tanto no que se refere à sua inserção no movimento das Especializadas, quanto na sua chamada pacificação, merecendo ser analisado mais detidamente na seção a seguir.

1.6. O Rio Grande do Sul e as Especializadas

A principal divisão de futebol na cidade de Porto Alegre era organizada hegemonicamente, desde 1930, por uma entidade chamada Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atlético, a AMGEA. Filiados a ela, encontravam-se os maiores clubes da cidade, em termos de patrimônio financeiro, expressão futebolística e apoio popular: Sport Club Cruzeiro, Sport Club São José, Grêmio Sportivo Força e Luz, Sport Club Americano-Universitário e Foot-Ball Club Porto Alegre⁵⁰, além de Grêmio e Internacional, já então os dois gigantes do futebol porto-alegrense. Havia, naturalmente, outras ligas dedicadas ao futebol na cidade, como a Liga Atlético Porto-Alegrense (LAPA) e a Associação Tristezense de Esportes Atlético (ATEA). Ainda que estas recebessem algum espaço nas notas desportivas dos jornais da capital, elas compunham-se de clubes de menor expressão. O chamado “grande futebol” da cidade era administrado soberanamente pela AMGEA, que promovia entre seus afiliados a disputa do Campeonato Citadino de Porto Alegre. Administrativamente, a AMGEA encontrava-se subordinada à Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD), responsável pela

⁵⁰ O S.C. Cruzeiro e o S.C. São José, ambos fundados em 1913, são clubes de tradição no cenário futebolístico local, ainda em atividade, tendo disputado regularmente a primeira divisão do Campeonato Citadino e do Campeonato Gaúcho. O G.S. Força e Luz, fundado em 1921 por funcionários das Companhias Força e Luz Porto Alegrense e Carris Porto Alegrense, foi um clube de bastante destaque no futebol da cidade, até sua extinção na década de 1950. Por sua vez, o S.C. Americano-Universitário foi fundado em 1912, sob o nome de S.C. Hispano-Americano. Gozou de bastante sucesso local até sua extinção em 1941, tendo sido campeão citadino em três oportunidades e campeão gaúcho em 1928. Já o Foot-Ball Club Porto Alegre é o antigo Fussball Club Porto Alegre, primeiro clube fundado na cidade ao lado do Grêmio, tendo mantido suas atividades até 1944. A agremiação trocou de nome durante a Primeira Guerra Mundial, visando ocultar a origem germânica.

gerência do esporte no estado do Rio Grande do Sul, a qual, por sua vez, respondia à CBD. Portanto, o futebol em todo o estado, incluindo na capital, era praticado sob o regime do amadorismo.

Curiosamente, é em 1937, o ano considerado como o da “pacificação do futebol brasileiro”, que Porto Alegre irá se envolver efetivamente no conflito entre especializados e cebedenses. Nos meses que antecederam o pacto Vasco-América, presenciava-se um acirramento de tensões entre a CBD e a FBF, cada qual tentando angariar o maior número possível de clubes e ligas para sua causa. Neste sentido, três clubes da Liga Carioca de Foot-Ball, especializada, vinham negociando, pelo menos desde o final de abril de 1937, uma proposta de intercâmbio desportivo junto às diretorias de Internacional e Grêmio. Este acordo, consumado por contrato em junho daquele ano, estabelecia a vinda de Fluminense, Flamengo e América a Porto Alegre, bem como a ida de Grêmio e Internacional ao Rio de Janeiro, durante três anos, para que se disputassem partidas entre estes clubes. Os anfitriões comprometiam-se a arcar com as despesas de viagem e pagar uma quantia fixa por partida aos visitantes. Dentre as cláusulas do contrato, constava ainda uma pesada multa a quem quebrasse este compromisso. Por sua vez, Grêmio e Internacional comprometiam-se a adotar o regime profissional e mobilizar as forças desportivas gaúchas em torno da criação de uma liga de futebol especializada, a qual se vincularia à FBF⁵¹.

A crise das Especializadas chega, assim, ao Rio Grande do Sul, em meio ao Campeonato Citadino, desencadeando uma série de reuniões, tanto internas, nos Conselhos Deliberativos das agremiações, quanto externas, entre as diretorias dos clubes e as autoridades da AMGEA. Grêmio e Internacional conseguem persuadir para a causa especializada três dos outros cinco clubes pertencentes à AMGEA: São José, Cruzeiro e Força e Luz. O Americano e o Porto Alegre, no entanto, radicalmente contrários ao movimento de profissionalização, recusam-se a abandonar o regime amador. Tal qual ocorrera no Rio de Janeiro, há um impasse entre as duas correntes, o qual acaba levando à cisão da liga. Os cinco clubes dissidentes rompem com entidade ligada à CBD e fundam uma nova associação, a AMGEA Especializada, inaugurando novo certame.

⁵¹ Cf. “A íntegra do contracto de adhesão. Como se acham redigidas as cláusulas que uniram nossos clubs à Federação Brasileira de Foot-Ball”. *Correio do Povo*, 02/07/1937, p.11.

A antiga AMGEA Cebedense, desfalcada de cinco de seus membros, reorganiza-se, convidando clubes de outras ligas a integrar o campeonato ao lado de Porto Alegre e Americano. Foi o caso do Grêmio Sportivo Renner, antigo membro da LAPA, e da Sociedade União Villa Nova, da ATEA⁵². Além deles, também foi estendido o convite ao Sport Club Novo Hamburgo, da região metropolitana, que possuía uma equipe bastante competitiva, fazendo frente aos principais clubes da capital, e que há tempos vinha pedindo ingresso na AMGEA. Formam-se assim dois campeonatos paralelos em Porto Alegre, um amador e um profissional, conduzidos por duas AMGEAs diferentes. A cisão deixou o futebol porto-alegrense com a seguinte composição de forças:

Tabela 1 – Divisão no futebol porto-alegrense em 1937.

AMGEA Cebedense (amadora)	AMGEA Especializada (profissional)
Porto Alegre	Grêmio
Americano	Internacional
Renner	Cruzeiro
Villa Nova	Força e Luz
Novo Hamburgo	São José

O impacto das Ligas Especializadas no Rio Grande do Sul, porém, permaneceu restrito à capital. De fato, a Federação Rio-Grandense de Desportos, entidade máxima do esporte no estado, repudiou a atitude tomada por Internacional e Grêmio ao encabeçar o movimento especializado em Porto Alegre. Por essa razão, a AMGEA Especializada foi desfilhada da FRGD, sendo impedida de enviar um representante para participar do Campeonato Gaúcho⁵³. Por sua vez, os clubes e ligas do interior do estado mantiveram-se fiéis aos ditames da FRGD e da CBD, recusando qualquer associação com o movimento especializado.

⁵² O G.S. Renner foi fundado em 1931 por iniciativa de funcionários da indústria A.J. Renner, no bairro Navegantes. Lembrado por muitos como a terceira força esportiva da capital, conquistou o Campeonato Citadino três vezes e foi campeão gaúcho em 1954. Fechou as portas em 1958. Sobre a S.U. Villa Nova pouco se sabe, além de que foi fundada em 1927 por um grupo de agricultores.

⁵³ Dessa forma, o Grêmio, mesmo sendo campeão da AMGEA Especializada nos anos de 1937 e 1938, não pôde participar do Campeonato Gaúcho, que era disputado entre os campeões das “regiões” reconhecidas pela FRGD. Os representantes de Porto Alegre no Campeonato Gaúcho em 1937 e 1938 foram, respectivamente, o Novo Hamburgo e o Renner, campeões da AMGEA Cebedense nestes anos.

Muito embora o pacto Vasco-América tenha dado início ao processo de pacificação logo após o dissídio no futebol gaúcho, este perdurou ainda durante todo o ano de 1938. Neste ano, também o Americano-Universitário abandonou as fileiras cebedenses para ingressar no campeonato da AMGEA Especializada. Com uma desvantagem de dois membros em relação à liga rival, a AMGEA Cebedense resolve filiar mais dois clubes, os pequenos Sokol e Ferroviário⁵⁴. Ficava clara a esta altura a superioridade técnica da entidade especializada, que contava com praticamente todos os grandes clubes da capital.

As tratativas para a reunificação, no entanto, não foram simples, esbarrando na intransigência de ambas as partes e estendendo-se por várias reuniões para definir os seus moldes. Uma das principais divergências dizia respeito a como se configuraria a nova liga: quantos e quais clubes disputariam o certame? Àquela altura, as AMGEAs somavam doze agremiações filiadas, um número excessivo para um campeonato de todos contra todos. No entanto, a ideia de dividir a nova associação em duas séries desiguais (A e B), ou mesmo em dois grupos equivalentes, causava grande polêmica.

Ao final, optou-se mesmo pela separação em duas divisões, uma superior a outra. Pelo fato de os campeonatos já estarem em andamento, decidiu-se que esta nova configuração se efetivaria a partir da temporada de 1939. Os componentes de cada série seriam definidos por meio de um Torneio Relâmpago, todos contra todos em turno único, realizado entre maio e agosto de 1939⁵⁵, no qual tomaram parte todos os clubes pertencentes às AMGEAs, à exceção do Novo Hamburgo, desfilado por não pertencer à cidade de Porto Alegre, e do Villa Nova, que abandonou o certame nas primeiras rodadas. Os cinco melhores qualificados neste torneio se classificariam para a elite do futebol porto-alegrense, ao passo que os cinco últimos comporiam a segunda divisão. A classificação do campeonato determinou a seguinte configuração:

⁵⁴ As referências a estes clubes são esparsas. A Sociedade Esportiva Sokol estava ligada à comunidade polonesa de Porto Alegre. A agremiação (cujo nome significa “falcão”) comum nos núcleos de imigrantes poloneses em todo mundo, dedicava-se ao cultivo de exercícios físicos, incluindo o futebol, com funções cívico-culturais (Cf. Nievinski Filho, s/d). Por sua vez, o chamado “Ferroviário”, é uma antiga denominação do Nacional Atlético Clube, que assumiu este nome em 1940, tendo sido fundado em 1937 por funcionários da Via Férrea de Porto Alegre. Desfrutou de relativo sucesso no futebol da capital, até sua extinção em 1958 (Cf. Buchmann, 2002).

⁵⁵ O Campeonato Citadino em si seria disputado entre outubro de 1939 e fevereiro de 1940.

Tabela 2 – Configuração da liga porto-alegrense reunificada em 1939.

Primeira Divisão	Segunda Divisão
1º Internacional	6º Renner
2º Grêmio	7º Ferroviário
3º Força e Luz	8º Porto Alegre
4º Cruzeiro	9º São José
5º Americano	10º Sokol

Dessa forma, somente podemos falar em “pacificação” no futebol porto-alegrense, efetivamente, no ano de 1939. Fica manifesto, assim, novamente um certo centralismo da historiografia tradicional sobre o futebol, que considera 1937 como o “ano da pacificação do futebol brasileiro”. Neste caso, o desporto gaúcho claramente não é contemplado na expressão “futebol brasileiro”, visto que a cisão entre especializados e cebedenses no Rio Grande do Sul perdurou, como vimos, até o final de 1938, podendo considerar-se pacificado, apenas em 1939.

Tendo examinado brevemente a trajetória do movimento de profissionalização do futebol no Brasil e de sua chegada ao Rio Grande do Sul, é interessante considerarmos mais profundamente o contexto brasileiro na década de 1930. Dessa forma, dedicaremos a seção seguinte às relações do governo brasileiro sob a presidência de Getúlio Vargas com os esportes, particularmente durante o período do Estado Novo.

1.7 O esporte na Era Vargas

O governo de Getúlio Vargas, desde sua ascensão ao poder em 1930, mas particularmente durante o Estado Novo⁵⁶, possuía diversas razões para se interessar por uma aproximação com o esporte. Este, em especial o futebol, era um fator de mobilização das massas urbanas, de modo que não poderia ser ignorado pelo governo, desejoso de articular as classes populares em torno de seu projeto político-social. Neste sentido, o esporte constituía aos olhos do governo um veículo privilegiado para a

⁵⁶ A bibliografia sobre a Era Vargas é vasta. Textos mais gerais incluem os trabalhos de Axt et all. (2005) e Pandolfi (1999). Para a repercussão do Estado Novo no Rio Grande do Sul, é indispensável citar os trabalhos de René Gertz (2005) e Luciano Abreu (2007).

difusão de um ideário nacionalista afinado com o discurso do Estado⁵⁷. De modo semelhante, ideia de que o esporte proporcionaria o fortalecimento da raça e o crescimento cívico da população brasileira, também contribuiu para a sua inserção nos planos da política getulista (Cf. SARMENTO, 2006: 56-57).

Devido a esta grande importância adquirida pelo futebol no projeto de nação do governo varguista, e tendo em vista as medidas no sentido de profissionalização, centralização, normatização e regulamentação que pôs em prática nos diversos âmbitos da sociedade brasileira, poderíamos ser levados a assumir uma intenção deliberada e intervenção direta do Estado no sentido de profissionalizar o futebol, visto que este processo se desenrola entre 1933 e 1937. No entanto, um breve olhar sobre o período nos revela que esta relação não se verifica empiricamente. De fato, uma intervenção estatal no esporte ocorreria apenas alguns anos mais tarde, já durante o Estado Novo.

Em janeiro de 1939, o governo lança o Decreto-Lei nº 1.056, que institui a Comissão Nacional de Desportos, encarregada de elaborar um estudo acerca das condições do esporte no país e desenvolver um projeto para sua normatização. Os esforços desta Comissão concretizam-se em abril de 1941, quando é publicado o Decreto-Lei nº 3.199, por meio do qual criava-se o Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão que visava superintender, orientar e fiscalizar a prática desportiva em todo o país. Para compreendermos a inserção do esporte dentro da política estadonovista, é fundamental analisarmos algumas categorias conceituais presentes na nova legislação.

A primeira delas refere-se à noção de disciplina. De fato, o próprio presidente Getúlio Vargas, ao expor os motivos que levaram à execução do projeto do Decreto-Lei nº 3.199, destaca que, apesar do crescimento do esporte no país, este ainda ressentia-se pela “falta de organização geral e adequada, que lhes imprima a disciplina necessária à sua correta prática, conveniente desenvolvimento e útil influência na formação espiritual e física da juventude” (MANHÃES, 1986: 27).

⁵⁷ É fato amplamente notório que o governo de Getúlio organizava comícios e festejos cívicos, como o Dia do Trabalhador, em estádios de futebol, como o São Januário, no Rio de Janeiro, e o Pacaembu, em São Paulo. Do mesmo modo, eram comuns as apresentações atléticas e exibições de ginástica nos desfiles da Semana da Pátria, como forma de exaltação do valor da raça e da nacionalidade brasileira. Cf. Drumond (In: DEL PRIORE & MELO, 2009: 239-243).

Certamente que a categoria disciplina refere-se aqui à adoção de medidas de caráter administrativo, visando a racionalização e a eficácia operativa da gerência esportiva no país. No entanto, há uma dimensão ulterior, que diz respeito à inserção do campo esportivo no projeto de ordem social empreendido pelo Estado Novo, em outras palavras, à corporativização da ordem desportiva. O projeto de sociedade corporativo pressupunha a “intervenção do Estado na dinâmica e no funcionamento das entidades civis, superpondo o público ao privado em nome da ‘harmonia social’” (MANHÃES, 1986: 29). Neste sentido, o disciplinamento dos diversos âmbitos da sociedade era fundamental para a erradicação dos conflitos e o estabelecimento desta paz social. Para o esporte, não poderia ser diferente.

Sob a ótica das autoridades responsáveis pela regulamentação dos desportos, os diversos conflitos acontecidos neste âmbito estavam relacionados à persistência de uma “ordem liberal” ainda vigente, resultado da livre e espontânea associação dos desportistas em clubes, ligas, federações, enfim, entidades de direito privado sem a interferência estatal. Dessa forma, urgia disciplinar as atividades esportivas, dotando-lhes de uma legislação apropriada. Neste sentido, Eduardo Dias Manhães (1986: 32), elabora um interessante quadro evidenciando as discrepâncias entre alguns pressupostos do projeto social corporativo e a realidade da ordem desportiva brasileira:

Tabela 3 – Quadro comparativo entre o projeto corporativo e a ordem desportiva brasileira, segundo Manhães.

Ordem Corporativa	Ordem Desportiva (“Liberal”)
Intervenção e Controle	Autonomia
Oficialização das Entidades	Iniciativa Privada
Aparelhação da Ordem	Poder Estatutário
Verticalização Linear das Funções	Pluralismo
Harmonia	Conflito

Assim, a nova legislação extinguiu a antiga configuração, na qual uma pluralidade de entidades autônomas, organizadas por iniciativa privada dos clubes e seus dirigentes, administravam os esportes com base em seus próprios estatutos reguladores, que variavam de uma para outra. Em seu lugar, impunha-se a existência de

uma única entidade oficial a nível nacional para cada modalidade (ou grupos de modalidades)⁵⁸, sujeita a intervenção e controle estatal, por meio do Conselho Nacional de Desportos, e que deveria orientar a prática esportiva segundo normas unificadas e espelhadas nas regras internacionais. Este modelo passava a valer também para os âmbitos estadual e local, cujas entidades deveriam subordinar-se às respectivas federações e confederações superiores, de acordo com o princípio de verticalização linear das funções. Buscava-se, assim, a solução dos conflitos no campo esportivo e o pleno estabelecimento da harmonia social⁵⁹.

Além da ideia de disciplina, um segundo elemento que influenciou decisivamente a intervenção estatal nos esportes foi a política nacionalista. De fato, dentro de seu projeto de sociedade, o governo de Vargas durante o Estado Novo buscou mobilizar a população trabalhadora através de um discurso nacionalista, que aproximava os conceitos de Estado e de Nação. Para tanto, buscou-se aplicar um ideário nacionalista e autoritário, baseado na obra de pensadores como Francisco Campos, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral⁶⁰, criando iniciativas tanto no plano simbólico-cultural, como no político-institucional.

Dentro desta política nacionalista-autoritária era também fundamental capitanear os esportes, entendidos como capazes de dotar os brasileiros de um senso de patriotismo, bem como de capacitá-los, física e moralmente para a defesa dos interesses da nação. A criação do Conselho Nacional de Desportos insere-se nesta perspectiva, na medida em que tinha como objetivo explícito “tornar os desportos cada vez mais (...) uma alta expressão da cultura e da energia nacionais” (MANHÃES, 1986: 59). De fato, João Lyra Filho, seu presidente durante todo o período do Estado Novo, comentou o seguinte a respeito do tema:

O objetivo primeiro da legislação desportiva daqueles dias era preparar os brasileiros culturalmente para representarem o país, criando um ambiente propício ao aprimoramento de uma *cultura desportiva nacional*, dando uma

⁵⁸ O Decreto-Lei 3.199 reconhecia a constituição de seis entidades: a Confederação Brasileira de Basquetebol, a Confederação Brasileira de Pugilismo, a Confederação Brasileira de Vela e Motor, a Confederação Brasileira de Esgrima, a Confederação Brasileira de Xadrez e a Confederação Brasileira de Desportos, que ficava responsável pelas demais modalidades (Cf. MANHÃES, 1986: 50).

⁵⁹ Manhães (1986: 53) elabora ainda outro interessante quadro, no qual compara como estas características da ordem corporativa foram aplicadas, semelhantemente, nos esportes e nos sindicatos.

⁶⁰ Sobre o pensamento nacionalista autoritário brasileiro no Estado Novo e o projeto corporativista há uma vasta bibliografia, como MEDEIROS (1978), LAMOUNIER (1985), GOMES (2005) e CARDOSO (2007). Para uma visão panorâmica das ideias de Francisco Campos, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna, ver TORRES (1999: 30-53).

consistência que representasse o brasileiro (MANHÃES, 1986: 59-60) [grifo do autor].

Muito vinculado a essa proposta nacionalista, insere-se o terceiro e último elemento a destacar: o componente moral e cívico. De fato, entendia-se como competência do CND “tornar dos desportos um eficiente processo de educação física e espiritual da juventude” (MANHÃES, 1986: 77). As autoridades encaravam o esporte como uma alta expressão da nacionalidade e parte essencial do processo de educação moral e cívica da juventude brasileira. Neste sentido, por exemplo, Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde – ministério ao qual o CND estava subordinado –, em documento preparatório ao Decreto-Lei 3.199, dirigido ao presidente Getúlio Vargas, já se referia ao desporto como “um dos meios de educação cívica da mocidade e (...) uma viva expressão da energia nacional” (MANHÃES, 1986: 79).

Um trecho do Decreto-Lei 3.199 muito interessante, no sentido de enfatizar o aspecto de moralidade inerente ao esporte, é a alínea “b” do artigo 3º. Por meio dela, determinava-se:

b) incentivar, por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática dos desportos educativos por excelência, e ao mesmo tempo exercer rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, com o objetivo de mantê-lo dentro de princípios da estrita moralidade (MANHÃES, 1986: 78).

O que esta seção do documento nos revela é a vigência da ideia de que apenas o esporte amador poderia contribuir eficazmente para a formação da moralidade e do civismo da juventude brasileira, conforme a expectativa do governo nacionalista. O profissionalismo, ao contrário, era entendido como intrinsecamente imoral e encarado com profunda desconfiança, devendo ser rigidamente vigiado para que não incorresse no seu comportamento natural, moralmente condenável. A análise desta ideia será retomada e ampliada no capítulo 3.

Por agora, cabe-nos um último olhar sobre o processo de profissionalização do futebol em si, tema central para o presente trabalho. Como vimos, este ocorreu antes do Estado efetivamente impor seu controle sobre o âmbito esportivo, ainda que posteriormente tenha buscado assumir o controle dos seus destinos. Maurício Drumond⁶¹ oferece uma interpretação bastante interessante sobre a crise que envolveu a

⁶¹ DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 213-244.

profissionalização do futebol. Para o autor, o governo de Getúlio Vargas foi marcado por uma profunda ambiguidade entre modernidade e tradição.

Por um lado, o país atravessava uma grande modernização econômica e social, com a implementação de ampla gama de políticas sociais, envolvendo a regulamentação da educação, do serviço público, do trabalho e da cultura, por exemplo, e com uma crescente racionalização do aparelho burocrático do Estado, que provia meios administrativos e recursos financeiros a essas políticas. Junto a essa modernização, conviviam fortes características tradicionais, representadas pelas oligarquias regionais que ainda possuíam grande influência junto ao governo (DRUMOND In: DEL PRIORE & MELO, 2009: 217).

Esta ambiguidade permeava também as relações no âmbito esportivo. De fato, para Drumond, o dissídio esportivo representava as próprias contradições do regime varguista, na medida em que configurava, para além de uma divergência entre amadoristas e profissionalistas, uma disputa entre duas elites pelo controle hegemônico da gerência do futebol nacional. Uma elite tradicional, representada por nomes como Arnaldo Guinle e Oscar da Costa, que haviam sido presidentes da CBD entre 1916-1920 e 1924-1927, respectivamente, estava perdendo espaço no controle político do esporte nacional. Outra elite, que ascendera ao poder ao lado de Getúlio, tomava seu lugar na direção da CBD. Deste grupo destacam-se homens como Luiz Aranha, irmão de Oswaldo Aranha e presidente da CBD entre 1936-1943, e João Lyra Filho⁶², futuro presidente do CND.

Para Drumond, o conflito no âmbito desportivo configurava, assim, um embate entre estas duas facções: de um lado, a elite ascendente, ao assumir o controle da CBD, encampava o seu ideal amadorista; por outro, a elite decadente, alijada do poder no campo esportivo institucional assumia o ideal profissionalista, cuja implantação urgia no futebol brasileiro, buscando retomar o controle administrativo do esporte por meio da criação uma nova entidade de âmbito nacional para rivalizar com a CBD. Percebe-se, dessa forma, a tensão entre modernidade e tradição, não apenas pelo fato de que uma das elites era ascendente (“moderna”) e outra decadente (“tradicional”), mas pela própria disputa pelo poder institucional travada entre elas. Esta foi uma característica muito marcante do período da República Velha, que, no entanto, seguia ocorrendo em plena Era Vargas. Dessa forma, como destacamos na citação anterior, o governo de

⁶² Tanto Luiz Aranha quanto João Lyra Filho eram figuras ligadas ao Botafogo, o que explica o posicionamento do clube como grande bastião do amadorismo no futebol carioca e brasileiro durante o dissídio, na medida em que suas lideranças estavam engajadas na defesa manutenção da CBD como entidade suprema do desporto nacional.

Getúlio Vargas, ainda que almejasse uma modernização da estrutura administrativa, conviveu com características tradicionais, tais como a influência de indivíduos ligados às velhas oligarquias, que, neste caso, empenharam-se em recuperar a posição de poder que anteriormente detinham.

Até certo ponto, esta antiga elite alcançou seus objetivos. De fato, o modelo de conciliação proposto pelo pacto Vasco-América consagrou a vitória do grupo ligado à Federação Brasileira de Foot-Ball, na medida em que esta ficava responsável pela organização do futebol em todo território nacional, deixando para CBD apenas a responsabilidade sobre a Seleção Brasileira e disputas internacionais, atribuições que já possuía em razão de sua filiação à FIFA. No entanto, este sucesso foi efêmero. A interferência estatal nos assuntos desportivos, por meio do Decreto-Lei 3.199, colocava o grupo ligado à CBD novamente na direção do futebol nacional, visto que a nova legislação, além de apontar João Lyra Filho para a presidência do CND, acabou por extinguir a FBF, delegando a administração do futebol unicamente à CBD.

Cabe ressaltar que, no campo discursivo, tanto a elite dita tradicional quanto a moderna, articularam diferentes faces do discurso estatal moderno dos anos 1930. À parte do embate que travaram pelo controle institucional do esporte brasileiro, estava em jogo a discussão de como deveria se organizar o futebol na era moderna: deveria ser profissionalizado, à semelhança do que política estatal estava promovendo em outras áreas da sociedade; ou deveria permanecer amador, para que se pudesse usufruir dos seus benefícios educativos e cívicos? Como vimos, este debate dividiu opiniões. Por um lado, a elite ascendente, que assumiu a direção da CBD, adotou um discurso centrado no amadorismo e nas suas contribuições para o desenvolvimento físico e mental da população e ao engrandecimento da raça, perspectiva muito afinada com uma noção de esporte moderno do final do século XIX, mas que ainda possuía grande difusão. Por outro lado, a elite decadente, que se viu afastada do poder, assumiu um discurso que defendia o profissionalismo como o caminho para a modernização do futebol brasileiro.

Esta discussão chegou também às esferas decisórias do Estado, interessadas em regulamentar a prática esportiva, a fim de que pudesse ser apropriada em benefício do projeto de sociedade almejado. A legislação imposta pelo governo de Vargas para a normatização do esporte reflete este debate e a existência de elementos de ambas as posições dentro do discurso estatal varguista. Aceita-se o profissionalismo no futebol, o

qual já havia se consolidado enquanto prática cotidiana nos clubes, sendo impossível continuar ignorando-o. Porém admite-se que será necessária uma “rigorosa vigilância” sobre ele e, ao mesmo tempo, continua-se a fomentar o esporte amador, devido à sua já mencionada função educacional, cívica e patriótica.

Tendo assim examinado brevemente a trajetória do futebol desde seus primórdios na Inglaterra até sua chegada em Porto Alegre, expondo algumas concepções e conflitos que estavam em jogo na sua prática desde a criação dos primeiros clubes no país até o Estado Novo, dedicaremos o próximo capítulo a questões relativas à imprensa escrita e o modo como ela abordou determinados aspectos do esporte profissional no Rio Grande do Sul. Veremos, nos capítulos subsequentes, como esta disputa entre amadores e profissionais é abordada no campo discursivo pela crônica esportiva do jornal *Correio do Povo*, particularmente a partir da inserção de Porto Alegre nesta crise das Especializadas.

2 Imprensa e futebol no Rio Grande do Sul: o posicionamento e as estratégias discursivas do jornal *Correio do Povo*.

No capítulo anterior, traçamos um pouco da trajetória do futebol no Brasil e no Rio Grande do Sul. Daremos início, no presente capítulo, à análise do tratamento que o jornal *Correio do Povo*, através de suas notas desportivas, dá ao processo de profissionalização do futebol em Porto Alegre, entre os anos de 1937 e 1939.

Para tanto, destacaremos, de início, um aspecto que é de certa forma um pressuposto para as demais análises que empreenderemos neste capítulo e nos que se seguem. Este se refere ao franco posicionamento pró-cebedense do periódico, a despeito de seu discurso de neutralidade. Em seguida, examinaremos as estratégias discursivas empregadas pelo jornal, na conciliação destes dois modos antagônicos de proceder, quais sejam, a pretensão de um discurso neutro, e a necessidade de posicionamento, intrínseca à atividade jornalística.

Iniciaremos, no entanto, fazendo algumas considerações acerca do desenvolvimento da atividade jornalística no Rio Grande do Sul, sempre atentos ao contexto da imprensa nacional, e sobre o papel de destaque do *Correio do Povo* nesta trajetória.

2.1 O *Correio do Povo* e o jornalismo informativo moderno.

Os autores Jandira Silva, Elvo Clemente e Eni Barbosa (1986) delineiam uma periodização para o desenvolvimento da imprensa no Rio Grande do Sul, baseados na classificação de Juarez Bahia⁶³ para o cenário nacional. Nela se distinguem três etapas: uma fase inicial, compreendendo os jornais do período farroupilha e os que antecederam o movimento revolucionário; uma fase de consolidação, correspondendo ao período de surgimento e consolidação dos primeiros “grandes marcos” da imprensa no Estado, os periódicos *A Reforma* e *A Federação*; e, por fim, uma chamada fase moderna, a partir da fundação do *Correio do Povo* e da afirmação de moldes capitalistas no jornalismo rio-grandense.

⁶³ BAHIA, Juarez. *Três Fases da Imprensa Brasileira*. Santos: Ed. Presença, 1960. Citado por: SILVA, J.; CLEMENTE, E.; BARBOSA, E. (1986).

Ainda que esta análise, valendo-se de uma periodização, implique em uma generalização e acabe por “engessar” a compreensão do processo histórico, podemos partir dela para tecer algumas considerações sobre o desenvolvimento do jornalismo no estado. Neste sentido, identificamos um movimento de transição na história da imprensa gaúcha, e brasileira como um todo, relacionado à alteração do padrão jornalístico predominante, iniciado nos últimos anos do século XIX. Estas transformações são identificadas, na terminologia dos autores, com a passagem da “fase de consolidação” para a “fase moderna”. Já vimos anteriormente, na seção 1.4, como o espírito da modernidade influenciou decisivamente a adoção do futebol nas principais cidades brasileiras. Retomemos aqui algumas de suas características que contribuíram também para esta mudança no modo de se fazer imprensa.

Na virada para o século XX, as grandes cidades brasileiras viviam em uma atmosfera de transformação. A partir da instauração da República, passou a ser cada vez mais presente um ideal de progresso, que buscava esquecer o passado escravista e colonial e voltar o olhar para o futuro da nação. Neste sentido, inaugura-se uma época de modernização dos centros urbanos, com a adoção de iluminação elétrica, dos bondes, a abertura de avenidas e a circulação dos primeiros automóveis. Descortina-se um novo universo audiovisual, repleto de máquinas, vitrines, propagandas, ruídos e luzes, proporcionando novas percepções acerca da vida na cidade grande. Ao mesmo tempo, as novas tecnologias passam a exercer grande fascínio, e trazem como consequência a instauração de uma lógica de aceleração, do mundo, das relações e do próprio ritmo da vida urbana (Cf. BARBOSA, 2007: 22; 2013, 181-192).

A imprensa escrita não permaneceria alheia a este contexto. Ao contrário, desempenhou importante papel nesta aceleração de ritmo verificada na modernização dos centros urbanos brasileiros. Como comenta Tânia Regina de Luca (2006: 137):

A chegada do século XX parecia anunciar mais do que uma simples mudança no calendário; tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração.

No entanto, para assumir esta função, a imprensa escrita teve, ela própria, que se modernizar. A tendência jornalística predominante na imprensa brasileira, e também rio-grandense, era, na segunda metade do século XIX, aquela do modelo chamado de político-partidário⁶⁴. Tal tendência tinha como pressuposto básico constituir o jornal em um meio de formação doutrinária da opinião pública. Como bem coloca Francisco Rüdiger (2003: 37):

Na verdade, o jornalismo político-partidário desenvolveu a concepção de que o papel dos jornais é essencialmente opinativo, visa veicular organizadamente a doutrina e a opinião dos partidos na sociedade civil. Os jornalistas são os responsáveis pela tarefa de transmitir de forma criteriosa a doutrina dos partidos e dirigir a opinião pública. A perspectiva não se limita a reconhecer o papel dos jornais no processo de formação da opinião pública, postulando sua organização para o exercício de um papel dirigente, porém concorrente com o das demais folhas, no movimento da esfera pública. Logo, o jornalismo passou a se organizar em função da “tarefa ingente de dirigir a opinião nacional” (*A Gazeta de Notícias*, Porto Alegre, 1/1/1886).

A consolidação desta vertente jornalística no Rio Grande do Sul está, de um modo geral, identificada com o crescimento agrícola e comercial que se verifica na economia gaúcha a partir de 1860. Este ciclo favoreceu diretamente o desenvolvimento do jornalismo no sentido técnico, ao possibilitar inovações que contribuíram para o aumento da qualidade gráfica das publicações, o aumento no número de tiragens, o surgimento de mais periódicos e uma distribuição mais eficiente.

Entretanto, a prática jornalística era ainda precária: o público leitor ainda era muito limitado, devido ao baixo grau de escolarização da população e à persistência da escravidão até 1888; o custo de manutenção de uma tipografia era muito elevado, encarecido pela necessidade de uma mão-de-obra especializada e pela importação de papel; e os recursos arrecadados com a publicação de anúncios não representavam grande quantia.

Desta forma, não existia efetivamente a possibilidade de obtenção de ganhos econômicos com a fundação de um jornal. Esta se dava em primeiro lugar por motivações políticas:

⁶⁴ É importante ressaltar que os jornais gaúchos, desde o seu primeiro aparecimento no final da década de 1820, possuíam já uma característica predominantemente político-partidária, tendo surgido, como na maioria dos estados brasileiros, em resposta à insatisfação com o regime monárquico. No entanto, até meados do século, os jornais possuem publicação e circulação muito irregular, variando de acordo com o curso dos acontecimentos políticos. Discute-se nesta seção, as características do jornalismo produzido a partir da década de 1860, quando as publicações passam a ser mais regulares, organizadas e com uma maior penetração social.

(...) as preocupações econômicas não estavam na ordem do dia. A manutenção dos periódicos não constituía um problema financeiro, mas um problema político. O lançamento dos jornais não visava ao lucro mercantil, mas à doutrinação da opinião pública. As páginas dos jornais não somente constituíam um prolongamento da tribuna parlamentar, mas meios de articulação partidária do movimento da sociedade civil (RÜDIGER, 2003: 39).

Neste contexto, o primeiro grande jornal que despontou operando dentro dessa perspectiva de jornalismo partidário no estado foi o periódico *A Reforma*, órgão vinculado ao Partido Liberal. Fundado em 1869 e tendo mantido suas atividades até 1912, ele teve como principal diretor o próprio Gaspar Silveira Martins, líder do partido. Em relação às suas premissas editoriais, o jornal se pronunciava de modo explícito:

(...) apresentou-se ao público como folha doutrinária, estabelecendo que “não dará publicidade a escritos que, embora não ofendam as regras que indica (dignidade, verdade e decência), tratem de interesses e questões pessoais”. Nessa tomada de distância dos pasquins, definiu como sua missão “refletir sobre as questões afetas ao modo de viver político e administrativo e ao complexo da organização social” (*A Reforma*, Porto Alegre, 16/7/1869) (RÜDIGER, 2003: 41).

Por outro lado, o periódico que mais emblematicamente representa esta etapa do jornalismo gaúcho foi *A Federação*. Lançado em 1884 e tendo perdurado até o advento do Estado Novo em 1937, o jornal teve papel central na articulação do movimento republicano no Rio Grande do Sul, enquanto órgão de combate e propaganda ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense. Sua direção ficou a cargo do próprio Júlio de Castilhos, tendo o jornal se constituído, durante a República Velha, no porta-voz oficial do governo castilhista.

A Federação constituía, então, a correia de transmissão da política governamental, facilitando as articulações partidárias numa época em que eram difíceis as comunicações. (...) A folha tinha um papel fundamental na construção e manutenção da nova hegemonia, guiando-se ideologicamente pela tradução castilhista do positivismo comtiano (RÜDIGER, 2003: 44).

Este modelo jornalístico político-partidário, entretanto, começa a entrar em declínio, em todo o país, a partir da última década do século XIX. Sua decadência está associada a diversos fatores, os quais irão levar ao seu progressivo desaparecimento até o Estado Novo. No caso gaúcho, destacam-se importantes alterações na estrutura econômico-social. A pecuária, tradicionalmente a principal atividade econômica do Estado, e que havia alavancado o jornalismo partidário, encontrava-se em um momento de estagnação e declínio. Em contraposição, despontavam no estado as primeiras atividades industriais, cuja maturação caminhou lado a lado com a expansão e a

urbanização das grandes cidades, que conviviam com um processo de crescimento populacional e complexificação social.

Assim, passam a se desintegrar as condições históricas de possibilidade de existência e manutenção do jornalismo de tipo político-partidário, em três níveis ou dimensões. Em primeiro lugar, economicamente, tendo em vista o encarecimento do material de imprensa, especialmente da tinta e do papel, com a grande crise mundial que se verifica após a Primeira Guerra Mundial. Como consequência, houve o aumento dos preços de venda dos jornais, a prática de reaproveitamento de material usado (e, portanto, a perda de qualidade gráfica), a redução do número de tiragens, e o progressivo fechamento de diversas publicações. Este quadro evidencia a crescente dificuldade, em termos financeiros, de se sustentar um periódico com fins meramente políticos e de doutrinação partidária.

Em segundo lugar, também as suas condições políticas de existência estavam se desarticulando. O fato de que o modelo político vigente mostrava-se incapaz de responder de modo eficaz às novas demandas sociais, aliado à conciliação das classes dominantes acabou por esvaziar de sentido o jornalismo doutrinário. De um modo definitivo, as políticas do Estado Novo acabaram por sepultar de vez esta corrente jornalística, por meio da abolição oficial dos partidos executada pelo regime em 1937, a qual levou ao fechamento de diversos jornais, entre eles *A Federação*.

Por fim, as próprias condições culturais dominantes passavam por um momento de reformulação, em função das transformações na estrutura social. A multiplicação e diversificação dos públicos, marcadas pela ascensão das classes médias, trouxeram consigo a formação de novas expectativas culturais, com as quais o tradicional modelo de jornalismo doutrinário não era condizente:

O público estava se diversificando, colocando demandas por padrões gráficos e editoriais às quais ele [o jornalismo político-partidário] não estava habilitado a corresponder. Pelo contrário, o seu esforço neste sentido contribuiu para acentuar a sua descaracterização perante seu público tradicional, salvo aqueles casos que souberam adaptar-se ao novo regime jornalístico em formação (RÜDIGER, 2003: 55).

A essas condições, pode-se somar mais um fator, vislumbrado na citação acima: a ascensão de um novo modelo jornalístico concorrente a partir dos primeiros anos do século XX. O jornalismo moderno de tipo informativo foi esse novo modelo que

passará a concorrer com o antigo modelo partidário, até suplantá-lo e impor-se como o modo hegemônico de se fazer jornalismo no Rio Grande do Sul.

Dessa forma, conforme salienta Marialva Barbosa (2013: 189; 2007: 34), durante a Primeira República (1889-1930) verifica-se um conjunto de importantes alterações na estrutura organizacional, redacional e editorial na imprensa nacional, que irão fundar as bases da moderna comunicação de massa no Brasil. Com efeito, Tânia Regina de Luca (In: LUCA & MARTINS, 2008: 149) caracteriza o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do seguinte como um “período de inflexão na trajetória da imprensa brasileira”:

Naquele momento, a produção artesanal dos impressos, graças à incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial, marcados pela especialização e divisão do trabalho no interior da oficina gráfica e a consequente diminuição da dependência de habilidades manuais.

Nesta perspectiva, os jornais passam a organizar-se efetivamente enquanto empresas capitalistas, colocando o lucro como seu principal objetivo e não mais a doutrinação político-partidária⁶⁵. Com efeito:

Se, por várias décadas, a luta política constitui-se no mote fundamental do jornal-tribuna, razão mesma da sua existência, os horizontes alteraram-se e a posse de folhas diárias começou a se transformar em negócio, o que exigia de seus donos a adoção de métodos racionais de distribuição e gerenciamento, atenção às inovações que permitiam aumentar a tiragem e o número de páginas, baratear o preço dos exemplares e oferecer uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender ao crescente mercado potencial de leitores (...) (LUCA, In: LUCA & MARTINS, 2008: 149-150)

Também Nelson Werneck Sodré⁶⁶ destaca esta progressiva conversão do jornalismo em indústria, a partir da renovação das técnicas de produção e distribuição, e da criação de um mercado consumidor para o novo produto. Porém, este processo não foi instantâneo ou homogêneo, tendo maior impacto nos grandes centros urbanos:

(...) Mas a imprensa também estava consolidada, a de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para este tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca.

⁶⁵ Como veremos, isto não significou um abandono do posicionamento político dos periódicos.

⁶⁶ A obra de Nelson Werneck Sodré é hoje considerada um clássico dos estudos de história da imprensa no Brasil. Trabalhando a partir de um referencial teórico explicitamente marxista, Sodré (1983: 1) considera que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. A conversão da imprensa artesanal em empresarial estaria, assim, associada à consolidação da moderna sociedade burguesa no Brasil (1983: 261-279).

Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão (SODRÉ, 1983: 275).

Esta conversão da tradicional imprensa semi-artesanal em uma atividade empresarial e industrial, no alvorecer desta sociedade em busca do progresso, passou, assim, primeiramente pela inserção de novas tecnologias nas técnicas de produção⁶⁷. Destaca-se, neste sentido, as novas máquinas impressoras como a linotipo e a prensa rotativa Marinoni, além de uma diversidade de técnicas que passam a ser empregadas pelas novas empresas jornalísticas. Como sintetiza Marialva Barbosa (2007: 22):

Também os periódicos mais importantes da cidade implantam (...) artefatos tecnológicos que mudam significativamente a maneira como se produzem jornais: máquinas linotipos capazes de substituir o trabalho de até 12 das antigas composições manuais; máquinas de imprimir capazes de “vomitar” de 10 a 20 mil exemplares por hora; máquinas de fotografar capazes de reproduzir em imagens o que antes apenas podia ser descrito; métodos fotoquímicos que permitem a publicação de clichês em cores. Os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se autorreferenciam. Passam a ser cada vez mais ícones de modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo.

Trataremos logo a seguir desta significativa alteração no discurso adotado pelos periódicos, mencionada por Barbosa. Entretanto, cabe ainda enfatizar, as consequências da modernização técnica na produção dos periódicos. Esta permitiu aos jornais maior produtividade, em um menor tempo e com maior qualidade. Ao mesmo tempo, possibilitou novas estratégias para vender exemplares. Notável neste sentido é a proliferação, desde década de 1910, de “notas sensacionais”, que exibiam, em grandes manchetes e com ilustrações e fotografias em profusão, crimes, tragédias, casos fantásticos, enfim, os horrores e maravilhas do cotidiano das grandes cidades (BARBOSA, 2007: 49). De modo semelhante, a estrutura e distribuição interna do conteúdo também sofreram alterações: abandonavam-se as grandes digressões políticas e inseriam-se, ao lado nas reportagens, seções dedicadas a assuntos policiais, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, entre outras variedades (LUCA, 2006: 138). Favorecendo a adaptação dos veículos de imprensa aos novos tempos, estas inovações aproximavam-nos do nascente público leitor:

A modernização que era palavra de ordem num país que queria ingressar no tempo do progresso fez surgir (...) jornais diários que se popularizaram sob o ritmo das transformações nos modos de comunicação. Jornais baratos,

⁶⁷ De fato, Maria de Lourdes Eleutério (In: LUCA & MARTINS, 2008: 83) afirma que a evolução técnica do impresso, ao lado do investimento na alfabetização, fundamental para a criação de um público leitor, e dos incentivos à aquisição de papel, configuram o “tripé indispensável à sustentação da grande empresa editorial que se erguia”.

repletos de ilustrações, entremeando a informação e a diversão, publicando marchinhas e músicas de carnaval, palpites do jogo do bicho, entre outras estratégias para chegar próximo a um público que gradualmente se fazia leitor (BARBOSA, 2013: 194).

Nesta perspectiva, verifica-se igualmente uma expansão do espaço dedicado ao esporte, particularmente o futebol, que se tornava cada vez mais popular nas grandes cidades brasileiras, tornando-se praticamente indispensável aos jornais acompanhar os seus destinos, dentro da nova lógica predominantemente econômica que orientava a atividade jornalística. Consolidava-se, assim, o gênero da crônica desportiva. Como descreve Gerson Fraga (2014: 209):

Houve, dessa forma, um processo de criação de um segmento jornalístico que atendesse à demanda surgida a partir do desenvolvimento de uma prática social. Não é a imprensa que populariza o futebol através de suas páginas; antes, é o futebol que, assumindo a condição de esporte de massa e produzindo um grande interesse por parte da sociedade, mostra-se aos jornais como assunto *vendável*, capaz de atrair um grande contingente de leitores.

Além desta dimensão prática, as novas tecnologias contribuíram também simbolicamente para a afirmação da imprensa junto à população, na medida em que convertem-na em um ícone dos tempos modernos. A rapidez e a qualidade com que as notícias chegam aos leitores acabam por, nas palavras de Marialva Barbosa (2007: 23), “diminuir a distância os acontecimentos e o público”, causando um efeito de ampliação do espaço cognoscível e compressão do tempo. Conforme a mesma autora (2007: 23):

As tecnologias capazes de fornecer uma dimensão à concepção temporal e espacial são decisivas na conformação do novo mundo simbólico que emerge naquele final de século. O mundo se torna próximo e visível. As descrições e a possibilidade de ver em imagens lugares longínquos e figuras exóticas mudam gradativamente e a percepção de um outro, agora visível, e antes apenas imaginado. A possibilidade de saber o que se passa no mundo em poucas horas constrói gradativamente nova especialização. O mundo se torna mais compacto. A temporalidade ganha nova dimensão.

A inserção das novas tecnologias contribui também para a consolidação das novas premissas editoriais adotadas pelas empresas jornalísticas. Estas arrogam-se uma suposta neutralidade e imparcialidade na publicação das notícias, passando a separar a informação da opinião, e a privilegiar a primeira em detrimento da segunda. Dessa forma, a velocidade com que se podia agora transmitir os acontecimentos contribui efetivamente para a consolidação da imagem dos jornais enquanto veículos neutros e puramente informativos. Citando novamente Marialva Barbosa (2007: 23):

Constrói-se, pois, paulatinamente, a imagem do jornalismo como conformador da realidade e da atualidade. As tecnologias são fundamentais para a construção do jornalismo como lugar da informação neutra e atual. Se

o telégrafo torna os acontecimentos visíveis, há que informar fatos que ocorrem próximos ao público. A opinião é, assim, gradativamente separada de uma ideia de informação isenta e, neste processo, os novos artefatos tecnológicos desempenham papel fundamental.

Com efeito, o declínio da doutrinação em prol da informação é a mudança fundamental verificada na postura dos jornais brasileiros na virada para o século XX. Discurso adequado aos novos tempos, consagrava-se a ideia de que “o jornal cumpre a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a ‘verdade dos fatos’” (LUCA, 2006: 138).

O advento desta nova linha jornalística no Rio Grande do Sul está indissociavelmente relacionado ao jornal *Correio do Povo*. Fundado em Porto Alegre, em 1895, pelo jornalista sergipano Caldas Júnior, que havia sido revisor do periódico *A Reforma* e redator-chefe do *Jornal do Commercio*, o *Correio do Povo* vai se apresentar ao público leitor com a proposta de não ser vinculado a nenhuma “facção” política, apelando para uma suposta neutralidade.

Como seu título indica, será uma folha essencialmente popular, pugnando pelas boas causas e proporcionando aos seus leitores informações detalhadas sobre tudo quanto há diariamente ocorrendo no desenvolvimento do nosso meio social e nos domínios da alta administração pública do Estado e do País. Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma única facção (1/10/1895) (RÜDIGER, 2003: 77).

Tal proposta era, em verdade, adequada ao contexto da época: recém saída de um período de três anos de guerra civil, havia na sociedade gaúcha um clima favorável para o surgimento de um jornal não comprometido com a política, mas com a causa pública em geral. No entanto, como às vezes podemos ser levados a pensar, esta perspectiva não era exclusividade do *Correio*. Outros periódicos partiam igualmente desta premissa editorial, incluindo o *Diário de Notícias*⁶⁸, seu grande concorrente durante décadas, e o *Jornal do Commercio*, onde Caldas Júnior havia trabalhado⁶⁹.

⁶⁸ O *Diário de Notícias*, fundado em 1925, foi comprado em 1930 pelos Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand, profundo admirador do jornalismo informativo norte-americano, o qual buscou implantar em suas publicações. Circulou na capital gaúcha até 1979.

⁶⁹ Tampouco podemos pensar, ingenuamente, que o *Correio do Povo* ou qualquer outro jornal que se proclame informativo e/ou neutro, dentro de um panorama jornalístico moderno, seja de fato uma folha totalmente apolítica, isenta ou imparcial. O *Correio* manifestamente apoiou a chapa Getúlio Vargas - João Pessoa em 1929, por exemplo. Nos dizeres de Rüdiger (2003: 84-85): “(...) essa metamorfose verificada no jornalismo não lhe tirou o aspecto político; a conquista da autonomia frente ao campo político não significou sua perda, mas uma mudança de forma. A nova empresa jornalística é uma agência política que apenas não expõe seu nome”. Discutiremos este aspecto na próxima seção, demonstrando neste sentido que o jornal adota um posicionamento muito claro na questão do dissídio desportivo, ainda que sua premissa editorial seja de neutralidade.

A grande novidade introduzida pelo *Correio do Povo* foi aliar a esse pressuposto de neutralidade informativa uma postura empresarial por parte de seus proprietários para com o negócio; em outras palavras, foi a adoção de uma nova racionalidade mercantil capitalista, tendo por objetivo principal o lucro. Os jornais passam, assim, a ser verdadeiras empresas, transformam-se em “emprendimentos com finalidade lucrativa declarada e manifesta, cujos rendimentos eram reinvestidos capitalisticamente no próprio negócio” (RÜDIGER, 2003: 72).

Comentando acerca do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, os dois principais expoentes desta maneira de fazer jornalismo, Rüdiger (2003: 76) afirma que eles:

(...) formavam, então, a vanguarda do nosso jornalismo, seja pelos moldes verdadeiramente capitalistas de sua organização empresarial, seja pelo novo conceito jornalístico que, respondendo às novas demandas do tempo, estava se consolidando na sociedade. Para ambos, os jornais eram apenas veículos imparciais de informações responsáveis pelo registro nervoso dos dias em curso e pela divulgação profissional e verídica dos acontecimentos. O tempo do jornalismo político-literário havia passado, filtrado pela racionalidade emergente do mercado, conforme a qual se constituiu uma nova doutrina jornalística.

De fato, nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Porto Alegre, assim como as demais capitais brasileiras, vivia um momento de modernização. Todo um arsenal de novidades começava a se instalar e difundir na cidade: a abertura de grandes avenidas, a presença de painéis publicitários nas ruas, a difusão de utensílios elétricos, o incremento do tráfego de automóveis, a proliferação de salas de cinema, a crescente popularização do futebol enquanto um espetáculo de massas, a publicação de revistas ilustradas, etc. Assim, era condizente com estes elementos a consolidação de um novo padrão jornalístico que estivesse afinado com o ideal de modernização da cidade. Isto se concretizou no advento do modelo empresarial moderno, que tinha como princípio básico a suposição de uma neutralidade discursiva.

Entretanto, como veremos a seguir, a análise mais detida do material jornalístico nos revela que na prática, ao contrário, o periódico não manteve uma postura imparcial, no que se refere à disputa entre a CBD e as Ligas Especializadas.

2.2 A questão da neutralidade: o posicionamento do *Correio do Povo* e seus eixos discursivos.

Como vimos na seção anterior, o jornalismo moderno, que se consolidava nas cidades brasileiras na virada do século XX, tinha como uma de suas premissas básicas a suposição de uma neutralidade editorial e discursiva. No entanto, cabe ao pesquisador interrogar-se: existe efetivamente a possibilidade de objetividade e/ou neutralidade no discurso jornalístico? De imediato, respondemos negativamente. Como afirma Tânia Regina de Luca (2006: 139), “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”. Portanto, as notícias publicadas pela imprensa como sendo puramente informativas e imparciais são, elas mesmas, resultados de escolhas do jornalista, as quais são influenciadas por seus posicionamentos e por seu arcabouço conceitual, bem como pela orientação editorial do periódico.

Neste sentido, conforme sustenta Muniz Sodré (2009: 14), a notícia, “forma comunicativa [que] tem lastreado nos últimos dois séculos a ideia moderna de jornalismo”, “dá margem à construção e manutenção de toda a mitologia da neutralidade que se atribui a uma mercadoria”, o jornal. De fato, o mito da neutralidade, autorizado pela estruturação do jornalismo em torno da notícia, cria a ilusão “da transparência absoluta entre o enunciado e o fato, como se a linguagem funcionasse ao modo de uma pintura realista do mundo” (SODRÉ, 2009: 49).

Estas conclusões são sustentadas pelos estudos linguísticos. Marcia Benetti (In: LAGO & BENETTI, 2008: 107-108), por exemplo, defende que toda linguagem é dialógica e todo discurso é intersubjetivo, ou seja, não existe em si mesmo, mas apenas na relação entre os sujeitos que o produzem. No entanto, a enunciação do discurso produz um efeito de literalidade, a impressão de que os sentidos estão óbvia e imediatamente acessíveis aos interlocutores, aparentando existirem por si próprios. Ao contrário, o discurso depende dos sujeitos que o produzem para existir, tanto do enunciador quanto do leitor. Dessa forma, os sentidos não estão imediatamente disponíveis no texto, mas resultam de um processo de interação entre este e o leitor. Estas considerações acabam por tornar frágil a pretensão do jornalismo de relatar fielmente os acontecimentos, tais como eles aconteceram: o discurso da imprensa, por

sua natureza⁷⁰, não é transparente, mas opaco e a objetividade é apenas uma intenção do jornalista (LAGO & BENETTI, 2008: 108-109).

Atento a estas contribuições, escreve Muniz Sodré (2009: 15):

Evidentemente, o jornalismo (...) mobiliza diferentes tipos de discurso, mas a sua moderna centralidade conceitual apoia-se na notícia. E esta forma de captação e comunicação do fato é uma dessas estratégias cuja mitologia liberal-mercadológica costuma fazer esquecer os procedimentos retóricos e imaginosos que presidem à construção do acontecimento.

De fato, Sodré (2009: 71) chama atenção para a existência de um processo de construção da notícia. Da incidência de um “fato em bruto”, ou seja, diversas dimensões ainda indiferenciadas de uma ocorrência, segue-se sua transformação em “acontecimento”, por meio da sua interpretação, da busca de dotá-lo de um sentido social. A sua elaboração em narrativa, passando por uma neutralização explicativa, converte-o em “notícia”. Muito embora o relato jornalístico seja efetivamente resultado deste processo de construção, portanto permeado pela subjetividade resultante da interpretação das fontes⁷¹, persiste a presunção de imparcialidade, que delega ao acontecimento um estatuto pleno de fato. Esta objetividade presumida, realizada por meio de um acordo implícito entre o jornalista e o leitor, está na base da credibilidade do veículo de informação, a qual constitui seu principal capital simbólico (SODRÉ, 2009: 41-43).

Em sua essência, o discurso da neutralidade com o qual o jornalismo moderno se autorreferencia, e no qual baseia sua credibilidade junto ao público, é uma estratégia encontrada pelos jornais-empresa para se inserirem no nascente mercado da comunicação, incorporando ideais consoantes com as premissas da florescente

⁷⁰ Nesta linha de pensamento, Michel Pêcheux aponta para dois esquecimentos ou ilusões inerentes à produção dos discursos: uma “ilusão referencial”, que estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa, produzindo uma aparente relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo; e um chamado “esquecimento ideológico”, referente à ilusão de que os enunciadores são a origem do que dizem, quando na verdade retomam sentidos pré-existentes (Cf. ORLANDI, 2007: 35).

⁷¹ De fato, como afirma Patrick Charaudeau (2006: 131), “Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvelá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade”.

modernidade brasileira, ao mesmo tempo em que preservavam seu caráter político. De fato, como bem explicita Maria Helena Capelato⁷² (1988: 18):

É preciso considerar, contudo, que a empresa jornalística coloca no mercado um produto muito específico: a mercadoria política. Nesse tipo de negócio há dois aspectos a se levar em conta – o público e o privado (o público relaciona-se ao aspecto político; o privado ao empresarial). A informação é um direito público, mas o jornalismo é, geralmente, uma atividade exercida no setor privado. Os empresários-jornalistas atuam na esfera privada, orientados pela lógica do lucro. Enfrentam os concorrentes com todas as armas de que dispõem: notícias, opiniões e atrativos diversos para atender a todos os gostos. No entanto, a imprensa tem outra face: é veiculadora de informações, direito público, e nesse papel norteia-se pelo princípio de publicidade, colocando-se como intermediária entre os cidadãos e o governo.

Dessa forma, dizer-se um veículo de informação neutro passa a ser uma necessidade para a incipiente indústria da comunicação, para, nas palavras de Capelato (1988: 15), “atrair o público e conquistar seus corações e mentes”, ou seja, para consolidar-se junto aos seus novos consumidores.

Considerações semelhantes são feitas por Christa Berger (1998), que no título de um de seus capítulos condensa bem os questionamentos que passaram a orientar a produção jornalística: “Toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica”. Caber aqui, além do sentido espacial, significa que o noticiado deve estar de acordo com o posicionamento adotado pelo jornal, “caber” nas suas premissas editoriais. Dessa forma, “a questão para um editor é: o que há de novo no mundo hoje que ‘caiba’ no meu jornal, que conquiste leitores e não se confronte com os que o sustentam economicamente” (BERGER, 1998: 37). Novamente aqui temos a mescla da dimensão econômica da empresa jornalística, expressa na tentativa de agradar e atrair o público leitor, bem como na necessidade de aprovação dos anunciantes que financiam o periódico; com a dimensão simbólico-política que exerce na esfera pública, por meio de seu posicionamento perante os acontecimentos e seu compromisso com determinadas causas. É justamente na tentativa de conciliar entre estes dois âmbitos, o

⁷² Importante ressaltar que, para Capelato, “a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”, limitado na sua dita objetividade não apenas pelos elementos subjetivos de quem o produz, mas pelos próprios “interesses aos quais o jornal está vinculado” (1988: 21-22). Não adotaremos esta perspectiva, pois ela implica um conceito restrito de manipulação e ideologia com os quais este trabalho não está identificado. Isto não impede, no entanto, que aproveitemos algumas interessantes contribuições da autora.

econômico e o político⁷³, que é cunhado o discurso da neutralidade do jornalismo moderno.

Dessa forma, ao analisarmos a seção desportiva do *Correio do Povo*, no período compreendido entre 1937 e 1939⁷⁴, o que podemos perceber, no que se refere ao então vigente conflito entre especializados e cebedenses, não é, de forma alguma uma isenção em relação à disputa. Embora o periódico se apresentasse como um meio de comunicação moderno que teria um posicionamento neutro, é claramente perceptível um favorecimento e alinhamento às perspectivas da corrente cebedense. Neste sentido, as matérias publicadas a respeito deste assunto são orientadas predominantemente por dois eixos discursivos complementares, que evidenciam o posicionamento pró-cebedense assumido pelo jornal.

O primeiro eixo discursivo refere-se à constante exaltação da CBD e dos seus feitos para o engrandecimento do esporte brasileiro. Para tanto, recorre-se à publicação de moções de apoio e agradecimento à entidade oficial, oriundos das diversas partes do país, mesmo antes da efetiva chegada das Especializadas ao Rio Grande do Sul.

Como um primeiro exemplo deste eixo, podemos citar a reprodução de um ofício enviado à CBD, por parte da Liga Baiana de Desportos Terrestres, enaltecendo o seu papel na participação do Campeonato Sul-Americano de Futebol daquele ano e a sua postura amadorista:

Os representantes dos clubs filiados à Liga Bahiana de Desportos Terrestres, infra firmados, aproveitando a oportunidade desta sessão de assembléa geral, formulam nesta moção, os seus votos de congratulações e francos applausos á Confederação Brasileira de Desportos, não só pelo brilhante êxito da equipe que representou a Patria Brasileira no Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball (...), como tambem pela **acertada orientação que vem mantendo como dirigente maxima dos sports no Brasil**, elevando, assim, de cada vez, o renome da nossa terra nos circulos sportivos estrangeiros e nacionaes, mercê do patriótico devotamento com que se ha de desempenhado da sua alta e difficil missão⁷⁵ [sic; grifo meu].

⁷³ Com efeito, também Charaudeau (2006: 21) afirma que as modernas mídias de informação operam segundo uma lógica dupla: “uma lógica *econômica* que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca de bens de consumo (...); e uma lógica *simbólica* que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública”.

⁷⁴ Neste capítulo, como se poderá perceber, será dado maior destaque para publicações do ano de 1937, pelo simples fato de que, naquele ano, o conflito entre os dois grupos em questão se mostra mais intenso no estado e, portanto, a repercussão nos jornais é mais evidente e contundente.

⁷⁵ “O prestígio da C.B.D. no Norte”. *Correio do Povo*, 08/04/1937, p.13.

Embora não esteja colocado com todas as letras, a acertada orientação a que se refere a citação é, não restam dúvidas, a persistência no amadorismo, em oposição à especialização, tendo em vista o contexto de conflito entre as duas facções quando do lançamento da moção. Na mesma oportunidade, fazendo eco à manifestação dos baianos, e confirmando o que inferimos acerca da postura cebedense exaltada por estes, o jornal publica um curto telegrama da Federação Pernambucana de Desportos, em que comunica o seu rechaço à especialização, assumida por uma de suas agremiações: “O Club de Remo Belém communicou aos clubs filiados a esta Federação a sua adesão ás ‘Especializadas’, concitando-os á rebeldia, sendo repellido em toda a linha.” [sic]⁷⁶.

Estes “votos de congratulações” e “moções de solidariedade” estiveram presentes nas páginas do jornal, como veremos, ao longo de todo o ano de 1937. Ao apresentarem a comunhão de pensamento de alguns clubes e ligas com a Confederação Brasileira, eles têm por objetivo enfatizar a grande quantidade de apoiadores que a corrente cebedense possuía, demonstrando, ainda que indiretamente, a preferência do periódico por esta.

Não obstante, nem todas as publicações se apresentaram tão sutilmente como as acima referidas. No dia 09 de junho de 1937, por exemplo, é publicada uma extensa coluna por ocasião do aniversário de fundação da CBD, na qual são explicitamente exaltadas as diversas virtudes desta instituição na condução dos assuntos desportivos brasileiros. Seguem alguns trechos ilustrativos:

A data de hontem foi festiva para o desporto nacional porque assignala a passagem de mais um anniversario de fundação da sua grande benemerita, a Confederação Brasileira de Desportos.

Não se torna necessario encarecer destas columnas a enorme somma de beneficios que a C.B.D. tem prestado aos desportos patricios; tudo resalta desse verdadeiro monumento de organização desportiva, sem par no mundo inteiro e justo título de orgulho de qualquer nação culta do Universo.

O desporto nacional tem tido na Confederação Brasileira de Desporto o seu mais denodado paladino, e o que ella tem feito pelo desporto no Brasil é do conhecimento de todos, mesmo dos seus inimigos que são forçados a confessar essa immensa somma de serviços [sic]⁷⁷.

Na sequência, a coluna passa a enfatizar a força da CBD, mesmo diante do dissídio esportivo:

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ “O 23º anniversario da Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 09/06/1937, p.13.

Aos mais “sportmen” que lançaram a scisão no paiz e tiveram a veleidade de suppor e afirmar publicamente que, sem elles, ella não teria 3 mezes de vida, a C.B.D., com Luiz Aranha á frente, responde victoriosamente, ha 4 annos, com uma actividade desportiva que constitue justo padrão de gloria para os desportos do Brasil. Não são os programmas escriptos apenas no papel para embasbacar os tolos ou os ignorantes em materia desportiva; não são installações adredes preparadas para impressionar os que desconhecem os verdadeiros problemas do desporto brasileiro; não são palavras bonitas artificiaes e capciosamente impingidas á guisa de informações e discursos para deslumbrar os ingenuos. Nada disto. Nada de “pharol” com a C.B.D.; tudo foi no terreno das realizações praticas, com as mais fulgurantes paginas do desporto pátrio [sic]⁷⁸.

Como se observa, a matéria enfatiza o caráter prático e efetivo das realizações da Confederação Brasileira enquanto dirigente máxima dos desportos nacionais. Após elencar os benefícios concretos de que desfrutaram o futebol, o tênis, o remo, a natação, enfim, várias modalidades esportivas, sob o patrocínio da CBD, a matéria finaliza:

Tudo isso é a expressão da verdade; são factos do domínio publico e não palavras bonitas e flores de rethorica.

Pela sua magnifica organização a C.B.D. conta em seu seio com a esmagadora maioria das forças vivas do desporto nacional, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.

Esse gigante do desporto no Brasil completa hoje o seu 23º anniversario de fundação [sic]⁷⁹.

Vemos assim expressa, também, a exaltação da potência e unidade da Confederação, um verdadeiro “gigante do desporto” que congrega as forças esportivas nacionais “desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul”. Percebe-se ainda, uma crítica implícita à corrente especializada, dando a entender que enquanto a administração cebedense tem como marca a concretude de suas ações, executadas “sem farol”, sua opositora se caracteriza por muito falar e pouco fazer, usando de “palavras bonitas e flores de retórica” para “deslumbrar os ingênuos” e “embasbacar os tolos em matéria desportiva”.

Podemos observar algo semelhante em uma matéria de março de 1937, reproduzida do “Jornal do Brasil” do Rio de Janeiro, e significativamente intitulada “As incontestáveis vantagens da Confederação Brasileira de Desportos”. Nela, o jornal apresenta explicitamente sua opinião sobre qual é a melhor entre as correntes em disputa no cenário esportivo nacional.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

Em primeiro lugar, há a demonstração dos malefícios que a facção especializada trouxe para o esporte brasileiro, por meio do exemplo da consagrada nadadora Maria Lenk, impedida de participar do Campeonato Sul Americano de Natação daquele ano, a ser realizado em Montevideu, supostamente por culpa das Especializadas⁸⁰:

O capricho da dissidencia tem prejudicado grandemente o desporto nacional e muitos amadores têm soffrido as consequencias de tão malefico proceder.

Entre os numerosos prejudicados figura a nadadora paulista Maria Lenk, nome consagrado na natação nacional e sul-americana. Maria Lenk, em recente declaração feita á imprensa de S. Paulo, demonstrou o seu desagrado por essa acção nociva da dissidencia, que a tornou uma verdadeira victima de seus manejos políticos, impedindo-a de representar oficialmente o seu paiz, o que só poderia conseguir por intermedio da C.B.D [sic]⁸¹.

A seguir, a matéria passa a elencar as vantagens que a CBD tem proporcionado para os seus filiados, em especial no sentido de intercâmbio desportivo. É dado grande destaque às avançadas negociações para a vinda do Atlético Paranaense para o Rio Grande do Sul para uma temporada interestadual de futebol com os principais clubes da capital gaúcha, o que de fato ocorreu em meados de março de 1937. Enfatiza-se, ainda, a proliferação generalizada das excursões interestaduais e internacionais, ocorridas sob a égide da CBD:

Emquanto isso o Atlanta, de Buenos Aires, foi jogar em Curityba; a Portugueza de Santos foi jogar em Recife, o Ferroviario de Curityba esteve em Santos; o America, de Bello Horizonte, está na Bahia e vae para Pernambuco; o Palestra-Italia de Bello Horizonte vem jogar com o Vasco e os petropolitanos com o São Christovão. Os brasileiros foram disputar tennis e agora natação no Uruguay [sic]⁸².

De maneira oposta, a reportagem lança dúvidas sobre a viabilidade de projetos de intercâmbio planejados pelas Especializadas, salientando o círculo cada vez mais restrito de clubes filiados e simpatizantes à causa “dissidente”⁸³:

A dissidencia, cujo raio de acção apesar de pequeno, continua a diminuir e está a ponto de ficar reduzido ao tripé que sustenta a Liga Carioca: Flamengo, Fluminense e America, procura desesperadamente segurar o pouco que ainda lhe resta. Para isso manda publicar noticias deveras interessantes para ver se consegue ainda impressionar os ingenuos.

⁸⁰ Cabe lembrar que apenas a CBD possuía filiação às federações esportivas internacionais, de modo que os atletas especializados, não filiados a ela, ficavam impedidos de participar de competições neste nível.

⁸¹ “As incontestáveis vantagens da Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 06/03/1937, p.14.

⁸² Idem.

⁸³ De fato, em 1937, vários clubes importantes do eixo Rio-São Paulo que tinham aderido ao movimento de especialização em um primeiro momento, haviam já retornado a fazer parte das fileiras da CBD, entre eles o Vasco da Gama e o Bangu, do Rio de Janeiro, e o Corinthians e o Palestra Itália, de São Paulo. Cf. DRUMOND (In: DEL PRIORE & MELO, 2009: 227).

A notícia de maior sensação está na resolução tomada de realizar um torneio Rio-Minas-São Paulo. Ora, quem conhece os poucos elementos de que a dissidência dispõe nesses dois Estados vê logo a impossibilidade da realização de semelhante torneio. Esses elementos são: em Minas, o Athletico de Belo Horizonte, o Siderurgica de Sabará e o Retiro de Nova Lima, e em São Paulo somente a Portuguesa, a não ser que chamem algum dos seus companheiros: Tremembé, Ordem e Progresso, Jardim América, etc.

A grande maioria desses jogos não produziria renda capaz de pagar as despesas de transporte e estada, de sorte que o fracasso financeiro desse torneio é uma dessas coisas que ninguém põe em dúvida.

Por isso mesmo é que dizemos: quem fôr tolo que acredite [sic]⁸⁴.

Como pudemos observar, a matéria acima examinada tem como objetivo claro e manifesto a exaltação da força da corrente cebedense, ao passo procura demonstrar a crescente fraqueza do seu adversário. Nas palavras da manchete, a Confederação Brasileira de Desportos apresentava “incontestáveis vantagens” sobre seus inimigos especializados.

Identificamos, dessa forma, o segundo eixo discursivo adotado pelo *Correio do Povo*: o de desvalorizar a corrente especializada, no que se refere à quantidade e à qualidade dos clubes a ela filiados, à sua força e coesão enquanto entidade, manifestando assim sua preferência pela CBD. É o que ocorre, por exemplo, na publicação de uma entrevista com Milton Soares, então presidente da Federação Rio Grandense de Desportos, na qual este emite, em determinado momento, sua opinião sobre a corrente especializada, desqualificando, naturalmente, os clubes que a compõem como medíocres, sem expressão, salvo algumas poucas exceções:

- Qual a sua opinião sobre a situação das especializadas?

- Estou plenamente convencido através do que verifiquei, ser a sua situação de flagrante inferioridade á da sua competidora. Como é do conhecimento do mundo desportivo, aquella dispõe na capital federal, apenas de quatro clubs, dos quaes dois, o Fluminense e o Flamengo gozam de grande conceito e sympathias, sendo os demais, Americo e Jequié, de nenhuma expressão.

Fazem parte ainda das suas hostes, o Portuguesa, de São Paulo, o Athletico e o Flôr das Selvas de Minas, todos esses medíocres [sic]⁸⁵.

Neste sentido, é interessante destacarmos a crítica feita pela sempre bem humorada coluna “Free-Kick”⁸⁶ a uma possível adesão de Internacional e Grêmio às

⁸⁴ “Quem quizer que acredite”. In: “As incontestáveis vantagens da Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 06/03/1937, p.14.

⁸⁵ “O desportista Milton Soares, presidente da F.R.G.D., expõe ao ‘Correio do Povo’ a situação do football gaúcho”. *Correio do Povo*, 30/05/1937, p.14.

⁸⁶ “Free-Kick” é o pseudônimo usado pelo cronista Luiz Miranda, com o qual assinava na seção de desportos do “Correio do Povo” uma coluna própria, de regularidade variável, mas de grande sucesso,

Especializadas, visto que esta se fazia cada vez mais iminente. Utilizando como argumento o fato de que apenas a CBD possui filiação internacional, “Free-Kick” ironiza:

Este telegramma, procedente de Paris, foi publicado pelos jornaes de sabbado ultimo:

“Foi aceita a inscripção da Bolívia ao campeonato mundial de foot-ball, a ser realizado, breve, em Paris. Não foi aceita, ao mesmo tempo, a inscripção da Conchinchina, por não possuir a filiação internacional. Na America do Sul, apenas obtiveram inscripção o Brasil e a Bolívia”.

Essa a noticia publicada, ha poucos dias, pelos jornaes locais.

Ella nos toca de perto, por isso que os nossos principaes clubs estão com desejos de abandonar a C.B.D., filiando-se ás Ligas Especializadas e perdendo a filiação internacional, que pertence á primeira daquellas entidades.

Quer dizer, em vernaculo, o seguinte: si o Rio Grande do Sul adherir ao “guinlismo”, só terá direito de se bater com o Flamengo e o Fluminense. E depois de fazer America, só poderá medir forças com o scratch da Conchinchina, que tambem não possui a filiação internacional.

Qual será a solução mais pratica? Fazer vir a Porto Alegre o quadro da Conchinchina ou mandar para a Conchinchina, só com passagem de ida, o Tisberieck chefiando o scratch gaúcho? [sic]⁸⁷.

A sagacidade de “Free-Kick” é impressionante. Ele critica a falta de filiação internacional da corrente especializada, ressaltando que esta pertence unicamente à CBD. Ao fazer isso, retoma o argumento já utilizado pelo jornal em algumas notícias, ressaltando a escassez de adversários qualificados que os gaúchos teriam caso aderissem à especialização: basicamente o Flamengo e o Fluminense, sugerindo com a expressão “fazer América”, que este não seria páreo para nossos clubes. A crítica sarcástica prossegue com o trocadilho que “Free-Kick” faz, ao afirmar que a única possibilidade de uma partida internacional seria com o selecionado da Cochinchina. Como se sabe, a expressão “ir para a Cochinchina” tem uma conotação amplamente negativa, significando algo como ir para algum lugar distante, ermo, onde não há nada. É para lá que vai o desporto gaúcho, caso se alie às Especializadas. Assim o sugere o título da coluna, “Vamos p’ra Conchinchina?”, temendo pelos rumos do futebol gaúcho no caso da concretização desta aliança. E mais, é para lá que “Free-Kick” sugere que seja

onde abordava, com um toque de humor, os principais acontecimentos futebolísticos em Porto Alegre e no estado, tenham eles ocorrido dentro ou fora das quatro linhas. Cf. “Homenageado, em Caxias, um cronista do ‘Correio do Povo’”. *Correio do Povo*, 08/03/1938, p.14.

⁸⁷ “Vamos p’ra Conchinchina?” *Correio do Povo*, 18/05/1937, p.14.

enviado José Tisberieck, um dos entusiastas do movimento especializado no Rio Grande do Sul, a cargo da comitiva gaúcha, com passagem só de ida⁸⁸.

O recurso ao sarcasmo para desmerecer a especialização é aproveitado também em outras oportunidades. Na reprodução de uma publicação do periódico “O Diário” de Belo Horizonte, ele se apresenta de maneira bastante cômica:

O foot-ball carioca das especializadas está progredindo. Somos obrigados a reconhecê-lo, diante dos sucessos alcançados no domingo ultimo, em Bello Horizonte, pelo Fluminense, e na Paulicéia, pelo Flamengo. O primeiro empatou com o Athletico, pelo qual foi esmagado, não faz muito tempo, por alta contagem, e o ultimo venceu a Portugueza.

Habilitados a serem indefectivelmente vencidos nas suas excursões, como aconteceu ao tricolor na nossa capital, em S. Paulo e em Victoria, a façanha alcançada frente aos athleticos deve ter constituído para os cariocas um verdadeiro acontecimento desportivo. Estarão de parabens, porque estão sempre progredindo;

Por outro lado, o formidável quadro da Portugueza, bandeirante, que apenas perdeu para o Athletico aqui, em S. Paulo e em Poços de Caldas (excusez du peu...), foi surrado pela primeira vez por um quadro metropolitano, no seu proprio campo – uma surra phantastica, por um score astronomico, dois a um, em que foi posta a prova a technica ultimo grito da industria allemã de foot-ball arrasador, de tres zagueiros, ataque em W e outras experiencias, alucinantes [sic]⁸⁹.

Fica claramente perceptível, a partir dos trechos acima reproduzidos, a intenção de escarnecer a atuação dos principais clubes especializados cariocas, Flamengo e Fluminense, demonstrando como estes apresentam pouca ou nenhuma vantagem sobre os demais clubes daquela corrente, os quais já se havia convencido considerar como fracos ou de pouca expressão. A crítica se dá, assim, às agremiações consideradas como carro-chefe das Especializadas, as quais, mesmo empregando as mais modernas técnicas futebolísticas profissionais, mal conseguem superar seus pouco expressivos coirmãos.

Desta forma, temos evidenciados os eixos discursivos pelos quais se dá o favorecimento à perspectiva da CBD por parte da crônica esportiva do *Correio do Povo*. Primeiramente, recorre-se a publicações de clubes e ligas manifestando sua concordância com os pressupostos da entidade amadorista, de modo a demonstrar sua unidade, poderio e força, ou então de matérias que salientavam a benemerência da instituição, exaltando as suas grandes contribuições ao esporte nacional. E em segundo

⁸⁸ Pela leitura dos jornais, infere-se que houve uma certa indignação perante a insinuação de “Free-Kick” de mandar Tisberieck para a Cochinchina. No dia seguinte, “Free-Kick” publica outra coluna visando amenizar o que havia dito anteriormente, afirmando ter sido mal compreendido e desmentindo o caráter irônico de sua publicação anterior. Cf. “Explicação necessária”. *Correio do Povo*, 19/05/1937, p.11.

⁸⁹ “Como é vista em Minas as ‘Especializadas’”. *Correio do Povo*, 01/07/1937, p. 12.

lugar, temos a desqualificação do adversário especializado, por meio da constante lembrança da sua debilidade enquanto instituição, desprovida de clubes expressivos e de filiação internacional, encontrando-se isolada e incapaz de promover o intercâmbio e o progresso desportivo que tanto propalava.

Estes dois eixos que apresentamos são operacionalizados por meio de estratégias discursivas. Destaca-se aqui a estratégia relativa ao jogo do dizer-silenciar. Assim, para nossa análise, é interessante evocarmos as contribuições de Eni Orlandi. Esta autora (1993: 23-24), ao teorizar sobre o silêncio distingue duas formas em que ele se apresenta⁹⁰. Interessa-nos particularmente aqui uma das facetas do seu segundo tipo de silêncio: aquela relacionada à “política do silêncio” ou “silenciamento”. Segundo esta acepção, aquilo que é dito, enunciado, acaba necessariamente por excluir outros sentidos não-ditos.

Dessa forma, o silenciamento funciona como uma “declinação política da significação”, na medida em que faz dizer uma coisa para não deixar dizer outras (ORLANDI, 1993: 55). Com efeito, para Orlandi (1993: 75), “a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada”. Complementamos esta linha de pensamento com uma citação da própria autora (1993: 75-76):

(...) o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar (...). O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer.

No presente caso, esta estratégia do dizer-silenciar é também empregada. Trata-se aqui de dar voz aos partidários da CBD e do amadorismo, ao mesmo tempo em que se silenciam as vozes favoráveis à profissionalização e às Especializadas. De fato, ao longo do período analisado, antes do início das tratativas para a pacificação do futebol gaúcho, apenas uma vez é dado espaço para a manifestação do ponto de vista dos clubes que adotaram o profissionalismo. No dia 29 de junho de 1937, na esteira dos

⁹⁰ Os dois tipos de silêncio discriminados por Orlandi (1993: 23-24) são: o silêncio fundador, “aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar”; e a política do silêncio, dividida em silêncio constitutivo, “o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras)”, e o silêncio local, que se refere à censura propriamente dita.

acontecimentos que levaram à adesão de Grêmio, Internacional, São José, Cruzeiro e Força e Luz às Especializadas, bem como da sua suspensão da FRGD, o “Correio do Povo” publica um manifesto destes clubes, expondo sua situação. Nele, os novos especializados criticam o modo como a CBD vinha gerindo o esporte no Rio Grande do Sul até então, explicitando principalmente os prejuízos financeiros sofridos pelo futebol local. Além disso, criticam as “incoerências, precipitações e ilegalidades” perpetradas pela FRGD ao punir os envolvidos. Ao contrário, defendiam a atitude tomada, que teria visado unicamente a melhoria das condições do futebol gaúcho, e apelavam às agremiações do interior para que considerassem aderir ao movimento especializado⁹¹.

Trata-se, no entanto, de uma exceção. Em nenhum outro momento do período analisado é publicada semelhante matéria, nota ou manifesto, externando o ponto de vista dos “dissidentes”. Este é, de um modo geral, silenciado. Em seu lugar, é dado destaque aos pronunciamentos mais afinados com a defesa do amadorismo e da CBD. Estes são enunciados repetidas vezes, configurando uma estratégia baseada na paráfrase. Os processos parafrásticos, componentes essenciais do funcionamento da linguagem⁹², produzem “diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (ORLANDI, 2007: 36), atuando de forma a estabilizar e consolidar os sentidos desejados.

Esta estratégia faz uso de dois sujeitos enunciadoreis principais: os representantes de ligas e clubes do interior do estado, e os dirigentes da capital que se posicionaram contra a atitude tomada por seus clubes. Examinemos, nas seções a seguir, como foi dado voz ao discurso de cada um destes atores.

2.3 As vozes cebedenses: a palavra do interior.

Tendo analisado o posicionamento do *Correio do Povo* perante a crise das Especializadas, e identificado sua principal estratégia para manifestá-lo, baseada no binômio dizer-silenciar, passaremos agora a outro aspecto importante. Trata-se das principais vozes que são articuladas por esta estratégia, por apresentarem um discurso

⁹¹ Cf. “Em documento publico, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, S. José e Força e Luz definem a sua situação. Um manifesto dos clubs que adheriram ás Especializadas”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p. 16.

⁹² Segundo Orlandi (2007: 36), “todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos”; simplificadamente, entre o mesmo e o diferente.

afinado com os ideais cebedenses. A primeira delas é, como mencionamos, a opinião do interior do estado.

A partir das últimas semanas do mês de abril de 1937, começam a se proliferar rumores de que as Ligas Especializadas estariam buscando mais fortemente a filiação dos clubes gaúchos. De fato, a corrente liderada pela Liga Brasileira de Foot-Ball havia perdido valiosos aliados no centro do país e buscava, com certa urgência, novas adesões para poder se sustentar enquanto entidade no cenário nacional. Nesse contexto, a crônica desportiva do *Correio do Povo* passa a reiterar e a intensificar o apoio dispensado à CBD, publicando diversas notas que salientavam a força dessa instituição, ao mesmo tempo em que diminuía a relevância e potência de seus opositores, e mesmo conclamando o Rio Grande do Sul desportivo a permanecer fiel à CBD.

Esta perspectiva nos é apresentada claramente, por exemplo, pela matéria intitulada “Fiquemos com a C.B.D.!” , da qual reproduzimos alguns trechos a seguir:

Vendo o terreno fugir-lhe aos pés na Capital da República e sem receber, de ha muito, qualquer adesão, seja de vulto ou mesma relativa, a corrente do sr. Arnaldo Guinle não deixa em paz o desporto gaúcho, consciente de que depende do Rio Grande do Sul o sucesso ou o insucesso da sua causa. (...)

Os clubs e ligas rio-grandenses, porém, ainda não se decidiram a abandonar a poderosa entidade oficial. (...)

Não pairam sombras de duvidas quanto á solidez do bloco granítico sobre o qual se assenta o prestígio e a força incontestável da entidade do sr. Luiz Aranha. (...)

Todos sabem que, no ultimo campeonato nacional estiveram representados 16 dos 21 Estados do Brasil, só faltando aquelles onde o foot-ball não é cultivado devidamente.

Os campeonatos gauchos – de foot-ball, de remo, de natação, de polo aquatico, de atletismo, de bola ao cesto, de todos os desportos, emfim! – são patrocinados pela C.B.D. e se desenvolvem normalmente, sem “casos” importantes, só havendo, de quando em vez, ligeiras questões de ordem, facilmente resolvidas a contento das partes interessadas.

Porque, então, interromper a marcha normal da nossa vida desportiva, apenas para satisfazer os caprichos do sr. Arnaldo Guinle?

É melhor deixarem em paz o desporto gaúcho [sic]⁹³.

O posicionamento da publicação não poderia estar mais claro. Porque deveria o Rio Grande do Sul desportivo abandonar a tão “poderosa entidade oficial”, o “bloco granítico” de grande prestígio e “força incontestável” dirigido por Luiz Aranha, quando esta havia, até então, conduzido tão eficientemente o campeonato nacional de futebol e

⁹³ “Fiquemos com a C.B.D.!” *Correio do Povo*, 21/04/1937, p.12.

os torneios das mais diversas categorias esportivas no estado? De acordo com a visão apresentada, isto não faria o menor sentido. O que os clubes rio-grandenses deveriam fazer é permanecer ao lado da CBD, que sempre prestou ao esporte local os mais valiosos serviços, e ignorar os apelos desesperados da corrente especializada, interessada apenas em satisfazer os caprichos de seu líder, Arnaldo Guinle.

De fato, esta é uma característica da defesa que o *Correio do Povo* faz da CBD, em especial a partir da intensificação do “assédio” das Especializadas ao estado: o jornal não perde a oportunidade de ressaltar que o Rio Grande do Sul está unido em torno da causa cebedense. Citamos, exemplarmente:

O Rio Grande do Sul desportivo, pelos seus elementos mais prestigiosos, está dando uma prova provada de coesão e disciplina, em torno dos postulados da Confederação Brasileira de Desportos. (...)

Agora, procurando tirar partido dos boatos correntes, segundo os quaes havia no interior do Estado ambiente sympathico ás “especializadas”, foi tentada nova offensiva, tendente a modificar a orientação do nosso foot-ball.

Mais uma vez, estão se desenganando os chefes do movimento subversivo contra a C.B.D.

Esta entidade continua agremiando todos os nossos clubs desportivos, sejam eles filiados á Liga Náutica, á Liga Athletica, á Federação de Tennis ou á Federação de Desportos [sic]⁹⁴.

A reportagem refere-se a um apelo de Luiz Pinto Chaves Barcellos, uma das lideranças do movimento da especialização no estado, convidando clubes do interior a comporem uma suposta liga especializada gaúcha que estaria em formação. Além da manchete, a qual afirma que “O foot-ball gaúcho apoia a C.B.D.”, é interessante destacar seu subtítulo: “São incisivas as respostas a um desesperado apelo das Especializadas”. De fato, a matéria salienta que ao desesperado pedido dos dissidentes, os valorosos clubes rio-grandenses dão respostas “claras e insophismaveis, [que] não dão margem a controvérsias, nem admittem discussões em torno do assumpto” [sic]⁹⁵. Reproduzindo a negativa dois tradicionais grêmios do interior, o S.C. Pelotas e o Guarany F.B.C. de Bagé, uma das quais já havia sido publicada dias antes⁹⁶, a nota conclui: “(...) os desportistas gauchos, em suas respostas, não deixam duvidas quanto á sua fidelidade á entidade official (...)” [sic]⁹⁷.

⁹⁴ “O foot-ball gaúcho apoia a C.B.D.”. *Correio do Povo*, 16/04/1937, p.13.

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ “O S.C. Pelotas e as ‘Especializadas’”. *Correio do Povo*, 14/04/1937, p.13.

⁹⁷ “O foot-ball gaúcho apoia a C.B.D.”. *Correio do Povo*, 16/04/1937, p.13.

Como vemos, a referência ao apoio inequívoco do Rio Grande desportivo à causa cebedense, em especial por parte do interior do estado, é constante. De fato, durante todo o processo de negociação dos clubes metropolitanos com as Ligas Especializadas, as agremiações do interior mantiveram-se rigorosamente alinhadas com a FRGD e com a CBD, repudiando toda e qualquer proposta de profissionalização e recriminando a atitude de aproximação com os especializados cariocas, encabeçada por Internacional e Grêmio. Tendo isto claro, o que nos chama a atenção é o amplo destaque dado a esta postura pelo jornal, na intenção de salientar a coesão do bloco cebedense que, apesar das investidas furiosas do corrente dirigida por Arnaldo Guinle, não se abalou facilmente, dando mostras do poderio da Confederação Brasileira de Desportos.

Outro caso ilustrativo, neste sentido, é o ocorrido na cidade de Rio Grande, no início de maio de 1937. Aproveitando uma desavença originada por uma briga em campo, suspensão de jogadores, perda dos pontos da partida e o pedido de abandono do campeonato citadino por parte do veterano S.C. Rio Grande, o movimento especializado gaúcho teria enviado o emissário José Tisberieck até a cidade, para negociar com seus clubes, sendo sua proposta energicamente recusada. A situação teria sido definitivamente resolvida pelo 1º vice-presidente da FRGD, Ernani Delorenzi, que foi a Rio Grande especialmente para solucionar o caso. Escreve o jornal sobre o assunto:

O Rio Grande do Sul desportivo, por seus elementos mais representativos, continua resistindo às impetuosas investidas dos líderes das Especializadas, negando-se, terminantemente, a seguir a mesma linha que vem sendo percorrida por alguns clubs da Capital da Republica.

Todas as tentativas da corrente do sr. Arnaldo Guinle resultam, inapellavelmente, em inequívocas demonstrações de *sympathia* á benemérita e poderosa Confederação Brasileira de Desportos, que tem prestado os mais relevantes serviços ao desporto nacional. (...)

Pelotas e Rio Grande, para gaudio do desporto gaúcho, estão firmes na Federação Rio Grandense de Desportos.

A propósito, disse-nos Ernani Delorenzi:

- O Sul do Estado não quer saber das Especializadas. Primeiro, o sr. José Tisberieck, e, ha poucos dias, o sr. Arnaldo Broda, tiveram ensejo de sentir de perto o pensamento daquelles desportistas. Não querem que se lhes fale em Especializadas e estão promptos a defender, em qualquer momento, a entidade maxima do Estado, e, acima della, a Confederação Brasileira de Desportos.

São essas – finalizou o sr. Ernani Delorenzi – As impressões magnificas que trago de Pelotas e Rio Grande, onde echoou agradavelmente a nova de que a

F.R.G.D. ainda este anno, tratará de incrementar o intercambio entre os diversos nucleos desportivos do Rio Grande do Sul [sic]⁹⁸.

A matéria reitera o apoio incondicional que o interior do estado dispensava à Confederação Brasileira de Desportos, alcunhada de “poderosa” e “benemérita” – novamente ressaltando, portanto, sua pujança e seus feitos em prol do desporto nacional –, por meio do exemplo representativo de Rio Grande, motivo de “gáudio”, de júbilo para o futebol gaúcho.

Outro aspecto que percebemos ao final da reprodução da fala de Ernani Delorenzi é o destaque para a promessa da FRGD em incrementar o intercâmbio desportivo no estado, o que é publicado também em outras matérias posteriores. Em uma delas, por exemplo, alude-se a uma proposta, que seria levada à apreciação da diretoria da FRGD, que viria a incentivar a vinda ao sul de fortes equipes do centro do país, bem como a excursão dos melhores quadros do interior (Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, etc.) para a capital e vice-versa, além da troca entre os filiados menos qualificados. Os objetivos da Federação são claros:

Visa dess’arte, a federação presidida por Milton Soares favorecer todos os recantos do Estado, afim de que todos os filiados possam se conhecer reciprocamente, medindo forças em prélios que transcorram parelhos e entusiasticos, dentro da maior camaradagem, para maior brilho e maiores vantagens do desporto gaúcho [sic]⁹⁹.

A matéria, assim como a declaração de Delorenzi, demonstra a intenção por parte da crônica esportiva de enfatizar a disposição, a diligência e a operosidade da FRGD e, através dela, da CBD em atender as demandas dos desportistas gaúchos, com o objetivo de salientar a completa falta de necessidade em abandonar as entidades dirigentes do esporte nacional e estadual para aderir à dissidência, visto que aquelas tão atenciosa e eficientemente zelavam pelo progresso do nosso futebol.

De fato, outra nuance do aspecto que vimos analisando é justamente a ênfase no papel da FRGD na defesa dos interesses do esporte rio-grandense. Neste sentido, é indispensável comentarmos a extensa cobertura que a crônica desportiva do *Correio do Povo* faz do congresso promovido pela entidade máxima gaúcha, com o intuito de definir seu posicionamento oficial perante o caso da adesão da dupla Gre-Nal às Especializadas.

⁹⁸ “Pelotas e Rio Grande firmes na F.R.G.D.”. *Correio do Povo*, 07/05/1937, p.14.

⁹⁹ “A F.R.G.D. vae incrementar o intercambio desportivo”. 08/05/1937, p.17.

Ninguém ignora que as actividades dos líderes das Especializadas não se atêm á Capital do Estado.

Tambem os principais clubs e ligas do interior vêm sendo insistentemente convidados a apoiar a maioria da AMGEA, abandonando as hostes cebedenses.

A Federação Rio Grandense de Desportos, porém, não dorme nas palhas.

E o seu presidente, desportista Milton Soares, mostra-se intransigentemente disposto a defender a Confederação Brasileira de Desportos, impedindo que os clubs e ligas do interior passem a apoiar a facção do sr. Arnaldo Guinle.

Para levar a efeito o seu objectivo, foi convocado um congresso desportivo, que deverá reunir-se, nesta capital, no proximo dia 23, ao qual deverão comparecer representantes autorizados de todos os filiados da Federação Rio Grandense de Desportos [sic]¹⁰⁰.

Vemos acima manifesta, claramente, a intenção de salientar a atenção da FRGD, que “não dorme nas palhas” diante da investida dos próceres especializados ao interior do estado, e a sua operosidade em combatê-la. Como se deixa implícito, o congresso promovido pelo presidente Milton Soares tem por objetivo a defesa do ponto de vista da CBD. De fato, esta perspectiva se confirma nas reportagens dos dias seguintes, muito embora não esteja proclamada explicitamente, sendo divulgado que a intenção do congresso seria a de ouvir a palavra dos clubes do interior do estado. Não obstante, as diversas moções de solidariedade à posição francamente cebedista defendida pela FRGD – por parte do S.C. Novo Hamburgo e da Associação Bageense de Desportos¹⁰¹, do veterano F.B.C. Porto Alegre e das ligas de Caxias, Pelotas e Uruguaiana¹⁰², por exemplo – publicadas nos dias subsequentes, sugerem o objetivo maior de congregar as forças pró-cebedenses para resistir à ofensiva especializada.

Neste sentido, o que podemos inferir é a intenção do periódico em manifestar a coesão em torno da entidade de Milton Soares e o apoio unânime de seus componentes à CBD, orientação de fato assumida pelos participantes no congresso:

O Rio Grande do Sul desportivo, convocado, especialmente pela Federação Rio Grandense de Desportos, reuniu-se, hontem, á noite, em memoravel congresso, que deverá se tornar historico nos fastos do foot-ball gauchó.

Reunido para deliberar sobre o grave dissidio que vae pela capital, quando os maiores clubs da metropole adheriram ás Ligas Especializadas, os clubs e ligas do interior se manifestaram irrestrictamente, ao lado da Confederação

¹⁰⁰ “Sobrem a cinco os clubs da AMGEA que se filiarão ás Especializadas”. *Correio do Povo*, 23/06/1937, p.10.

¹⁰¹ “Colorados e tricolores comprometteram-se com as Especializadas”. *Correio do Povo*, 24/06/1937, p.15.

¹⁰² “O congresso promovido pela F.R.G.D. empolga a atenção de todo o Rio Grande do Sul desportivo”. *Correio do Povo*, 25/06/1937, p.12.

Brasileira de Desportos, em uma unanimidade expressiva, que caracteriza perfeitamente a sua coesão e alta compreensão das verdadeiras finalidades do desporto [sic]¹⁰³.

A ampla cobertura que o *Correio* fez do congresso da FRGD nos últimos dias de junho de 1937, preterindo outras possíveis notícias a respeito do recente contrato firmado entre os principais clubes porto-alegrenses e os especializados cariocas, e a grande relevância que lhe foi atribuída¹⁰⁴, dá mostras, novamente, da estratégia de se remeter ao posicionamento clubes e ligas interioranas. Estes, afinados com a perspectiva cebedense da FRGD, reforçam a coesão e unidade dos defensores da CBD no combate à ameaça especializada, confluindo assim com a orientação do próprio jornal.

Para reiterar o ponto que vimos afirmando até aqui, vale citarmos ainda uma matéria das mais ilustrativas, no sentido de ressaltar o posicionamento do interior gaúcho. No dia 22 de maio de 1937, o *Correio do Povo* publica uma série de telegramas de diversas ligas interioranas, manifestando seu alinhamento com a CBD:

De toda parte do Estado e em resposta a uma circular que dirigiu a todos os clubs e ligas filiados, a Federação Rio Grandense de Desportos vem recebendo as mais expressivas manifestações de apoio, que, extensivas á C.B.D., demonstram, á saciedade, o repudio dos maioraes do foot-ball gauchó á corrente chefiada pelo cidadão Arnaldo Guinle.

Até hontem, a F.R.G.D. havia recebido os seguintes telegramas:

DE BAGÉ – “Momento especializadas tentam lavrar discordia sport rio-grandense esta Associação hypotheca irrestricta solidariedade essa entidade que serenamente vem reagindo investida dissolvente maus desportistas nossa terra (...)”.

DE URUGUAYANA – “Associado Uruguayanense Desportos prestigia completamente Federação Rio Grandense considerando seus dignos dirigentes maxima garantia desportismo nosso glorioso Estado compreendendo desporto em sua verdadeira finalidade. (...)”

DE CACHOEIRA – Tomando conhecimento atravez imprensa insidiosas negociações vem tratando especializadas objectivo trazer desharmonia glorioso, desporto gauchó, vimos hypothecar nossa indefectivel solidariedade essa egregia entidade e autorizar-vos respectiva publicação (...)”.

DE LIVRAMENTO – Liga Santanense de Desportos continua prestando integral solidariedade a essa Federação (...).

¹⁰³ “O Rio Grande do Sul desportivo, em expressiva unanimidade, aprovou um voto de irrestricto apoio á Federação Rio Grandense de Desportos e á Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p.16-17.

¹⁰⁴ Como se pode notar, por exemplo, nas seguintes linhas: “O Rio Grande desportivo, em sua unanimidade, está com a atenção voltada para o importante congresso a reunir-se, na proxima segunda-feira, na séde da Federação Rio Grandense de Desportos”. Em: “O congresso promovido pela F.R.G.D. empolga a atenção de todo o Rio Grande do Sul desportivo”. *Correio do Povo*, 25/06/1937, p.12.

DE PELOTAS – Em reunião directoria Liga Pelotense Amadores de Desportos resolveu por unanimidade votos expressar por intermedio dessa Federação a sua solidariedade á Confederação Brasileira de Desportos por estar perfeitamente identificada com a sua orientação desportiva (...).

DE CAXIAS – Liga Sportiva Caxiense continua prestar decidido apoio a C.B.D. e F.R.G.D. (...).

“Directoria da Associação Rio Grandense Fot-Ball excepto um membro se recusou votar, hontem reunida, elogia vossa attitude autoriza hypothecar irrestricta solidariedade Federação Rio Grandense como Confederação Brasileira de Desportos. Pedimos divulgação deste phonogramma. Pela Associação Rio Grandense de Foot-Ball (...)” [sic]¹⁰⁵.

Como observamos, a matéria publica à exaustão os votos de solidariedade emitidos à FRGD e à CBD pelas mais importantes ligas de todas as regiões do estado. Isto demonstra, conforme vimos argumentando, uma clara vontade de marcar a absoluta lealdade e boa vontade do Rio Grande do Sul desportivo para com a Confederação Brasileira e seus ideais. Portanto, a palavra do interior do estado, coerente com os ideais cebedenses e o posicionamento do *Correio do Povo*, constitui uma das principais vozes instrumentalizadas para enfatizar o poderio e coesão da CBD no Brasil.

2.4 As vozes cebedenses: a palavra dos “paredros”.

O segundo grupo de enunciadores ao qual é dado destaque dentro da estratégia do dizer-silenciar refere-se aos dirigentes e sócios graduados, os “paredros”, na linguagem da época, dos grandes clubes porto-alegrenses que não concordaram com a postura assumida por suas agremiações. Vejamos como seu discurso foi apropriado pela crônica esportiva do jornal.

Ao se aproximar o mês de maio e com o progressivo avanço das negociações, parecendo cada vez mais possível e iminente o fechamento de um acordo de Grêmio e Internacional com as Ligas Especializadas, as manchetes passam a apontar para um progressivo “aumento da apreensão”¹⁰⁶ no ambiente futebolístico gaúcho. Diante desta situação, a crônica desportiva do *Correio*, além de plantear seu apoio à CBD por meio da publicação de moções de apoio à instituição de diversas partes do Rio Grande do Sul, passa também a desmerecer as negociações, duvidando da possibilidade de sua concretização.

¹⁰⁵ “O Rio Grande desportivo define-se pela C.B.D.”. *Correio do Povo*, 22/05/1937, p.12.

¹⁰⁶ Por exemplo, em: “O ambiente desportivo está apprehensivo, em face da possibilidade do S.C. Internacional aderir às Especializadas”, *Correio do Povo*, 14/05/1937, p.12.

Mesmo diante de indícios mais sólidos da adesão dos clubes gaúchos, com a viagem do presidente do Internacional, Iracy Salgado Freire, ao Rio de Janeiro, onde teria feito contato com os líderes da facção especializada, as matérias publicadas nas notas desportivas do jornal recusam-se a acreditar, demonstrando sua simpatia inequívoca à causa cebedense, defendendo que no clube colorado a vertente preponderante ainda era favorável à CBD:

Não acreditamos que a notícia seja verdadeira. Ella, entretanto, foi transmittida do Rio e publicada pelo “Diario”, de S. Paulo.

E não damos credito á nova de que o presidente do S.C. Internacional, actualmente no Rio, esteja tramando um grave dissidio no foot-ball gaucho, porque sabemos perfeitamente que, dentro do club colorado, é grande e preponderante a corrente que apoia decisivamente a C.B.D. [sic]¹⁰⁷.

Semanas depois da viagem do presidente Iracy Freire, estando o ambiente ainda “apreensivo”, porém sem nenhuma definição, foi noticiada a realização uma sessão extraordinária do Conselho Deliberativo do Internacional, cuja pauta, especulou-se, teria sido relacionada às bases do futuro pacto do clube colorado com os especializados cariocas, tendo o Grêmio “ficado na moita”¹⁰⁸, aguardando uma decisão do coirmão, possivelmente seguindo o rumo tomado por ele. No entanto, no dia seguinte, nada de concreto apareceu, levando o jornal, novamente, a manifestar sua descrença na efetivação de algum acordo:

Entretanto, com o decorrer do dia, os circulos desportivos chegaram á conclusão de que o “prestigio” das Especializadas, entre nós, (...) não passava de fogos fátuos. (...)

Por essa fórma, o nevoeiro foi facilmente “varado” durante o dia de hontem.

Muita conversa e pouca ou nenhuma realização... [sic]¹⁰⁹.

O ambiente desportivo porto-alegrense após a reunião colorada é comparado a um nevoeiro: o dia amanheceu envolto nas brumas, ou seja, não nada se enxergava claramente a respeito do futuro dos clubes gaúchos, à respeito das negociações com os especializados. Ao longo do dia, porém, com a reunião das rodas desportivas da capital, foram sendo desmentidos os boatos, e o nevoeiro foi “varado”, voltando a brilhar o sol da filiação gaúcha à CBD. Como veremos, esta metáfora será retomada e aprofundada mais adiante.

¹⁰⁷ “O Internacional vae deixar a C.B.D.?” *Correio do Povo*, 30/04/1937, p.17.

¹⁰⁸ “O ambiente desportivo está apprehensivo, em face da possibilidade do S.C. Internacional adherir às Especializadas”, *Correio do Povo*, 14/05/1937, p.12.

¹⁰⁹ “Dissipa-se, pouco a pouco, o nevoeiro desportivo”. *Correio do Povo*, 15/05/1937, p.17.

É neste contexto, da ocorrência de reuniões extraordinárias e secretas para definir os rumos do futebol porto-alegrense, que identificamos mais fortemente a estratégia de buscar o depoimento de importantes figuras da direção e administração, dos paredros dos principais clubes envolvidos. De maneira coerente com a orientação do periódico acerca da questão, as entrevistas reproduzidas manifestam a contrariedade e o protesto dos próceres colorados e gremistas quanto a adesão da dupla ao profissionalismo.

Na sequência da divulgação da primeira reunião convocada pelo Internacional, já mencionada anteriormente, supostamente para tratar do possível acordo com os dissidentes cariocas, apesar de seus participantes se mostrarem pouco dispostos a comentar seu desenrolar, a matéria reproduz o relato de dois expoentes colorados. Suas manifestações mostram-se incisivamente contrárias a qualquer negociação com as Especializadas:

O SR. EDELBERTO MENDONÇA veterano e acatado desportista, socio graduado e pertencente á guarda-velha do club, manteve, tambem, reservas, para dizer-nos:

- Sobre a sessão, nada posso adeantar. Autorizo, porém, a seguinte declaração da minha parte: - “Si houver a derrocada do foot-ball gaúcho, como se pretende fazer, afirmo que abandonarei a actividade desportiva. Farei a minha trouxa. Mettel-a-ei numa mala. Passarei um cadeado. Porei a chave fóra e... irei caçar pardaes por esse mundo afóra... [sic]¹¹⁰.

Seu comentário chega a ser cômico. É, porém, inequívoco. Na opinião de Edelberto Mendonça, a adesão de seu clube às Especializadas, abandonando a CBD, seria nada menos que a derrocada do futebol gaúcho. Neste caso, não lhe restaria alternativa a não ser abandonar a atividade esportiva.

Milton Soares é outro prócer colorado a se pronunciar. O então presidente da Federação Rio-Grandense de Desportos, além de sócio e membro do Conselho Deliberativo do Internacional, comenta a sua demissão desta última função, resolvida na sessão em questão:

- Sahi acabrunhado da sessão de antehontem. Antes, porém, renunciei, em plena assembléa, ás funções de membro do Conselho Deliberativo do meu club. E só não abandono a presidencia da F.R.G.D. para impedir, emquanto tiver forças, um maior descalabro para o desporto gaúcho [sic]¹¹¹.

¹¹⁰ “O ambiente desportivo está apprehensivo, em face da possibilidade do S.C. Internacional adherir às Especializadas”, *Correio do Povo*, 14/05/1937, p.12.

¹¹¹ Idem.

Para Soares, como vemos, a possibilidade de um entendimento da sua agremiação com a corrente de Arnaldo Guinle é motivo de entristecimento e, caso se expanda para outros clubes e mesmo para outras cidades, irá constituir um verdadeiro desastre para o esporte no estado. Justificada está sua demissão do Conselho Deliberativo, não podendo concordar com a decisão geral. Como presidente da FRGD, porém, anuncia que irá continuar pugnando contra o avanço especializado.

De modo semelhante, porém durante um estágio mais avançado e concreto da adesão de Internacional e Grêmio à especialização, posicionou-se Heron Burity, figura ligada ao S.C. Cruzeiro, e então presidente da AMGEA, sobre a possibilidade de seu clube de origem unir-se à dissidência:

A minha attitude será sempre a mesma: Ficarei fiel ás tradições do Rio Grande desportivo, ao seio da C.B.D. E, caso se effective a versão que corre por ahi, de que o Cruzeiro formará ao lado das “Especializadas”, desligar-me-ei do meu club, da Associação e de qualquer actividade desportiva [sic]¹¹².

Fica claramente expressa no depoimento de Heron Burity a mesma postura adotada por Milton Soares e Edelberto Mendonça para o caso colorado. Efetivando-se um acerto de seu clube com as Especializadas, não lhe restaria outra opção a não ser abandonar a atividade esportiva.

Ainda na esteira daquelas turbulentas semanas do mês de maio, nas quais havia grande expectativa acerca do posicionamento de Grêmio e Internacional, recorre-se a novamente à palavra de seus dirigentes. As entrevistas reproduzidas seguem o mesmo tom. O desportista Luiz Salles, membro do Conselho Deliberativo do Internacional comenta:

- (...) Não acredito que a minha tradicional sociedade deixe a C.B.D., porque ainda acredito nos seus dirigentes – mas... si o Internacional passar para as Especializadas, só me resta, como internacionalista, acompanhar o funeral do meu club até o cemiterio das “negociatas” e depositar, sobre o seu tumulo, uma corôa, com a seguinte inscripção: “Eternas saudades” [sic]¹¹³.

Podemos salientar no depoimento de Luiz Salles algumas opiniões já emitidas anteriormente nas páginas de edições do *Correio do Povo*. Primeiramente, descrença de que os colorados poderiam vir a romper com a CBD para se juntarem aos especializados, já manifestada pela crônica esportiva do jornal¹¹⁴. Além disso, ao

¹¹² “O Rio Grande desportivo e as Especializadas”. *Correio do Povo*, 22/06/1937, p.14.

¹¹³ “Fala Luiz Salles, director influente do Internacional”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p. 17.

¹¹⁴ Como comentamos, em: “O Internacional vae deixar a C.B.D.?” *Correio do Povo*, 30/04/1937, p.17.

comparar ironicamente a aliança com os especializados à morte, se aproxima da opinião de Edelberto Mendonça supracitada; ou seja, tal pacto seria o fim, a “derrocada” não só do Internacional, mas do esporte gaúcho. A Salles, como bom e tradicional colorado, restaria acompanhar seu clube até o final.

Também os gremistas deram a sua palavra sobre o assunto. Aurélio de Lima Py, professor da faculdade de medicina, presidente do clube da Baixada em diversas oportunidades¹¹⁵, e opinião respeitabilíssima na administração do tricolor porto-alegrense, sentença sobre a situação:

Posso, ainda, dizer uma cousa, no que concerne ao “meu” club – o Gremio Porto Alegrense: estou satisfeito com a declaração de hoje do presidente José da Silva Martins. Mesmo porque, si o Gremio quizer quebrar a sua gloriosa tradição, lá estarei, na sessão do Conselho Deliberativo, prompto a ensinar aos moços o caminho do direito e da verdade... [sic]¹¹⁶.

Aurélio Py afirma explicitamente que não pretende permitir que seu clube abandone a orientação amadorista e cebedense, ou nas suas palavras, “o caminho do direito e da verdade”, fazendo valer sua voz de grande influência no Conselho Deliberativo. O entendimento com as Especializadas é encarado como um ato desonroso, uma quebra da gloriosa tradição do tricolor gaúcho.

A declaração do presidente do Grêmio, José da Silva Martins, a que se refere o depoimento de Aurelio Py, a respeito da possível negociação do clube com as Ligas Especializadas, foi também reproduzida pelo “Correio”. Ao analisarmos seu conteúdo, entretanto, podemos perceber que ela não desmente categoricamente o fato. Apenas afirma que o tricolor não iria automaticamente seguir a decisão do Internacional, e que somente a sua diretoria poderia falar pelo clube da Baixada:

Sobre o actual momento desportivo, sou forçado a dizer duas palavras, em virtude de tambem ter sido collocado na “berlinda”, o nome do Gremio Porto Alegrense. Devo esclarecer, antes de tudo, que o tricolor não recebeu nenhuma proposta de “gratificação” para modificar o panorama do sporto gaúcho ou nacional (...).

O Gremio é club organizado, guindado á posição destacada unicamente pelo esforço e pela dedicação dos gremistas, cuja conduta sempre primou pela moralidade. Assim, si o sport gaúcho vier a passar pela crise que todos propalam, os gremistas – e só elles – decidirão os destinos do tricolor.

¹¹⁵ Aurélio de Lima Py foi presidente do Grêmio nas gestões de 1912-13, 1915, 1919-22 e 1929-30. Cf. PIRES, Edison. *História do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Passado e presente de um grande clube*. Porto Alegre: s/e, 1967. p. 32.

¹¹⁶ “O professor Aurelio Py é pela C.B.D.”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p. 17.

Portanto, nada mais prematuro e falso do que aquilo que andam dizendo por ahi.

Nós ainda não falamos... [sic]¹¹⁷.

Como se vê a partir do transcrito, a fala do presidente gremista em nada rechaça um possível entendimento com as Especializadas em um futuro próximo, mas apenas afirma que o Grêmio não havia recebido ainda uma proposta destas e, portanto, não poderia se pronunciar a respeito, sendo falsos os boatos de que seguiria o Internacional de forma automática. Ainda assim, tanto a declaração de Aurélio Py, quanto a matéria jornalística, publicadas pelo *Correio do Povo*, tomam as declarações de José da Silva Martins como uma negativa “incisiva”¹¹⁸ ao convite das especializadas.

Novamente, a oportunidade de manifestar a improbabilidade do rompimento com a CBD é aproveitada pela crônica desportiva do periódico. Nos casos acima examinados, ela se dá por meio do respaldo de depoimentos emitidos por destacadas figuras na condução dos assuntos dos clubes e do futebol no Rio Grande do Sul. Entretanto, a adesão de Grêmio e Internacional acabou efetivando-se, o que demonstra a existência de grande número de apoiadores da causa especializada no seio da sua administração. A estes, no entanto, não é dado voz, mas apenas aos paredros favoráveis à manutenção do amadorismo cebedense.

2.5 Uma síntese

De modo a condensarmos o que vem sendo ponderado até aqui, podemos fazer uma análise mais detida da matéria de 16 de maio de 1937, intitulada “Novas manifestações de solidariedade á C.B.D.”. Situada nesta época de incertezas iniciada a partir de fins de abril daquele ano, na qual, como vimos, intensificou-se o apoio dispensado pela crônica desportiva do *Correio do Povo* à causa cebedense, a matéria acaba por reunir tanto os dois eixos discursivos que identificamos, quanto seus principais enunciadores dentro da estratégia de dar voz aos partidários da CBD, todos estes elementos que examinamos ao longo deste capítulo.

¹¹⁷ “Os gremistas – e só elles – decidirão os destinos do tricolor”. *Correio do Povo*, 15/05/1937, p. 17.

¹¹⁸ Conforme significativamente postula o subtítulo da matéria: “Importantes e incisivas declarações do sr. José Martins, ao ‘Correio do Povo’”. *Idem*.

A síntese que faz das diversas manifestações de apoio que a Confederação Brasileira de Desportos estava recebendo por aqueles dias inicia por evocar as inequívocas respostas que o Rio Grande do Sul desportivo deu às propostas das Especializadas. As investidas desta última serviram apenas para demonstrar a força, a coesão e o poderio da CBD:

As Ligas Especializadas já se pódem considerar benemeritas do desporto gaúcho.

A recente e furiosa offensiva das colligações do sr. Arnaldo Guinle tiveram o dom de consolidar o prestígio da Confederação Brasileira de Desportos em terras rio-grandenses.

E, ao em vez da dissolução esperada, o que se vê e o que se aprecia é a unificação dos nossos clubs e das nossas ligas, em torno dos princípios fundamentaes da entidade mater do desporto nacional [sic]¹¹⁹.

Ainda nesta mesma perspectiva, a publicação faz questão de reiterar as diversas moções de solidariedade enviadas à CBD oriundas de todo o estado gaúcho, destacando-se aquela levantada pelo presidente da AMGEA, Heron Burity, durante a sessão de Assembleia Geral da FRGD, reunida havia poucos dias com intuito de reformar seus estatutos:

NA F.R.G.D. tambem repercutiu a intromissão guinlesca nas nossas cousas desportivas.

A assembléa geral da entidade gaúcha, reuniu-se, ante-hontem, para tratar da reforma dos respectivos Estatutos.

Como noticiámos em outro local, o presidente da AMGEA, desportista Heron Burity, submetteu á apreciação do conclave uma entusiastica moção de solidariedade á Confederação Brasileira de Desportos.

Sem excepção, todos os presentes apoiaram-na, embora alguns dos presentes apresentassem uma ligeira ressalva: sendo representantes de clubs e ligas do interior do Estado, apenas podiam emittir opiniões individuaes e estas eram francamente favoraveis á moção. (...)

Como essas, outras muitas manifestações de apoio e sympathia vem recebendo, a cada instante, a F.R.G.D. e, com ella, a C.D.B.

O Rio Grande desportivo, representado por oitenta por cento dos seus elementos mais representativos, está inteiramente solidario com a poderosa Confederação Brasileira de Desportos [sic]¹²⁰.

Além disso, a reportagem publicada pelo *Correio* mais uma vez questiona as vantagens que o Rio Grande do Sul iria obter ao se aliar às Especializadas, fazendo pouco caso do arsenal de clubes que estas teriam a oferecer no caso de um contrato de

¹¹⁹ “Novas manifestações de solidariedade á C.B.D.”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p.18.

¹²⁰ *Idem*.

intercâmbio desportivo: “Ora, ninguém ignora que a corrente que apoia o sr. Guinle é pauperrima em clubs fortes. Afóra os componentes do Fla-Flu e o America, nada mais de projeção aparece” [sic]¹²¹.

Na sequência, a reportagem se remete, também, ao pronunciamento que têm feito diversos personagens influentes no cenário futebolístico gaúcho, no sentido de negar a proximidade de um acerto com as Especializadas, explicitamente mencionando, por exemplo, a “opinião insuspeita” do presidente gremista publicada anteriormente pelo jornal, e cujos trechos já transcrevemos acima¹²². Sobre o conjunto dessas declarações, a matéria comenta, de modo representativo: “OPINIÕES VALIOSAS partidas dos vultos mais representativos do desporto gaúcho, estão se colocando contra a projectada intromissão das Especializadas em nosso Estado” [sic]¹²³.

Todos estes elementos – a opinião de altas figuras do esporte gaúcho, as moções de apoio à causa cebedense, com destaque especial para as do interior do estado, e a desvalorização do adversário especializado, os quais já analisamos individualmente ao longo deste capítulo – aparecem aqui juntos, confluindo na mesma reportagem. A matéria, porém, não para por aí e fecha a “escalação” dos partidários da CBD com chave de ouro:

ATÉ A NATUREZA está inteiramente a serviço da causa defendida pela F.R.G.D.

Dissemos, em nosso numero de hontem, que já se podia varar o nevoeiro, o qual de tão espesso, se resumia na observação do gaúcho: “cerração baixa, é sol que racha”...

E, hontem, casualmente, o dia amanheceu sob espessa camada de cerração, que se prolongou até quasi meio dia.

Dahi para a tarde, tivemos um sol radioso e quente, convidando a gente para viver e para trabalhar.

Era a propria Natureza clareando os horizontes desportivos, ensinando a sua lição crystallina: não ha bonança, nem tempestade saudavel, que não seja precedida de céu carregado e de intensa pressão atmosferica... [sic]¹²⁴.

A continuação da metáfora do “nevoeiro esportivo” em que Porto Alegre se encontrava devido à indefinição da situação de seus principais clubes com relação à proposta das Especializadas adquire, aqui, novo patamar. Agora, a própria natureza, ao

¹²¹ Idem.

¹²² “Os gremistas – e só elles – decidirão os destinos do tricolor”. *Correio do Povo*, 15/05/1937, p. 17.

¹²³ “Novas manifestações de solidariedade á C.B.D.”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p.18.

¹²⁴ Idem.

reproduzir o nevoeiro futebolístico reinante, e ao dissipá-lo ao longo do dia, dava mostras de seu apoio à FRGD. Interessante jogo retórico, esta metáfora serve para reforçar o discurso cebedense do jornal.

Dessa forma, cremos ter ficado amplamente demonstrada a posição pró-cebedense da crônica esportiva do *Correio do Povo*. Este posicionamento está expresso nos dois principais eixos discursivos do jornal sobre a questão das especializadas, os quais são complementares: a valorização da CBD, enfatizando a sua unidade, coesão e força; e a desvalorização da corrente Especializada, ressaltando sua debilidade e fragilidade. Tais eixos discursivos, por sua vez, são manifestados pelo periódico por meio da estratégia de dar voz aos partidários da CBD, ao mesmo tempo em que se silenciam os seus opositores. Dentre estes partidários destacam-se, especialmente durante o acirramento de tensões que precedeu a adesão dos principais clubes de Porto Alegre às Especializadas, os clubes e ligas do interior do estado, e alguns dirigentes que foram contrários à postura de suas agremiações.

Todas estas características foram analisadas e exemplificadas ao longo deste capítulo e encontram-se reunidas na matéria que acima examinamos, como uma síntese do que foi exposto até aqui. No próximo capítulo, trataremos de analisar as principais linhas argumentativas envolvidas nesta defesa da postura cebedense do *Correio do Povo*, aproximando-as ao discurso adotado pelo governo de Getúlio Vargas em relação à administração do futebol brasileiro.

3 O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: as linhas argumentativas do *Correio do Povo*

Examinamos no capítulo anterior o posicionamento pró-cebedense do periódico *Correio do Povo*, manifestado por meio de dois eixos discursivos complementares: a exaltação da Confederação Brasileira de Desportos, sempre ressaltando suas obras para o engrandecimento do esporte nacional e sua coesão interna; e a depreciação da Federação Brasileira de Football e das Ligas Especializadas, questionando suas realizações e motivações, e apontando suas debilidades. Analisamos, também, como estes eixos discursivos são operacionalizados por meio da estratégia de dar voz aos partidários da corrente cebedense, particularmente a dirigentes renomados e aos clubes do interior do estado que foram contrários ao movimento de especialização.

No presente capítulo, trataremos de analisar as principais linhas argumentativas que sustentam os eixos discursivos que identificamos. A crítica ao regime profissional e o elogio ao amadorista têm como base dois grandes argumentos: em primeiro lugar, a consideração de que o profissionalismo era um regime centrado unicamente no lucro financeiro, prática corruptora e imoral; e em segundo lugar, a ideia de que o movimento especializado tinha um caráter sedicioso, visando destruir a harmonia do esporte gaúcho. Estas vertentes argumentativas já puderam ser vislumbradas em algumas considerações do capítulo anterior. Examinaremos, no entanto, a seguir, de forma sistemática cada uma delas.

Veremos neste capítulo que estas ideias que embasavam o discurso e justificavam o posicionamento adotado pelo *Correio do Povo* também eram elementos fundamentais do projeto de sociedade varguista aplicado ao esporte. De fato, ao retomarmos a análise do Decreto-Lei 3.199, já empreendida no primeiro capítulo, poderemos perceber que também ali a desconfiança para com o esporte profissional e a defesa da necessidade da harmonização e disciplinamento do desporto brasileiro são noções basilares, que estão no cerne da nova legislação.

3.1 O profissionalismo imoral

Eu considero o jogador que quer se profissionalizar como o gigolô que explora a prostituta. O Clube lhe dá todo o material necessário para jogar e se divertir com a pelota e ainda quer dinheiro? Isso eu não permitirei no Flamengo. O profissionalismo avilta o homem.

Rivadavia Corrêa Meyer¹²⁵

A declaração em epígrafe foi proferida pelo então presidente do Flamengo, Rivadavia Corrêa Meyer, para o jornal “Diário Carioca” em 26 de novembro de 1932, portanto alguns meses antes de surgir o movimento das Especializadas e cerca de um ano antes do clube rubro-negro aderir a ele. Bastante contundente, o pronunciamento sintetiza muito bem a concepção que os indivíduos ligados à corrente cebedense tinham do esporte profissional. Recorrendo à comparação com a prostituição, Meyer expressa sua indignação contra uma prática que considera imoral e aviltante.

Esta linha argumentativa, que considera o futebol profissional como sendo essencialmente imoral, corrupto, mercenário e ganancioso, conduta que desvirtuava os verdadeiros propósitos do esporte, é, com efeito, a primeira que identificamos como base do posicionamento pró-cebedense do *Correio do Povo*. Recorremos, nas seções a seguir, diretamente às fontes de modo a evidenciar a construção desta argumentação.

3.1.1 A ênfase no dinheiro

Uma das principais faces desta argumentação refere-se à consideração de que o profissionalismo no futebol brasileiro teria como objetivo principal a busca desenfreada por dinheiro. O regime profissional seria orientado pela ambição e pela cobiça, sendo o lucro a sua grande razão de ser. Dessa forma, a crônica esportiva do *Correio do Povo* enfatiza diversas vezes o caráter utilitarista da corrente especializada.

Isto é muito evidente quando da iminência do estabelecimento do contrato entre Grêmio e Internacional e os especializados cariocas. Estando indefinida a situação dos clubes gaúchos, as notas desportivas do jornal apontam para uma mudança de

¹²⁵ CORRÊA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Editora Minuano, 1933, p. 137. Apud Caldas (1990: 74).

comportamento dos tradicionais desportistas porto-alegrenses, que, diante da proposta das Especializadas, surpreendentemente estariam se portando de maneira insidiosa e interesseira:

Por toda parte, domina a confusão. Não ha sinceridade. Procura-se tirar partido das minimas cousas e das menores attitudes. Clubs tradicionalmente ordeiros e desportistas arraigadamente conservadores tentam ludibriar a opinião publica, com o escopo, unico e exclusivo, de tirar partido da situação. (...) Segundo o nosso informante, as Especializadas se comprometteram a auxiliar com elevada quantia em dinheiro os clubs Internacional e Gremio, caso estes passassem a lhe dar immediato apoio [sic]¹²⁶.

A ênfase no caráter monetário da proposta, conforme vislumbramos ao final da citação acima, repete-se várias vezes ao longo de todo o período da crise das Especializadas em Porto Alegre. Trata-se aqui, novamente, da estratégia da paráfrase, da repetição da mesma ideia, conforme já analisamos no capítulo anterior, de modo a consolidar este posicionamento junto ao público leitor. Os exemplos neste sentido são abundantes.

Na ocasião de uma das primeiras reuniões do Conselho Deliberativo do Internacional para decidir sobre o futuro do clube, na qual seus membros não ficaram satisfeitos com a proposta recebida, a matéria afirma de antemão que: “Si as condições financeiras offerecidas forem bastante melhoradas, a familia colorada se reunirá novamente, para, mais uma vez, estudar a questão...” [sic]¹²⁷. Como vemos, de acordo com a visão da crônica do *Correio*, o motivo determinante para a adesão do Internacional às Especializadas é um aumento dos ganhos financeiros que o clube teria com tal atitude.

De fato, esta era uma questão importante para os clubes envolvidos. Em uma das poucas reportagens que dá voz ao lado dos especializados, à qual já nos remetemos anteriormente, estes justificam suas ações predominantemente com base em argumentos de ordem financeira:

De maneira especial, os clubs locais vinham supportando o pesado encargo de estarem filiados á CBD, por intermedio da FRGD, tendo de pôr á sua disposição os jogadores requisitados, máu grado estivesse já em vigor o regimen mixto que os obrigava a vultosa despesas: e, posteriormente, aquellas entidades lhes negavam o direito de resarcimento dos prejuizos soffridos. Verificava-se que, além das contribuições monetarias regimentares, que os clubs pagavam, tinham elles de arcar com os onus dos salarios dos

¹²⁶ “O ambiente desportivo está aprehensivo, em face da possibilidade do S.C. Internacional adherir ás Especializadas”. *Correio do Povo*, 14/05/1937, p.12.

¹²⁷ “Dissipa-se, pouco a pouco, o nevoeiro desportivo”. *Correio do Povo*, 15/05/1937, p.17.

jogadores que integravam os seleccionados gauchos. Entretanto, ao que se sabe, o ultimo campeonato brasileiro rendeu para a FRGD mais de 50:000\$ que, reunidos ao grande montante que existia em caixa, foram prodigamente gastos em premios, viagens aereas especiaes e hotéis de luxo, presentes de alto valor para destacada autoridade cebedense, e até para um estranho, que se surpreendeu com a dadiva e seu vulto [sic]¹²⁸.

Na sequência, a crítica dos clubes recém-especializados se volta também contra as dificuldades financeiras na organização de intercâmbios desportivos e do campeonato local:

O intercambio desportivo entre os Estados, de tão caro, tornou-se impossível. Pela vinda do Palestra Italia, o club cebedense de maior cartaz, patrocinada pela FRGD, apesar da bilheteria ter produzido mais de 50:000\$, deu prejuizos á A.M.G.E.A. e seus filiados.

Nesta cidade, o campeonato perdeu o interesse, já pelo elevado numero de clubs da primeira série, já pela flagrante disparidade de jogo entre os diferentes quadros que os disputavam. Esse facto é de grande monta e atinge visceralmente a existencia dos clubs que, sem renda, terão que delapidar os seus patrimonios, depois de se debaterem em orçamentos deficitarios, que exigiam sacrificios inauditos dos socios mais graduados e seus respectivos dirigentes [sic]¹²⁹.

Fica evidente, assim, que as preocupações de ordem financeira constituíram importante fator para que os principais clubes da capital abandonassem o regime cebedense. No entanto, merece destaque a ênfase que as notas desportivas do *Correio do Povo* dão a esta questão. Poderíamos inclusive especular que o fato de esta matéria ser a única que faz a defesa do ponto de vista especializado que encontramos no período pesquisado se deve justamente à proeminente crítica que faz aos prejuízos financeiros dos clubes gaúchos sob o amadorismo, reforçando as motivações econômicas da sua adesão às Especializadas – aspecto considerado pejorativo dentro da linha argumentativa que vimos analisando. Não adentraremos, porém, em especulações. Continuemos com os exemplos concretos do destaque dado pelo jornal à questão do dinheiro.

Ainda quando não havia uma definição quanto a um acerto de Internacional e Grêmio com as Ligas Especializadas, a crônica do *Correio* se pergunta o que os clubes porto-alegrenses teriam a ganhar com este acordo:

QUAES AS VANTAGENS que as Especializadas offereciam ao R. Grande do Sul?

¹²⁸ “Em documento publico, Gremio, Internacional, Cruzeiro, S. José e Força e Luz definem a sua situação”. *Correio do Povo*, 26/06/1937, p.16.

¹²⁹ Idem.

Segundo informações fidedignas, nada mais do que isto: cerca de cem contos de réis, por empréstimo, quantia essa a ser paga em prestações, e a vinda ao sul dos fortes quadros do Flamengo e do Fluminense.

A primeira oferta foi considerada irrisória, uma vez que, talvez, nem mesmo mil contos fossem suficientes para comprar a consciência dos desportistas gauchos.

A proposta, além de indecorosa, seria ultrajante aos dirigentes e aos atletas dos nossos clubs e ligas [sic]¹³⁰.

Também aqui, afirma-se que a grande vantagem que os especializados cariocas teriam a oferecer, além do intercâmbio desportivo, seria uma quantia em dinheiro. E mesmo esta é considerada muito baixa, insuficiente para subornar a dignidade dos nossos desportistas. Este componente de imoralidade da transação financeira que representou o acordo firmado, implícito na expressão “comprar a consciência”, é, de fato, outro componente fundamental desta linha argumentativa, o qual analisaremos mais detidamente na seção 3.1.3.

Em outra passagem, também a coluna Free-Kick se manifesta a respeito das possíveis vantagens do acordo em gestação, expressando seu ceticismo em relação à possibilidade do desporto gaúcho como um todo efetivamente “lucrar” com a adesão às Especializadas. Ainda que se admita a possibilidade de Grêmio e Internacional se beneficiarem financeiramente da situação, estes ficariam restritos às duas potências do futebol porto-alegrense, em prejuízo do restante do Estado. Novamente a questão é abordada pelo viés econômico:

Alguns filiados da F.R.G.D., por motivos varios, têm se mostrado alheios ao movimento, alegando que desconhecem as “vantagens” que poderão usufruir da “passagem” para as “especializadas”, uma vez que – dizem os interessados – apenas Internacional e Grêmio serão bafejados pelos “lucros” futuros... [sic]¹³¹.

De fato, é bastante difundida a ideia de que os clubes porto-alegrenses tornaram-se profissionais, unindo-se às Ligas Especializadas, apenas para desfrutarem dos benefícios financeiros oferecidos. Em determinada matéria, esta noção a respeito de Internacional e Grêmio é formulada de maneira explícita: “(...) clubs gauchos que, a troco de vantagens pecuniarias, metteram os pés na C.B.D. e se passaram para a então dissidência (...)” [sic]¹³².

¹³⁰ “Novas manifestações de solidariedade á C.B.D.” *Correio do Povo*, 16/05/1937, p.18.

¹³¹ “Politica e Politicos” *Correio do Povo*, 29/05/1937, p.11.

¹³² “Commentarios sobre a C.B.D.” *Correio do Povo*, 19/10/1937, p.12.

Vale destacar que também para esta questão encontramos a estratégia de dar voz aos próceres cebedenses, conforme havíamos analisado no capítulo anterior. Sobre este assunto, os “paredros” partidários do amadorismo, manifestaram-se contra a ambiciosa busca por vantagens financeiras de Grêmio e Internacional, reiterando a crítica apresentada pelo jornal. Focalizamos a seguir o depoimento do então presidente da Federação Rio Grandense de Desportos, Milton Soares, que concede uma extensa entrevista ao *Correio do Povo*, em meio ao ambiente turbulento do final de maio de 1937. Em determinado momento, Soares lança dúvidas sobre o sucesso e mesmo a real necessidade do movimento especializado no estado:

A entidade que presido cuida, unicamente, de uma cousa: o desenvolvimento e o constante progresso do desporto gaúcho. Os clubs do Estado estão entregues aos seus campeonatos normaes. Pelas demonstrações francas e positivas das Ligas e clubs filiados á F.R.G.D. unanimes em reafirmar inteira e irrestricta solidariedade á entidade maxima, não acredito no exito da campanha que se está desenrolando em favor das “especializadas”.

Nada ha mesmo que justifique tal movimento; ultimamente, a direcção da C.B.D., como é do conhecimento publico, não tem poupado esforços no sentido de attender ás aspirações dos desportistas gauchos. Pelo que tem publicado a imprensa local, conclue-se não se tratar de procurar o meio mais facil de alcançar o objetivo unico pelo qual todos trabalhamos, qual seja o engrandecimento do desporto e, sim, minorar a situação financeira dos clubs lideres desse movimento [sic]¹³³.

Aí está expressa a concepção de Milton Soares, e dos demais líderes cebedenses, bem como da crônica esportiva do *Correio do Povo* no geral, acerca dos reais objetivos do movimento especializado. Este seria unicamente o enriquecimento dos clubes que o encabeçam, e não o engrandecimento do esporte, pelo qual a CBD tão empenhadamente trabalha. Notamos, ao final da citação, uma oposição entre as aspirações das duas facções em litígio: uma busca o dinheiro, ao passo que a outra luta pelo engrandecimento do esporte. Esta dicotomia está justamente na base da argumentação que estamos analisando, de modo que será explorada de forma mais apropriada mais adiante, na seção 3.1.4.

Para encerrar os exemplos desta ênfase no oportunismo e na ganância dos clubes especializados, podemos citar as diversas notícias que foram publicadas entre agosto e setembro de 1937, repercutindo a possibilidade dos clubes cariocas quebrarem o contrato com os gaúchos. Na esteira do pacto Vasco-América, celebrado em junho de 1937, se configuravam novas necessidades dentro da lógica de pacificação. Assim,

¹³³ “O desportista Milton Soares, presidente da F.R.G.D., expõe ao ‘Correio do Povo’ a situação do football gaúcho”. *Correio do Povo*, 30/05/1937, p.14.

passava a ser mais vantajoso para os especializados cariocas enfrentarem os clubes cebedenses locais; o contrato estabelecido com Grêmio e Internacional, lavrado em pleno dissídio, não era mais interessante para Flamengo, América e Fluminense. Nesse contexto, tendo estes clubes solicitado, ao menos, um adiamento do compromisso de intercâmbio, novamente na coluna Free-Kick aparece uma crítica mordaz à sua cobiça:

O motivo do pedido é, a um tempo, simples e ingênuo: os clubs cariocas das Especializadas não podem, agora, se afastar do Rio, porque precisam jogar, **para ganhar dinheiro**, com os clubs da CBD, com que acabam de concertar um “**acordo**” **pecuniário**... Enquanto não havia parceiros, os nossos clubs eram bons, eram valorosos, eram dignos. Mereciam que Fluminense, Vasco e América viessem ao sul e que esses mesmos clubs os recepcionassem na capital da Republica. **Bastou, porém, que o dinheiro se metesse de permeio**, para que se procurasse um modo de “adiar” para março ou abril o cumprimento de um contrato expresso [sic; grifos meus]¹³⁴.

Como vemos pelo teor do texto e pelas expressões que grifamos, Free-Kick entende que as ações da corrente especializada carioca são motivadas unicamente pela sua avidez por dinheiro. Também as matérias regulares das notas esportivas do *Correio* manifestam o mesmo posicionamento:

“O VERDADEIRO MOTIVO do sr. Bastos Padilha [presidente do Flamengo] reside no fato dos clubs cariocas não mais se interessarem pela sorte dos co-irmãos gauchos.

O acordo foi assinado quando as Especializadas se encontravam em desespero de causa.

Não havia, no país, parceiros para Fluminense, Flamengo e América. (...)

Uma cousa, parece, não estava nas cogitações dos cariocas: um próximo acordo com os clubs cebedenses, que Vasco da Gama e América assinaram pouco depois, unindo definitivamente a família desportiva carioca.

Seguiram-se jogos amistosos, **para fins financeiros**, e surgiu a necessidade inadiável de ser suspenso o compromisso assumido para com os gauchos, que **não interessavam materialmente**... [sic; grifos meus]¹³⁵.

Mesmo a reprodução de uma notícia oriunda do “Diário da Noite” do Rio de Janeiro, na qual os especializados buscavam justificar sua atitude apresentando seu lado da história, enfatiza amplamente o aspecto econômico envolvido na questão:

Se tal pacto, na época em que foi firmado, representava uma arma perigosa contar a CBD, nos dias atuais, que a paz desceu sobre o foot-ball, ele apenas **representa um compromisso oneroso** para o Flamengo, América e Fluminense, os quais, durante três anos, terão que favorecer os gauchos em tudo e **nada receber em troca**. (...)

¹³⁴ “Tim-Team por Team-Tim”. *Correio do Povo*, 14/08/1937, p.11.

¹³⁵ “Gremio e Internacional só abrirão mão do intercambio, mediante o pagamento da multa, por inadimplemento do contracto”. *Correio do Povo*, 19/08/1937, p.12.

Com o desassombro proprio das suas atitudes o Flamengo teria proposto pagar a multa de 100 contos de que trata determinada clausula, o que causou pânico entre tricolores e americanos. (...)

Não enxergando o quanto de ruinoso possui este compromisso, o America e o Fluminense acharam mais conveniente não desembolsar os 33 contos, embora tenham que **gastar o triplo ou o quadruplo**, durante os tres anos em que estiver em vigor o pacto [sic; grifos meus]¹³⁶.

Por fim, cabe-nos citar uma das matérias mais incisivas no que se refere à crítica à ganância do bloco especializado. A própria manchete dá o teor da argumentação que se segue: “O Fluminense perdeu pela ambição do dinheiro!”.

Tendo chegado do Rio Grande do Sul em péssimas condições físicas, em virtude de uma viagem acidentada e de contusões recebidas em jogos, os seus elementos estavam necessitando de um repouso. Contraste se revelou o sr. Affonso de Castro, diretor geral de sports, que declarou ser indispensável que o seu club jogasse porque tinha uma despesa de 400 contos com os jogadores e até então não havia ganho nada. A declaração causou espécie, porque, afinal um club como o Fluminense **tem outras cousas a zelar, além da simples questão de verbas**. O seu nome é uma tradição no sport sul-americano e por isso não deve ser levado ao pelourinho do ridículo, em exhibições desastradas. (...)

O desejo de lucro, porém, falou mais forte que o espírito sportivo. E o Fluminense apresentou-se contra os vascaínos com um conjunto desfalcadíssimo. E dos que jogaram, nem todos estavam em boas condições. O resultado foi a esmagadora derrota que o sacudiu violentamente, entristecendo os seus associados e a sua torcida. (...)

Nós lamentamos que a **falta de tato** e a **ambição** tenham perturbado de tal modo os responsaveis pelo Fluminense, a ponto de sujeitarem a “custosa” representação tricolor a um revés tão humilhante [sic; grifos meus]¹³⁷.

A crítica apresenta-se de modo categórico. Os dirigentes do Fluminense marcaram muitas partidas em sequência, pensando unicamente no lucro que elas trariam, e não em proporcionar um bom espetáculo para seu público ou mesmo manter a dignidade de seu clube. Este comportamento, por certo, se repetiria no vindouro campeonato, demonstrando um completo descaso para com os torcedores, alvos da exploração gananciosa dos clubes profissionais:

Vem aí o campeonato. Argumentou-se que os clubs possuem quadros reservas, inclusive o Fluminense. Nós não quisemos contestar, no entanto, a afirmativa, tão cretina ela nos pareceu. E são deveras fracas como os que o Fluminense apresentou que talvez apareçam durante o certâmen-sacrificio... Isto quer dizer que o publico não pagará menos para assistir a jogos ordinários. **Continuará sendo explorado, por esse profissionalismo que chora misérias, mas vive “esfolando” o público e enchendo os pés de meias...**

¹³⁶ “Quasi quebrado o pacto com os gauchos!”. *Correio do Povo*, 03/09/1937, p.11.

¹³⁷ “O Fluminense perdeu pela ambição do dinheiro!” 23/09/1937, p.10.

Se o profissionalismo, que tem da imprensa propaganda de graça, isto é, de “carona”, de “mão beijada”; se o profissionalismo, que chega a organizar tres campeonatos com 132 jogos em quatro meses, atentando contra todas as regras da Eugenia e do proprio sport, não se peja de cobrar preços excessivos ao publico, tem o dever de lhe oferecer jogos bons, sem mortos nem feridos, sem ofensas á disciplina [sic; grifo meu]¹³⁸.

A matéria conclui fazendo a ressalva de que o ideal do profissionalismo havia surgido, de fato, como uma medida moralizadora. Reconhece-se que falso amadorismo era um regime hipócrita que mascarava a realidade já profissional do futebol brasileiro. No entanto, segue-se criticando o caráter interesseiro do regime profissional, que teria beneficiado somente aos jogadores e empresários:

Ninguem ignora que o regime profissional surgiu como uma medida moralizadora, pois o falso amadorismo campeava e tornava difícil guardar as aparências de decência sportiva. Veio, pois, o regime profissionalista. Mas, o aspecto das coisas não mudou. Os jogadores são pagos, os empresários ocultos conseguem boas bolsas e o publico sportivo paga mais caro para assistir a partidas piores do que as que o amadorismo (em seu período de decadência) ainda conseguia oferecer.

Haverá dinheiro que pague a desventura a que sujeitaram, anteontem, o quadro profissional do Fluminense? [sic]¹³⁹.

Dessa forma, as matérias que destacamos acima, dão conta de um modo preliminar desta ênfase na ambição dos clubes e dirigentes especializados, bem como do esporte profissional em geral, dada pelas fontes que vimos analisando. Veremos na sequência algumas importantes nuances desta linha argumentativa.

3.1.2 A sedução do dinheiro

Um aspecto recorrente do argumento que enfatiza a ganância dos clubes profissionais, que vale a pena analisarmos mais detidamente, é o caráter sedutor da proposta pecuniária feita pelas Especializadas. De fato, é diversas vezes salientado o esforço de convencimento perpetrado pelos partidários da profissionalização para cooptar os clubes gaúchos, sempre empregando táticas ardilosas e tentadoras, baseadas na oferta de vantagens econômicas.

Os adjetivos e jogos retóricos para descrever esta prática são diversos e curiosos. Examinemos alguns deles. No surgimento dos primeiros rumores da possibilidade de um acordo entre Internacional, Grêmio e as Especializadas, as notas esportivas do

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Idem.

Correio exaltam a postura dos clubes gaúchos, que nunca se deixaram levar pelas propostas sedutoras da dissidência: “Felizmente, porém, os clubs e ligas gauchos jamais se deixaram embalar pelo mavioso canto da sereia (...)” [sic]¹⁴⁰.

A comparação aqui é com a figura mitológica das sereias, lindas mulheres que habitavam rochedos no Mar Mediterrâneo e que atraíam marinheiros com seu doce canto, para que seus navios se chocassem contra as pedras. Do mesmo modo, a proposta especializada era “maviosa”, suave, sedutora, e atraía os incautos com falsas promessas, que os levariam, fatalmente, a um destino trágico, à sua própria ruína.

As frequentes tentativas de aliciamento, de sedução dos clubes gaúchos, por parte dos agentes da Especializadas são, assim, alvos das críticas das matérias publicadas pelo jornal. A título de exemplo, citamos a seguinte matéria, de meados de junho de 1937, que expõe a versão do periódico acerca dos eventos que levaram Grêmio e Internacional a adotar o profissionalismo:

De ha muito – consoante vimos repetindo destas columnas – a corrente liderada no paiz pelo sr. Arnaldo Guinle **vem offerecendo uma serie de vantagens** aos nossos melhores clubs, em tróca da sua adhesão á causa daquelle desportista. (...)

Ao mesmo tempo, o interior do Estado era “cantado” **activamente** e, em sua quasi unanimidade, se decidia pela permanencia na F.R.G.D. e, portanto, no seio da C.B.D. [sic; grifos meus]¹⁴¹.

Esta tentativa de cooptar, de “cantar” os clubes gaúchos através de propostas financeiras por parte das Especializadas é constantemente referida pela crônica esportiva. De fato, o mesmo já havia sido comentado meses antes sobre a oferta de Flamengo e Fluminense para que Internacional e Grêmio fossem ao Rio de Janeiro tratar de um possível entendimento: “As Especializadas estão ‘cantando’ o Grêmio e o Internacional” [grifo meu]¹⁴².

Cabe destacar também a reprodução de uma matéria publicada pelo “Jornal do Brasil” do Rio de Janeiro. Aludindo novamente à falta de realizações práticas da corrente especializada, o texto qualifica as propostas da corrente liderada por Arnaldo Guinle de “o grande ‘Farol Especializado’”, movido “ao som dessas mágicas cantigas”,

¹⁴⁰ “O foot-ball gaúcho apoia a C.B.D.” *Correio do Povo*, 16/04/1937, p.13.

¹⁴¹ “Internacional e Gremio resolveram adherir ás Especializadas”. *Correio do Povo*, 19/06/1937, p.12.

¹⁴² “Um furo de sensação!”. *Correio do Povo*, 27/04/1937, p. 14.

ou seja, promessas sem fundo de verdade, para tentar “impressionar os ingênuos e tolos que ainda são bem numerosos”¹⁴³.

Em outra ocasião ainda, este esforço de aliciamento é qualificado de um “(...) **intenso e maneiroso trabalho de catechese** que as “especializadas” vinham desenvolvendo junto aos clubs desta capital e do interior” [sic; grifo meu]¹⁴⁴. Desta vez, compara-se a ação dos próceres especializados no Rio Grande do Sul como uma tentativa de catequese, de doutrinação, de conversão dos clubs e ligas locais, equiparando a fidelidade à corrente cebedense a uma questão quase religiosa.

Também podemos encontrar este aspecto no discurso dos grandes esportistas amadoristas reproduzidos pelo jornal. Em uma extensa declaração, o presidente da CBD, Luiz Aranha, contrapõe todas as ações concretas que a sua confederação realizou em prol do engrandecimento do esporte nacional às promessas sem fundamento de realidade das Ligas Especializadas. Estas são significativamente chamadas pelo dirigente de “theorias douradas por argumentos sedutores” [sic]¹⁴⁵, as quais seriam esmagadas pelos fatos que atestam as vantagens do regime amador.

As “falsas e sedutoras promessas dos especializados” são também ironizadas na coluna Free-Kick. Referindo-se ao contrato com as Especializadas como um “decreto digestivo” imposto pelos grandes clubs aos pequenos, submetendo sua vontade a deles, Free-Kick caracteriza a facção profissionalista como “a corrente que se tornou ‘especializada’ em tudo prometter aos chamados Grandes Clubs do paiz” [sic]¹⁴⁶. Com sua perspicácia habitual, o colunista aproveita-se do nome “Especializadas” para criticar as constantes promessas de bem-estar financeiro feitas por esta corrente, em busca de novas adesões.

Em outra coluna, meses adiante, utilizando-se metaforicamente do termo Anschluss, em voga na política internacional com as ações dos países do Eixo que precederam a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Free-Kick, com sua habitual escrita sarcástica, compara a adesão do Americano-Universitário à AMGEA Especializada a este tipo de anexação. Este avanço sobre o Americano teria sido precedido por

¹⁴³ “Commentarios sobre a C.B.D.” *Correio do Povo*, 19/10/1937, p.12.

¹⁴⁴ “O Rio Grande desportivo e as Especializadas”. *Correio do Povo*, 20/06/1937, p.21.

¹⁴⁵ “A homenagem ao sr. Luiz Aranha”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p.15.

¹⁴⁶ “Decreto digestivo nº 100”. *Correio do Povo*, 19/06/1937, p.12.

investidas sedutoras, uma fase de “namoro”, baseado em falsas promessas de “casamento”:

Em Direito Internacional costuma-se chamar de “anschluss” o acto publico de um paiz avançar em outro paiz, adjudicando-o, sem mais aquella, aos seus domínios. Explicativamente, póde-se dizer que a Italia “anschlussou” a Ethiopia, assim como a Alemanha acaba de “anschlussar” a Áustria. “Mutatis-mutandis” os nossos desportistas estão copiando fiélmente o que se passa na velha e ex-austera Europa. Os Especializados, principalmente, anschlussaram espetacularmente o Americano, tornando-o um prolongamento da sua tão decantada série de cinco...

A princípio, houve **namoro, com salamaleques e rapapés**. Depois, o **flirt** foi substituído por **encontros fortuitos**, mais tarde melhorados para ceias nocturnas, em lugares abrigados dos olhares curiosos. Mais tarde, noivado, com “alliança” e conversa no sofá da sala, sob a fiscalização austera da “vovó” F.R.G.D.. Finalmente, como a “menina” allegasse ser menor de idade e ainda frequentando os bancos universitários, houve o “anschluss” de verdade: o noivo arrojado raptou a noiva, **sob a promessa de casamento**, para, depois, condemnal-a a obedecer unicamente ás suas ordens, na prisão discreta de uma segunda série em organização... [sic; grifos meus]¹⁴⁷

Desta forma, demonstramos amplamente como, juntamente com a ganância da facção especializada, enfatiza-se nas publicações do *Correio do Povo* o trabalho de intenso convencimento perpetrado por esta, trabalho este que seria sempre baseado em promessas enganadoras e sedutoras de apoio e vantagens de ordem financeira.

3.1.3 O profissionalismo mercenário e corruptor

Vimos anteriormente como as notícias e colunas publicadas pelo *Correio do Povo* em sua seção desportiva enfatizam a centralidade do dinheiro para os desportistas profissionais, bem como sua ganância e tentativa de sedução dos demais clubes por meio da oferta de vantagens monetárias. Desenvolve-se, junto a estes argumentos, uma concepção extremamente negativa e pejorativa do regime profissional. Considera-se que o profissionalismo no futebol é uma prática profundamente imoral, regida unicamente pela busca desenfreada de lucro financeiro. Tal imoralidade estaria relacionada ao entendimento da prática profissional no esporte como sendo mercenária e corruptora.

Esta concepção aparece diversas vezes de modo explícito e contundente nas páginas do jornal. No início de fevereiro de 1937, em pleno dissídio desportivo, mas ainda sem a adesão dos gaúchos, o periódico publica uma coluna na qual expressa seu

¹⁴⁷ “O ‘anschluss’”. *Correio do Povo*, 24/03/1938, p. 10.

posicionamento em relação ao esporte profissional, apontando-o categoricamente como um dos principais responsáveis pela situação de crise no futebol brasileiro.

A situação critica por que atravessa o “soccer” brasileiro vem dando seu reflexo em todos os centros desportivos do Paiz, tendo sua phase culminante em Porto Alegre, agora, no momento em que quasi todos os clubs amgeanos luctam, principalmente, para sua manutenção.

Se analysarmos de perto as causas determinantes da situação actual, constataremos dois aspectos: a falta de quadros capazes e o **profissionalismo corruptor**.

O primeiro delles fazendo com que o publico afficionado abandone nossos gramados; o segundo, o exodo dos socios de nossos clubs, convictos de que não devem collaborar em beneficio dos elementos profissionaes [sic; grifo meu]¹⁴⁸.

Como podemos observar, o caráter corruptor do esporte profissional é identificado como um dos principais males do futebol no país. Juntamente com a diminuição do público nos estádios, ocasionada pela queda de qualidade nas partidas, o profissionalismo estaria prejudicando o futebol nacional ao afastar os associados de seus clubes, visto que estes estavam conscientes de que os desportistas profissionais desejavam lucrar a partir das suas contribuições. De modo significativo, condena-se explicitamente o “profissionalismo corruptor”, centrado unicamente no dinheiro.

Em outra ocasião, recorre-se novamente à palavra de desportistas respeitados para respaldar o posicionamento apresentado. No contexto da realização do congresso da FRGD para definir os rumos do futebol gaúcho, publica-se com destaque uma nota escrita por João C. Wallau Filho, sócio do Grêmio que, indignado com a atitude assumida por seu clube, solicita publicamente sua demissão do quadro social. Sua declaração é categórica:

Consumado o **maior attentado contra a moralidade desportiva no Estado**, não desejo continuar fazendo parte do club que, nesta hora grava para os desportos patrios, tem á sua frente uma direcção que não soube ou melhor, não quiz zelar pelas suas gloriosas tradições.

O imaculado passado do glorioso tricolor é exemplo dignificante para o Rio Grande do Sul desportivo, devendo ter sido um entrave irremovível para a **negociata** que vem de ser feita.

Assim, porém, não o quiseram seus actuais e eventuaes dirigentes que não souberam comprehender que **este sagrado penhor não deveria ter sido sujeito á lei da procura ou da offerta, já que não é objeto que se compra ou vende por vil metal**.

¹⁴⁸ “Salvemos o foot-ball!”. *Correio do Povo*, 02/02/1937, p.12.

Em dia com a thesouraria (...), solicito-vos a fineza de concederdes minha demissão do quadro social do valoroso Gremio, ao qual, apesar de tudo, continuarei dispensando toda minha sympathy **já que esta não se vende e está fóra de vossa alçada** [sic; grifos meus]¹⁴⁹.

De certa forma ratificando a percepção manifestada pela crônica esportiva do *Correio* meses antes na matéria que citamos anteriormente, João Wallau Filho requer a sua desfiliação do quadro social por não concordar com a “negociata” da qual participou seu clube. Suas expressões, conforme grifamos, são bastante veementes e expressam grande revolta em face do “maior atentado contra a moralidade desportiva” levado a cabo no futebol gaúcho. E, como pudemos perceber, a grande imoralidade, o principal alvo de crítica, reside no caráter de transação financeira de que se investiu a adesão de Grêmio e Internacional às Especializadas.

É notável, ainda, a qualificação do contrato dos clubes gaúchos com as Especializadas como uma “negociata”, uma expressão frequente, claramente pejorativa, e que denota justamente a crítica à imoralidade de tal transação financeira no futebol. Vale lembrar, como exemplo, a declaração feita por Luiz Salles, proeminente dirigente do Internacional, já citada no capítulo anterior. Lançando dúvida sobre a adesão de seu clube à corrente especializada, o prócer colorado também faz uso deste termo, investindo-lhe de uma metáfora fúnebre:

Não acredito que a minha tradicional sociedade deixe a C.B.D., porque ainda acredito nos seus dirigentes – mas... si o Internacional passar para as Especializadas, só me resta, como internacionalista, acompanhar o funeral do meu club até o cemitério das “negociatas” e depositar, sobre o seu tumulo, uma corôa, com a seguinte inscrição: “Eternas saudades” [sic]¹⁵⁰.

A ideia de que o esporte profissional é corruptor aparece de forma incisiva em diversos outros momentos. Em outra ocasião, o jornal reedita uma matéria publicada pela *Gazeta Popular*, de Santos, intitulada “O Dissídio Gaúcho”, bastante categórica em suas críticas à facção profissionalista. Por meio de um interessante jogo retórico, compara-se a atitude de Grêmio e Internacional à traição bíblica de Judas:

Pelas noticias telegraphicas, vindas de Porto Alegre, verifica-se que os agentes das “especializadas” conseguiram envenenar o ambiente do desporto gaúcho, provocando o dissídio entre alguns clubes que, menos avisados, caíram nas malhas da teia diabólica urdida pela camarilha dos “lojas cariocas”. Perdida a situação em Minas voltaram os semeadores da discordia no desporto nacional as vistas para o Rio Grande do Sul. Para ali foram destacados os mais habéis **corruptores** e com carta branca para o pagamento

¹⁴⁹ “Uma demissão no Gremio”. In: “O congresso promovido pela F.R.G.D. empolga a atenção de todo o Rio Grande do Sul desportivo”. *Correio do Povo*, 25/06/1937, p.12.

¹⁵⁰ “Fala Luiz Salles, director influente do Internacional”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p.17.

dos “**trinta dinheiros**” a todos áquelles que, **seduzidos pelo vil metal, se dispuzeram a repetir o gesto de Judas**. O ardil surtira o desejado effeito. Dois clubs se transviaram, **mercadejando sua tracção** [sic; grifos meus]¹⁵¹.

Aqui aparece de modo muito explícito a vinculação das noções de corrupção e de traição motivada por dinheiro à passagem dos clubes gaúchos para a corrente especializada. Tal qual Judas Iscariotes entregou Jesus Cristo para os judeus por trinta moedas de prata, também Grêmio e Internacional, “seduzidos pelo vil metal”, traíram a CBD, a FRGD, a AMGEA e os ideais amadoristas, em troca de mesquinhas vantagens financeiras. De acordo com a significativa expressão empregada, “mercadejaram sua traição”.

Outra comparação recorrente, relacionada à ideia de traição, refere-se à imagem do adultério e da prostituição. Em um suposto escândalo de suborno no seio da CBD, a matéria publicada a respeito pelo *Correio* transfere a culpa para os agentes das especializadas, que teriam financiado um falso depoimento com o objetivo de difamar a CBD. Sobre isso, a reportagem comenta: “Tem-se gastado muito dinheiro, centenas e centenas de contos de réis com a **prostituição dos sports**, e deles têm vivido a tripa forra os profiteurs (...)” [sic; grifo meu]¹⁵². A expressão “profiteurs” refere-se àqueles que visam unicamente o lucro na prática esportiva, ou seja, os especializados. Estes estariam prostituindo os esportes ao remunerar ou exigir remuneração para sua prática, desvirtuando seu sentido original. Vale recordarmos a citação que encabeça este subcapítulo, na qual o presidente do Flamengo, Rivadavia Corrêa Meyer apresenta uma visão semelhante, ao comparar a relação entre o clube e o jogador profissional com “o gigolô que explora a prostituta”¹⁵³.

Voltando às páginas do *Correio do Povo*, em uma extensa coluna, Free-Kick desenvolve, com grande sagacidade, uma curiosa metáfora que equipara o contrato de Internacional e Grêmio com as Especializadas com o adultério. A narrativa de Free-Kick apresenta, em formato anedótico, uma situação de harmoniosa convivência conjugal entre a AMGEA, a esposa, a FRGD, o marido, e os sete clubes da liga porto-alegrense, seus filhos. No entanto, um “vizinho ambicioso”, as Especializadas, percebe que há pequenas divergências no seio familiar e procura tirar partido da situação:

¹⁵¹ “O dissidio gaúcho”. *Correio do Povo*, 02/07/1937, p. 11.

¹⁵² “Unanime, no Rio, a indignação ante a infâmia assacada contra os brasileiros”. *Correio do Povo*, 04/02/1937, p.13.

¹⁵³ CORRÊA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Editora Minuano, 1933, p. 137. Citado por Caldas (1990: 74).

Mas... o sr. Especializado tudo viu e de tudo tirou partido: começou a adular as crianças, oferecendo-lhes doces, fructas, rapaduras e picolés. Fazia-lhes festas no queixo. Chamava-os de “queridinhos”, “riquinhos” e, pasmem todos, até de “filhinhos”! Não tardou que d. AMGEA também começasse a ser perseguida pelo vizinho Especializado. Ao principio, apenas cumprimentos e olhares brejeiros; depois, a troca secreta de bilhetinhos perfumados; a seguir, presentes e beijinhos roubados por cima do muro do quintal; finalmente, a symbiose – o concubinato! – no próprio leito do casal. Os ciúmes só muito tarde abriram os olhos do sr. F.R.G.D., que quis fazer valer a sua autoridade de chefe de família. Era, porém, tarde de mais para uma reconciliação com a esposa. D. AMGEA entregára-se, de corpo e alma, aos amores peccaminosos do sr. Especializado, prevaricára no proprio thalamo conjugal e tinha, a seu favor, uma força extraordinária: a cumplicidade de cinco dos seus filhos, exactamente daquelles creados com maior carinho e que se julgavam mais espertos e mais inteligentes que os outros dois... [sic]¹⁵⁴.

Cabe salientar novamente o componente de sedução do dinheiro, o qual aparece aqui de maneira figurada, semelhante ao caso de “flerte” e “namoro” dos Especializados com o Americano, conforme analisamos na seção 3.1.2. Prosseguindo sua metáfora, Free-Kick continua a recriminar as ações pecaminosas da d. AMGEA:

Depois disso, sem se impressionar com o escandalo social suscitado pelo seu feio passo, considerou-se desquitada do sr. F.R.G.D., passando a viver maritalmente, em sua propria casa, com o apaixonado e galanteador sr. Especializado, chegando a sua nevrose ao ponto de expulsar do lar – em que sempre predominára o amor e a ternura – os dois filhos que não renegaram o pae um só instante... Agora, a lucta em familia vae accessa. Os filhos considerados prodigos querem ter o direito de permanecer no lar, insistindo para que a mãe volte á companhia do esposo de tantos annos. E os outros filhos, em incondicional solidariedade com o peccado materno, não mais reconhecem os proprios irmãos...

D. AMGEA, ao que parece, vae ser julgada pela justiça. Para uns, trata-se de simples caso de adulterio. Para outros, a cousa é mais séria, pois d. AMGEA vae ser denunciada por crime de bigamia... [sic]¹⁵⁵.

Adultério, traição, bigamia, prostituição; seja qual for a denominação dada figurativamente ao rompimento dos clubes da AMGEA com a FRGD e à união às Especializadas, o fato é que foram consideradas atitudes intrinsecamente pecaminosas, imorais. Constrói-se, assim, baseado neste tipo de metáforas e comparações, uma argumentação segundo a qual o profissionalismo esportivo é uma prática imoral, corrupta e corruptora, mercenária na sua essência. O amadorismo, ao contrário, apresenta características diametralmente opostas, sendo moralizante e edificante. Vejamos, na seção seguinte, como esta argumentação aparece nas notas esportivas do *Correio do Povo*.

¹⁵⁴ “Os filhos da mãe”. *Correio do Povo*, 08/07/1937, p.13.

¹⁵⁵ Idem.

3.1.4 O amadorismo moral

De fato, podemos perceber na análise das matérias desportivas do *Correio do Povo* a existência de uma dicotomia argumentativa entre os benefícios do amadorismo e os malefícios do profissionalismo. Em algumas publicações esta diferenciação é elaborada de forma explícita. Examinemos alguns exemplos.

Na esteira do anúncio da adesão dos clubes gaúchos com as Especializadas, por exemplo, as notas desportivas do *Correio do Povo* reproduzem na íntegra um manifesto dos jogadores do S.C. Americano-Universitário¹⁵⁶, externando seu posicionamento perante o movimento de profissionalização do futebol:

NÃO SOMOS E NÃO QUEREMOS SER PROFISSIONAES – amadores, praticamos o desporto com vistas á sua elevada finalidade social. As emoções que os profissionais proporcionam aos afficionados e ao publico em geral, são, no profissionalismo puro, de pouca monta para compensarem o desvirtuamento do sport e o aviltamento dos desportistas. A cultura physica perde sua expressão moral e social quando praticada como objeto sujeito ás leis da oferta e da procura.

QUEREMOS QUE O NOSSO CLUB SEJA LEAL E RESPEITADO – jamais poderíamos apunhalar pelas costas os insignes cidadãos srs. Milton Soares e dr. Luiz Aranha. Não seríamos caudatarios de trabalho feito ás escuras e nas sombras, como foram os inconfessaveis prodromos da chamada **libertação do sport gaúcho**. Também, de fórmula alguma, seiamos iniciadores dessa obra malsã, que, á guiza de libertação, agrilhou e escravizou alguns clubs desta cidade ás arcas materialmente poderosas do sr. Arnaldo Guinle [sic; grifo no original]¹⁵⁷.

Criticando o contrato estabelecido entre Grêmio, Internacional e as Especializadas, o qual qualifica de “ruinoso”, o manifesto encerra reafirmando os compromissos assumidos pelo Americano enquanto clube amador:

Jamais poderíamos descer da nossa posição de homens livres, nem fugir ao dever de representar a mocidade ativa de nossas escolas superiores, que ha de sempre pautar seus actos pelos ensinamentos das boas normas de dignidade e altivez, desambição e patriotismo.

Este nosso manifesto vale pelo compromisso que firmamos com o Americano, com os desportistas do nosso Estado e com o povo da nossa terra, compromisso que levaremos a termo, praticando o desporto pelo desporto e tendo em vista a melhoria de nossa raça, elevando sempre os nossos olhares muito acima do utilitarismo grosseiro, que tanto vem já infelicitando o verdadeiro foot-ball.

¹⁵⁶ O mesmo S.C. Americano-Universitário que, como citamos, meses depois aderiria à AMGEA Especializada e ao profissionalismo.

¹⁵⁷ “Um manifesto dos players do Americano-Universitarios”. *Correio do Povo*, 07/07/1937, p.11.

Resta-nos esperar que o povo de Porto Alegre e do Rio Grande, por sua indiferença, despreze e aniquille os comediantes do desporto [sic]¹⁵⁸.

A diferenciação entre as duas posições é muito evidente. De um lado, o profissionalismo, “utilitarismo grosseiro”, sujeito às leis da oferta e da procura, e instalado por meio de atitudes desleais feitas “às escuras e nas sombras”, avilta os desportistas e desvirtua o real sentido do esporte. Por outro, o amadorismo, pautado pelas “boas normas de dignidade e altivez, desambição e patriotismo”, objetiva praticar o “desporto pelo desporto”, com vistas aos seus benefícios para o desenvolvimento da raça, representando, assim, a verdadeira essência do esporte.

Também Free-Kick estabelece esta dicotomia de modo muito claro. Quando da realização do congresso promovido pela FRGD para determinar o posicionamento do estado perante a adesão dos clubes porto-alegrenses às Especializadas, o colunista traça uma comparação entre este e um congresso da área oftalmológica:

O destino é devéras caprichoso. No mesmo dia e, precisamente á mesma hora, installaram-se, em Porto Alegre, dois congressos, ambos importantíssimos: um technicamente opthalmologico; o outro, estrictamente desportivo. No primeiro, os oculistas mais notaveis da terra, do paiz e da America discutiram e descobriram os methodos mais modernos e mais praticos para abrir o olho da humanidade; no outro, os mais conhecidos desportistas do Rio Grande demonstraram á saciedade, que o interior do Estado já está com olho bem aberto – aliás, com olho vivo e pé ligeiro – sem nenhuma cataracta a ser extripada, antes enchergando bem longe, no vasto horizonte do foot-ball gaúcho. (...)

Si bem que traga, há varios annos, um par de oculos sobre o appendice nazal, ainda não me sinto necessitado de procurar medicos especializados. Por isso, tambem, nos assumptos desportivos, dispenso os politicos “especializados”, uma vez que, estes, como seus “collegas” de medicina apenas vêem em todo mundo cobaias, promptas a se submeterem ao escarpello e ao estudo, para bem de todos e... fortuna delles... “especializados”...

Por isso, assisti, de ponta a ponta, o congresso cebedense, onde, si outras cousas não aprendi pelo menos fiquei crente – mais certo do que nunca – de que, **entre os pontos de vista “material” e “moral”, este ha-de predominar eternamente**, com o mais puro, o mais elevado, e o mais decente de todos os predicados que dão vida, corpo e alma á humanidade... [sic; grifo meu].¹⁵⁹

Reiterando seu posicionamento pró-cebedense, ao dispensar os especializados no ramo desportivo, e deixando implícito que os objetivos destes são unicamente o próprio enriquecimento, Free-Kick formula a dicotomia entre profissionalismo e amadorismo de um modo simples, direto e muito incisivo. Estabelece-se uma divisão entre os pontos de

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ “Ophthalmologia desportiva”. *Correio do Povo*, 30/06/1937, p.10.

vista material – o profissional – e o moral – o amador. Para o colunista, no futebol como nos demais aspectos da vida, deve-se dar preferência à moralidade sobre o ganho material.

Este tipo de dicotomia entre o esporte amador e o profissional é recorrente. Em determinada edição, fazendo a cobertura de uma sessão de assembleia geral da FRGD, o jornal publica na íntegra uma manifestação de apoio à CBD por parte do presidente da AMGEA, Heron Burity. Em seu pronunciamento, ele expõe quais seriam os reais motivos por trás do movimento de especialização:

Não se trata, sr. presidente, de uma cruzada redemptora, não se trata de um ideal alevantado, não se trata de uma campanha patriótica, trata-se tão sómente de se deixar levar pela conveniência acenada de uma forma tão sedutora, e o que é mais contrastador, que se prepara o golpe justamente nesta quadra delicada em que atravessamos, procurando desvirtuar nossa finalidade para jogar-nos no torvelinho das paixões [sic]¹⁶⁰.

Novamente aparece a ideia de que a adesão ao profissionalismo seria unicamente se deixar levar pela sedutora conveniência oferecida pelas Especializadas, desvirtuando os clubes gaúchos da verdadeira finalidade do esporte: o desenvolvimento físico e moral da juventude, este sim um “ideal alevantado” e patriótico que só poderia ser alcançado pelo amadorismo. No mesmo sentido, se manifesta um grupo de sócios do Internacional que, a exemplo do que fez João Wallau Filho no Grêmio, decidem abandonar seu posto no clube, insatisfeitos com o pacto com as Especializadas. Solidarizando com o também sócio colorado e presidente da FRGD, Milton Soares, justificam sua atitude da seguinte maneira:

Solidários com o digno gesto do consocio sr. Milton Soares, nome que é todo um exemplo de carácter e de atitudes claras, renunciemos, aqui, o nosso mandato de membros do Conselho Deliberativo do S.C. Internacional, e deixamos firmemente expresso o nosso profundo descontentamento, como desportistas que têm no desporto uma quasi religião, pelo grave momento creado para o nosso querido club, atirado, agora, por caminhos ignorados e sombrios, e **onde o sublime conceito de Juvenal é lamentavelmente esquecido, em troca de “vantagensinhas” esquivas** [sic; grifo meu].¹⁶¹

O sublime conceito de Juvenal a que se referem é o princípio do “mens sana in corpore sano”, máxima cunhada pelo orador romano. O profissionalismo, portanto, estaria abandonando este ideal tão nobre que até então regia o amadorismo, em troca de benefícios financeiros escusos, encobertos e desonestos, ideia sintetizada na expressão, claramente pejorativa, “vantagenzinhas esquivas”.

¹⁶⁰ “Uma moção de solidariedade á C.B.D.”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p.17.

¹⁶¹ “Varios associados abandonam o S.C. Internacional”. *Correio do Povo*, 07/07/1937, p.12.

Em outra ocasião ainda, um colunista que se identifica apenas com as iniciais “O.I.”, diante da possibilidade de uma adesão ao regime profissional, manifesta sua opinião: “(...) não é justo que estejam preparando meios de entravar o progresso de nossas associações desportivas, tão necessárias para o valor da raça” [sic]¹⁶². O colunista reconhece em sua matéria as dificuldades financeiras por que passam os clubes porto-alegrenses, mas sugere uma reestruturação do campeonato citadino como a alternativa mais afinada com a tradicional “lealdade e coerência” da AMGEA. Para ele, “fora disso, somente interesses secretos poderão subsistir”¹⁶³. Também aqui, o profissionalismo, ainda que não nomeado, é encarado como uma prevalência de interesses privados sobre a honestidade característica do futebol gaúcho, e acabaria por obstar o desenvolvimento do esporte no seu real objetivo edificador.

Cabe destacarmos, por fim, o caso dos jogadores Domingos da Guia e Leônidas da Silva, os principais astros da Seleção Brasileira na época, que exigiram uma remuneração maior para integrar o grupo que disputaria a Copa do Mundo de 1938 na França. Uma reportagem, reproduzida do “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro, manifesta que estes jogadores estariam confundido ganância com espírito esportivo:

Esse caso dos jogadores Leonidas e Domingos, que não se mostraram muito interessados em ir a Paris, tem servido para mais uma confusão. Dizem que os referidos jogadores são uns verdadeiros traidores á patria porque não querem abandonar as suas conveniencias para irem a Paris mediante um ordenado igual ao dos demais jogadores.

Preliminarmente, não encaramos como serviço á patria a ida de qualquer jogador profissional ao Campeonato do Mundo. Tambem não achamos falta de espirito desportivo aos jogadores que exigem dinheiro para integrar o team brasileiro, isto porque **negamos aos jogadores profissionaes o espirito desportivo atribuido aos sportmen**. Quando muito elles poderão ter o **espirito de ganancia ou saltimbanco que se fazem pagar para exhibir-se** [sic; grifos meus]¹⁶⁴.

Estabelece-se aqui, claramente, uma distinção entre o jogador amador, o legítimo *sportsman*, a quem se atribui o verdadeiro espírito esportivo; e o jogador profissional, que no máximo possui um “espírito de ganância”, a moral de um exibicionista remunerado. Também aqui há um eco desta noção de moralidade edificante associada ao espírito desportivo amador, em oposição à sua ausência no esporte profissional, unicamente preocupado com o dinheiro.

¹⁶² “Coherencia Amgeana”. *Correio do Povo*, 04/02/1937, p.14.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ “Domingos, Leonidas e cousas passadas”. *Correio do Povo*, 10/03/1938, p. 19.

Vimos, nos exemplos citados acima, como esta dicotomia entre um amadorismo moral e edificante versus um profissionalismo corruptor e imoral é formulada explicitamente. Se, no entanto, tomarmos as publicações esportivas do *Correio do Povo* em análise como um todo, podemos perceber também essa dicotomia de uma maneira mais difusa. Se por um lado, como evidenciamos na seção 3.1.3, algumas publicações fazem uma crítica feroz à imoralidade do regime profissional; por outro, muitas delas fazem uma apologia ao amadorismo.

Neste sentido, muitas matérias, entrevistas e colunas manifestam o argumento de que defender o amadorismo era demonstrar uma “alta compreensão das verdadeiras finalidades do desporto” [sic]¹⁶⁵, era fazer “do sport um ideal” [sic]¹⁶⁶ sabendo bem “aquilatar do verdadeiro valor do termo Sport pelo Sport” [sic]¹⁶⁷. E “compreendendo o desporto em sua verdadeira finalidade” [sic]¹⁶⁸, defender o amadorismo e apoiar a CBD e sua filiada regional significava lutar para “moralizar o desporto gaúcho” [sic]¹⁶⁹. Por meio desta reunião de trechos de notícias, colunas e entrevistas, podemos entrever uma noção muito clara a respeito do amadorismo, a qual vincula-o claramente às ideias de dignidade, verdade e moralidade.

Desta forma, através do que expusemos aqui em citações de publicações ou trechos, podemos identificar uma linha argumentativa, construída sobre uma clara dicotomia entre amadorismo e profissionalismo. Diferenciação esta que sustenta o posicionamento do jornal perante a questão da profissionalização do futebol ao associar noções eminentemente negativas à corrente profissional e positivas à amadora. Assim, constrói-se dentro desta primeira linha de argumentação um discurso que vincula o esporte profissional a conceitos como imoralidade, corrupção, ganância, ambição, desejo de lucro e, figurativamente, sedução, traição, adultério e prostituição. Ao mesmo tempo, relaciona-se o amadorismo a conceitos como moralidade, integridade, espírito esportivo, desinteresse, decência e o objetivo de edificação da juventude brasileira. Podemos elaborar um quadro explicativo equiparando estas construções de sentido antagônicas, que aparecem nas páginas do jornal:

¹⁶⁵ “O Rio Grande do Sul desportivo, em expressiva unanimidade, aprovou um voto de irrestricto apoio á Federação Rio Grandense de Desportos e á Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p.16.

¹⁶⁶ “O sr. Wallau Filho e o Gremio P. Alegrense”. *Correio do Povo*, 16/07/1937, p.14.

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ “O Rio Grande desportivo define-se pela C.B.D.” *Correio do Povo*, 22/05/1937, p.12.

¹⁶⁹ “Realiza-se, amanhã, o Congresso da F.R.G.D.”. *Correio do Povo*, 27/06/1937, p. 21.

Tabela 4 – Dicotomia argumentativa entre especializados e cebedenses.

Profissionalismo/Ligas Especializadas	Amadorismo/ CBD
Imoralidade	Moralidade
Corrupção	Integridade
Ganância/ambição	Espírito esportivo/desinteresse
Motivação financeira	Motivação educacional
Traição/adultério/prostituição	Lealdade/retidão/decência
Sedução/falsas promessas	Realizações concretas

Analisamos, assim, esta linha de argumentação que considera o profissionalismo esportivo como uma prática profundamente imoral e condenável, utilizando-se de vários artifícios retóricos para a construção de uma dicotomia entre o futebol amador e o profissional. Veremos mais adiante, na seção 3.3, como uma perspectiva semelhante perpassava o discurso estatal getulista sobre o esporte, tal qual ele transparece na nova legislação esportiva promulgada pelo governo. Antes, porém, analisaremos a segunda vertente argumentativa que subjaz ao discurso apresentado nas notas desportivas do *Correio do Povo*.

3.2. Os especializados dissidentes e a necessidade da pacificação

E, como diz o gaúcho, “o castigo anda a cavallo”, e não tardarão a penitenciar-se do crime de lançarem a discórdia ao desporto gaúcho. Que motivos tinham? Nenhum. Que benefícios alcançaram? Nenhum. Conseguiram, apenas, prejudicar-o, sem, ao menos, poderem arrogar-se o título de uma bella acção (...). Nada me afastará do meu posto, a não ser a victoria definitiva. Não peço e não desejo esse sacrifício de vocês. Não desejo vel-os atingidos pelas consequencias de uma lucta que, nem sequer indirectamente, contribuíram para deflagrar.

Luiz Aranha¹⁷⁰

O trecho em epígrafe foi retirado de uma carta escrita pelo presidente da CBD, Luiz Aranha, dirigida ao presidente da FRGD, Milton Soares, transcrita na íntegra pelo *Correio do Povo*, por ocasião do célebre congresso realizado pela entidade gaúcha para decidir os rumos do futebol local em face da adesão dos principais clubes de Porto Alegre ao movimento das Especializadas. Nele podemos vislumbrar uma concepção bem definida acerca do que significou este movimento de especialização para os partidários da corrente cebedense. Através de suas motivações exclusivamente financeiras, tal qual foi analisado na primeira linha argumentativa, os próceres especializados seriam os únicos responsáveis pelo “crime de lançar a discórdia ao desporto gaúcho”.

De fato, esta é a segunda linha argumentativa que identificamos: a culpabilização dos especializados pela cisão que dividiu o futebol brasileiro entre amadores e profissionais, atribuindo-lhes o objetivo manifesto de desunir, desarmonizar o esporte nacional. Em contrapartida, percebemos ao mesmo tempo um verdadeiro esforço do *Correio do Povo* em promover a pacificação do futebol, tanto no âmbito nacional quanto estadual. Examinaremos a seguir estes dois aspectos, que compõem o segundo argumento que propomos, nas subseções a seguir.

¹⁷⁰ “A carta do dr. Luiz Aranha”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p. 16.

3.2.1. Os especializados como os responsáveis pela dissidência

Como mencionamos acima, a principal característica desta linha argumentativa que identificamos no discurso cebedense, adotado e publicado pelo *Correio do Povo*, é a consideração de que os clubes e dirigentes especializados, tanto os do centro do país quanto os gaúchos, são os únicos responsáveis pelo dissídio desportivo, que infelicitava o Brasil. Esta crítica, ainda que apareça de modo fragmentário, no sentido de que não há uma grande matéria que se dedique exclusiva e extensivamente a este aspecto, aparece de forma constante e predominante na crônica desportiva do jornal ao longo do período analisado. Diversas publicações, que enfatizam também aspectos relacionados à primeira linha argumentativa que analisamos, apresentam esta crítica.

Neste sentido, a palavra-chave aqui é justamente “dissidência”. Há uma identificação quase automática entre a corrente especializada/profissional e a designação de dissidência. De fato, como vimos, a divisão do cenário esportivo nacional relativa à questão da profissionalização colocou em cena duas facções, uma “oficialista”, cebedense, e a outra “dissidente”, por discordar do modo como o futebol era organizado no Brasil. Porém, a atribuição de tal epíteto de forma generalizada como ocorre nas notas desportivas do *Correio* – e nas declarações dos líderes cebedistas em geral – revela a intenção de apresentar os especializados como os causadores da cisão, os desencadeadores da crise no campo futebolístico brasileiro.

Assim, por exemplo, o movimento das Especializadas é descrito, no auge da crise no esporte gaúcho, como “a corrente dissidente do foot-ball brasileiro, que se convencionou chamar de Especializada” [sic]¹⁷¹. No mesmo sentido, o Fluminense, principal expoente do movimento no Rio de Janeiro, é alcunhado de “o campeão carioca da dissidência desportiva” [sic]¹⁷². O presidente do Internacional, ao viajar para a capital federal durante as primeiras negociações para o acordo com os especializados cariocas, é suspeito de estar “tramando um grave dissídio no foot-ball gaúcho” [sic]¹⁷³. Os exemplos, enfim, se sucedem. Sintomaticamente, a designação de os “dissidentes do

¹⁷¹ “O Rio Grande desportivo e as Especializadas”. *Correio do Povo*, 20/06/1937, p. 21.

¹⁷² “Sobem a cinco os clubs da AMGEA que se filiarão às Especializadas”. *Correio do Povo*, 23/06/1937, p. 10.

¹⁷³ “O Internacional vai deixar a CBD?”. *Correio do Povo*, 30/04/1937, p. 17.

desporto no Estado do Rio Grande do Sul” [sic]¹⁷⁴ aos adeptos da nova AMGEA, é uma referência constantemente presente. Exemplificamos a seguir.

Inicialmente, podemos nos remeter a uma reportagem já citada no capítulo anterior. Referindo-se ao caso da nadadora Maria Lenk, com o intuito de evidenciar as vantagens da CBD sobre sua competidora, a matéria citada sentencia: “O capricho da dissidência tem prejudicado grandemente o desporto nacional e muitos amadores têm sofrido as consequências de tão malefico proceder” [sic]¹⁷⁵. Já aqui víamos expressa a ideia de que os maiores prejuízos ao esporte nacional estavam sendo ocasionados pela dissidência, resultado de um simples capricho de certos desportistas. Subjacente a esta noção, está a concepção fundamental de que o esporte apenas poderia prosperar se estivesse unificado, coeso e harmonizado. Base de toda a crítica aos “dissidentes”, iremos retomá-la na seção 3.2.2. Por ora, prosseguiremos com alguns dos exemplos que mais incisivamente atribuem à corrente especializada o objetivo de desestabilização do esporte brasileiro.

Na mesma reportagem que se referiu às sedutoras promessas feitas pelas Especializadas como o “mavioso canto da sereia”, procurando rechaçar os boatos de um possível acordo entre os clubes gaúchos e a corrente “dissidente”, apresenta-se um panorama das ações desta corrente no estado:

Desde que se verificou, ha poucos annos, o dissidio no foot-ball brasileiro, os elementos sympathicos á corrente denominada “especializadas” vêm tentando, por todos os meios e de todas as maneiras, **arrastar o nosso Estado a desorganização e ao dissídio** [sic; grifo meu]¹⁷⁶.

A citação e o trecho destacado deixam bem claro no que consistia a intenção dos especializados no Rio Grande do Sul. Concepção semelhante é apresentada por uma matéria que procura desfazer os boatos da iminente especialização do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Ainda que se trate de uma reportagem sobre o remo, vale lembrar que o movimento das Especializadas não ficou restrito ao futebol, mas expandiu-se para outros esportes, defendendo a profissionalização e a gestão própria de cada modalidade. Desse modo, este tipo de crítica feita às especializadas no futebol cabia também aos demais desportos, e vice-versa.

¹⁷⁴ “Encabeçados por Pelotas, os ‘leaders’ do interior tentam num ultimo esforço, a pacificação do foot-ball”. *Correio do Povo*, 29/07/1938, p. 11.

¹⁷⁵ “As incontestaveis vantagens da Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 06/03/1937, p.14.

¹⁷⁶ “O futebol gaúcho apoia a CBD”. *Correio do Povo*, 16/04/1937, p.13.

Ha alguns dias fala-se nas rodas desportivas que diversos desportistas locais, ligados ás especializadas estavam assediando o glorioso Gremio de Regatas Almirante Tamandaré afirmando de que elle se decida a **acompanhar os adeptos do dissídio nos desportos gaúchos**. (...) Como se ve, **os dissidentes locais não perdem as esperanças de scindir o desporto gaúcho**, (...) [sic; grifos meus]¹⁷⁷.

Também para esta questão, os chamados “paredros” cebedenses são evocados por apresentarem pensamento análogo. Heron Burity, presidente da AMGEA, por exemplo, em uma moção de solidariedade à CBD, proposta em uma sessão de Assembleia Geral da FRGD, justifica seu posicionamento da seguinte maneira:

Seria, sr. presidente, o mais indigno acto que poderíamos commetter apunhalando pelas costas, nesta ora triste, a nossa entidade máxima, empenhada numa lucta de vida ou morte em que seus inimigos não trepidam um só instante lançando mão dos mais diversos, não escolhendo normas para combater, culminando no **propósito de desagregar as nossas forças sportivas para melhor lançar a semente dissolvente** [sic; grifo meu]¹⁷⁸.

Remetendo-se também à ideia de que abandonar a CBD seria uma traição, Heron Burity deixa claro que, ao ser ver, o propósito dos adversários especializados seria o de deliberadamente desagregar o esporte gaúcho e semear a dissidência. De modo semelhante, depois de consumada a adesão dos gaúchos às Especializadas, Rivadávia Corrêa Meyer faz um pronunciamento no célebre congresso promovido pela FRGD, como representante da CBD. Nele, o dirigente mostra-se cético em relação à permanência dos clubes dissidentes longe da entidade oficial, justificando sua opinião a partir do que entende como sendo as reais intenções dos especializados. Conforme a cobertura do jornal, Meyer

Affirma que os dissidentes voltarão, porque Fluminense e America, após a primeira visita que fizerem ao Sul, terão cumprida a **sua missão, que era, apenas, a de promover a desagregação do foot-ball rio-grandense**, a exemplo do que fizeram com Minas e Paraná [sic; grifo meu]¹⁷⁹.

Em outra publicação do *Correio*, dando conta desta vez do pedido de expulsão de Grêmio e Internacional da FRGD por terem entabulado negociações com as Especializadas, atitude considerada “subversiva” pela matéria, também podemos perceber semelhante concepção acerca dos objetivos da corrente “dissidente”:

Ainda devem permanecer bem frescas na memória de todos os nossos leitores as notícias que publicamos, commentando a situação delicada por que passou

¹⁷⁷ “O G. de R. Almirante Tamandaré e as Especializadas”. *Correio do Povo*, 05/05/1937, p.14.

¹⁷⁸ “Uma moção de solidariedade à CBD”. *Correio do Povo*, 16/05/1937, p. 17.

¹⁷⁹ “O Rio Grande do Sul desportivo, em expressiva unanimidade, aprovou um voto de irrestricto apoio á Federação Rio-Grandense de Desportos e à Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p. 16-17.

recentemente o desporto gaúcho, abalado com a ofensiva brusca das “Especializadas” [que], num golpe de audácia, **procuraram dividir as forças desportivas do Rio Grande do Sul**, sem, no entanto conseguí-lo devido à atitude desassombrada das ligas e entidades locais [sic; grifo meu]¹⁸⁰.

Deixamos deliberadamente para o final as duas publicações que consideramos mais significativas desta linha de argumentação que vimos analisando. A primeira delas é uma matéria publicada em meio ao atribulado mês de maio de 1937, quando pairavam muitas incertezas acerca dos destinos do futebol gaúcho; na expressão utilizada pelo jornal, havia um “nevoeiro desportivo” sobre a capital. Apesar de tantas dúvidas, a coluna apresenta uma grande certeza sobre a situação do futebol local:

Ha de positivo apenas isto: as Especializadas permanecem, firmes, no **propósito de dismantelar o desporto gaúcho**. Querem, á viva força, **quebrar a força mais poderosa** da Confederação Brasileira de Desportos. **Causa-lhe verdadeiro pavor a vida calma e pacífica da família desportiva gaúcha**, á sombra da entidade dirigida pelo sr. Luiz Aranha. Os desportistas dos pampas, porém, ao que parece, estão vigilantes e dispostos a não se deixar pegar de surpresa [sic; grifos meus]¹⁸¹.

Aí está expressa, com toda clareza, qual é o grande objetivo da interferência das Ligas Especializadas no Rio Grande do Sul, de acordo com a concepção do periódico: “dismantelar”, desarticular e criar uma cisão no cenário desportivo gaúcho, cuja harmonia e tranquilidade são motivos de pavor para os dissidentes. Esta noção, que vimos analisando nas citações anteriores e que aparece explicitamente formulada aqui, é apresentada figurativamente na segunda publicação que evocaremos a seguir para finalizarmos esta subseção.

No auge da crise que levou os principais clubes porto-alegrenses a romperem com a AMGEA e a FRGD, é publicada uma curiosa matéria, assinada por um colunista que se identifica como “Parceiro Novo”. Com um estilo semelhante ao de Free-Kick, a coluna apresenta, quase em formato de conto, uma entrevista fictícia com o demônio. O diabo, origem e princípio de todo o mal, teria feito uma visita a um cronista desportivo sem assunto para lhe dar um depoimento sobre a situação do esporte no Rio Grande do Sul e explicar sua presença no estado:

- E porque, logo aqui é que vossa Diabolice veio parar?

- Não vê que eu costume ler os jornaes de toda a parte... E não consegui fazer com que as notas sportivas do Rio Grande me agradassem... **Tudo aqui**

¹⁸⁰ “Foi solicitada, na sessão secreta da FRGD, a expulsão dos clubs que mantiveram entendimentos com as ‘Especializadas’”. *Correio do Povo*, 27/05/1937, p. 13.

¹⁸¹ “Dissipa-se, pouco a pouco, o nevoeiro desportivo”. *Correio do Povo*, 15/05/1937, p. 17.

estava em calma... Todo o Rio Grande desportivo unido... Forte... Coheso... Disciplinado... Dava ao resto do Brasil um **exemplo horrível de União e Concordia... de Paz e Harmonia...** Essas palavras não sôam bem aos ouvidos de um diabo que se presa... Nós, os espíritos do mal costumamos chamar a isso de perfumarias... E naturalmente, não poderíamos ver com bons olhos as ultimas performances do Rio Grande desportivo no cenário Brasileiro. (...)

- É por isso que estou aqui – continua meu incrível visitante – para dar um geitinho nisso... Quero ver se faço **estourar uma bomba aqui na capital...** Para que essa família até então unida, comece a fazer verdadeiramente o diabo... [sic; grifos meus]¹⁸².

Como vemos, o “visitante maligno” estava profundamente desgostoso com a situação pacífica e harmoniosa do futebol gaúcho, o qual se mostrava forte, coeso e disciplinado, tendo vindo a Porto Alegre para fazer “estourar uma bomba”, para acabar com a unidade no cenário desportivo local. Na sequência, o maléfico ser afirma que o ambiente é favorável para seus propósitos, reafirmando-os mais claramente:

- Mas acha V. Diabolice que conseguirá alguma cousa?

- Como não, amigo! O ambiente é propicio... O pessoal anda pelas “caronas”... As rendas não merecem o nome... As deserções de jogadores enfraquecem os quadros..., Emfim, um sem numero de “otras cositas mas”... Depois... para um eu falo em excursões nababescas... em caravanas douradas... em “stadiuns” magníficos... Mostros-lhes um logarzinho onde há sól á beça, já sabendo que elles mesmos irão levantar uma parede que lhes roube essa luz tão ansiada... Para outros, malefluamente, eu digo outras cousas... Disfarço-me e lhes falo em lealdade... Lembro-lhes o foot-ball antigo... Finalmente eu semeio o germen... Porque não sei si você já me compreendeu... Eu não sou partidário de entidade alguma. O que eu quero, já vou lhe dizer: É o DISSÍDIO! A SCISÃO! A DISCORDIA! O ENFRAQUECIMENTO e por fim A MORTE DO SPORT GAUCHO! Porque eu, meu caro: eu sou o DEMONIO! [sic]¹⁸³.

A semelhança do entre o conteúdo do enunciado acima e as intenções atribuídas aos dissidentes especializados não é simples coincidência. Ainda que haja uma alusão também à corrente oficialista (aqueles a quem se fala de “lealdade” e do “futebol antigo”), e que o próprio demônio afirme que não é partidário de nenhuma entidade, a “bomba” que virá para causar o dissídio, a cisão, a discórdia, o enfraquecimento e morte do esporte gaúcho é uma clara referência ao advento do futebol profissional e à adesão dos clubes porto-alegrenses às Especializadas. Dessa forma, mesmo que a culpa não recaia aqui diretamente sobre os próceres especializados, como acontecia nas demais reportagens que analisamos, o dissídio esportivo, pelo qual eles são os responsáveis, é entendido como uma grande obra do mal, que aqui aparece personificado na sua figura máxima, o próprio Satanás.

¹⁸² “Entrevistando o Diabo!”. *Correio do Povo*, 11/06/1937, p. 14.

¹⁸³ *Idem*.

Creemos ter ficado, assim, amplamente demonstrado a base desta segunda linha argumentativa que identificamos. Esta consiste na consideração de que os desportistas ligados à corrente especializada tinham como objetivo claro e manifesto a desagregação, a desorganização do cenário esportivo gaúcho, que até então vivia em paz, unidade, harmonia e disciplina, por meio da promoção de um dissídio na administração do futebol brasileiro e local. A responsabilidade pela cisão, recordando as palavras de Luiz Aranha que encabeçam esta seção, não cabe nem indiretamente aos partidários do amadorismo e da CBD, mas unicamente aos especializados, nada mais que “alguns vaidosos (...), numa triste obra de anarquia e discordia” [sic]¹⁸⁴. Os partidários das Especializadas são, assim, os dissidentes, aqueles que infelicitaram o Brasil com um cisma desnecessário no esporte, motivados por sua própria arrogância, vaidade e ambição.

3.2.2 A questão da pacificação

Outro componente que faz parte desta argumentação refere-se à questão da pacificação. Ao mesmo tempo em que a culpa sobre o dissídio é atribuída aos especializados, podemos perceber que há um esforço, por parte do jornal, em promover a pacificação dos esportes. O que nos permite esta conclusão é o fato de que, a partir dos primeiros boatos da possibilidade de reunificação do futebol no âmbito nacional, há uma grande profusão de matérias especulando sobre a probabilidade de sua concretização, bem como de reportagens que acompanham os avanços e retrocessos do processo de negociação. A pauta principal das notas desportivas passa a ser cada vez mais a pacificação, e as críticas à imoralidade do regime profissional começam a escassear. Isto é compreensível, na medida em que, dentro do novo objetivo de harmonizar novamente o futebol brasileiro, não era desejável que se continuasse a fomentar a rixa entre as duas facções rivais, por meio de críticas tão incisivas. Esta perspectiva é confirmada, por exemplo, na reprodução feita pelo *Correio* de um parecer do periódico “O Globo” acerca da paz nos desportos:

Inicia-se, portanto, uma nova phase, já [que] a pacificação plena não depende da simples assignatura [de] um accordo. Agora se torna preciso o trabalho

¹⁸⁴ O 23º aniversario da Confederação Brasileira de Desportos”. *Correio do Povo*, 09/06/1937, p. 13.

verdadeiramente decisivo da pacificação dos espíritos. Indispensável não reaccender odios, não reavivar ressentimentos [sic]¹⁸⁵.

Esta onda de reportagens sobre a pacificação se intensifica ainda mais quando da consumação do pacto Vasco-América, que reunificava o futebol nacional. A partir de então a nova pauta volta-se para o âmbito local, para a necessidade de reunificação do esporte gaúcho, que continuaria cindido ainda por cerca de mais um ano. De modo a sustentar este ponto, podemos recorrer a uma análise quantitativa.

Do dia 20 de julho de 1937, quando vem a público a confirmação de negociações de paz entre os presidentes do América e do Vasco da Gama, até o dia 30 de agosto de 1938, quando se concretiza a reunificação do futebol gaúcho, podemos enumerar pelo menos 59 publicações, dispersas em 53 dias diferentes, que têm como tema central a questão da pacificação. De modo a respaldar nossa argumentação, dispusemos sistematicamente as informações relativas a estas publicações na Tabela 6¹⁸⁶.

À exceção de oito colunas satíricas escritas por Free-Kick¹⁸⁷, as demais publicações consistem em reportagens e notas acompanhando as idas e vindas das negociações para pacificação do futebol nacional e, especialmente a partir de dezembro de 1937, rio-grandense. Pode-se afirmar, portanto, que a pacificação constituiu efetivamente a principal pauta das notas desportivas do *Correio do Povo*, durante este período de pouco mais de um ano¹⁸⁸. De fato, juntamente com as crônicas das principais partidas, algumas desavenças menores entre clubes e ligas gaúchos¹⁸⁹ e a cobertura da Copa do Mundo de 1938, o tópico principal de interesse ao público, o assunto que estava na ordem do dia, era justamente a pacificação do futebol. No entanto, o próprio

¹⁸⁵ “A pacificação vista pelo ‘O Globo’”. In: “A pacificação do foot-ball nacional prologo da união do desporto brasileiro”. *Correio do Povo*, 22/06/1937, p. 15.

¹⁸⁶ Ver apêndice.

¹⁸⁷ “A cousa está preta!”. *Correio do Povo*, 12/03/1938, p. 12; “Na hora do parto”. *Correio do Povo*, 15/03/1938, p. 13; “Obstetria complicada”, *Correio do Povo*, 18/03/1938, p. 10; “Bilhete meio-aberto”. *Correio do Povo*, 14/05/1938, p. 7; “Bilhete meio-fechado”. *Correio do Povo*, 18/05/1938, p. 7; “Com a paz se fica são”. *Correio do Povo*, 03/06/1938, p. 10; “Teréré não resolve”. *Correio do Povo*, 04/06/1938, p. 9; “Gorou”, *Correio do Povo*, 09/06/1938, p. 10.

¹⁸⁸ Cabe ressaltar que o período entre os meses de novembro e fevereiro, particularmente em dezembro e janeiro, era uma época de baixa atividade esportiva. Os principais campeonatos já haviam se encerrado (ou estavam prestes a se encerrar) e iniciava-se uma fase de “férias” desportivas. Esta baixa movimentação no cenário esportivo durante estes meses torna os dados apresentados ainda mais significativos.

¹⁸⁹ Como, por exemplo, a disputa entre o S.C. Cruzeiro e o F.C. Porto Alegre pela posse da Chácara das Camélias.

jornal tem um papel importante na construção e consolidação dos temas em voga nos chamados círculos desportivos.

Neste caso, a insistência do periódico na temática da pacificação – a qual era importante, não há dúvidas – revela o propósito de consolidar este assunto junto ao público leitor. Do mesmo modo, podemos perceber, pelo tom geral das publicações, uma intenção em promover a própria pacificação em si, entendida como uma necessidade vital para o desenvolvimento harmônico e progresso do futebol gaúcho. Neste sentido, as reportagens que cobriam as negociações de paz se mostravam otimistas e esperançosas a cada nova tentativa de diálogo e conciliação entre as duas facções, e decepcionadas com cada novo fracasso das tratativas entabuladas.

Frases como “Cada vez mais proxima parece a pacificação do foot-ball porto-alegrense” [sic]¹⁹⁰, ainda que nada de concreto houvesse em relação a um acordo, demonstram essa ansiedade em ver pacificado o futebol. Podemos elencar várias publicações similares. Quando primeiro surge a confirmação da existência de um acordo para reunião do futebol carioca, comenta-se o seguinte: “Acaba de ser divulgado o pacto assignado, entre o Vasco e América, para a pacificação do desporto nacional. (...) Todo o mundo desportivo brasileiro está exultante” [sic]¹⁹¹. No mesmo dia, em outra nota, afirma-se que a possibilidade de ser pacificado todo o futebol brasileiro ainda naquela semana era uma “notícia auspiciosa” e comenta-se sobre o ambiente de expectativa no esporte local:

O Rio Grande do Sul desportivo que, só ultimamente, se viu envolvido seriamente pelo dissidio, aguarda ansioso e tranquilo, o resultado das démarches, na esperança de que todos os clubs e ligas do paiz voltem a se unir, num amplo e definitivo abraço de confraternização [sic]¹⁹².

Para ilustrarmos o otimismo a cada nova reunião para concertar um acordo e o lamento a cada novo insucesso, podemos nos remeter a duas reportagens de março de 1938. Na primeira delas, no próprio subtítulo já se afirma que as negociações em curso mostraram que “existe esperança, muita esperança mesmo...”¹⁹³. A reunião recentemente ocorrida respaldaria este otimismo: “Como se esperava, a entrevista desenvolveu-se sob um ambiente de extrema cordialidade, havendo todos demonstrado

¹⁹⁰ “Activam-se as negociações de paz”. *Correio do Povo*, 02/06/1938, p. 10.

¹⁹¹ “Vae ser pacificado o desporto brasileiro”. *Correio do Povo*, 20/07/1937, p. 16.

¹⁹² “A pacificação”. *Correio do Povo*, 20/07/1937, p. 16.

¹⁹³ “Hoje, á noite, ‘falarão’ os clubs porto-alegrenses que se interessam pela pacificação do nosso foot-ball”. *Correio do Povo*, 15/03/1938, p. 13.

a melhor boa vontade, o que, aliás, é bastante promissor...” [sic]¹⁹⁴. No rodapé da página, ainda, escreve-se em letras grandes: “Encaminha-se para um desfecho harmônico o ‘caso’ foot-ballístico gaúcho” [sic]¹⁹⁵.

No entanto, apenas dois dias depois, tendo surgido um impasse na elaboração da fórmula de paz, comenta-se melancolicamente:

“Entre continuas propostas e contrapropostas, vão se desenvolvendo as démarches pró-pacificação do foot-ball gaúcho. Até agora, infelizmente, não conseguiram as facções em dissídio encontrar uma formula adaptavel ás suas aspirações” [sic]¹⁹⁶.

A ansiedade em relação a um possível acordo de paz é claramente perceptível em vários outros momentos. Uma matéria publicada no mês de maio de 1938, portanto ainda três meses antes da efetiva reunificação do futebol gaúcho, por exemplo, afirma o seguinte:

Como vêem os leitores, nos bastidores do foot-ball trabalha-se activamente para uma pacificação definitiva dos desportistas dos pampas.

E podemos assegurar que todos os trabalhos são pautados pela mais apurada moralidade, motivo por que é certo que, dentro de horas, talvez, não haja mais antagonismos dentro dos limites do Rio Grande do Sul desportivo [sic]¹⁹⁷.

Outra publicação de maio de 1938, em meio uma das tratativas de pacificação que acabaram se revelando fracassadas, afirma já no título que “O foot-ball porto-alegrense marcha para a pacificação” [sic]. Com esta “certeza”, a matéria destaca a animação dos círculos desportivos locais:

A ALEGRIA nos circulos desportivos é indisfarçavel.

Toda gente sentia a necessidade de vê voltar aos convívio da família gaúcha clubs do passado e do prestígio extraordinario do Gremio, Internacional, São José, Cruzeiro, Força e Luz, já agora, do Americano-Universitario, que, quasi ao apagar das luzes, filiou-se á corrente dissidente.

Tivemos ensejo de ouvir, durante o dia de hontem, os presidentes de todos os clubs interessados na pacificação e a impressão dominante era uma só: a de que a paz terá de ser concertada dentro de poucos dias, porque assim o exigem os altos interesses do desporto gaúcho [sic]¹⁹⁸.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ “A pacificação em foco”. *Correio do Povo*, 17/03/1938, p. 9.

¹⁹⁷ “Para tratar da pacificação, conferenciaram, hontem, os presidentes da FRGD e das AMGEAS Cebedense e Especializada. Aproxima-se a pacificação do foot-ball gaúcho”. *Correio do Povo*, 05/05/1938, p 11.

¹⁹⁸ “O foot-ball porto-alegrense marcha para a pacificação”. *Correio do Povo*, 04/05/1938, p. 9.

Ao final da citação, temos expresso o grande motivo pelo qual é imperioso que se faça a pacificação o quanto antes: é uma exigência dos “altos interesses” do futebol gaúcho. Com as citações que se seguem, poderemos, além de continuar entrevendo essa expectativa otimista em relação ao processo de pacificação, perceber com mais clareza a que se refere tal expressão.

Em fins do mês de agosto de 1938, quando as últimas negociações chegavam ao fim de forma positiva, as notas desportivas do *Correio* comentam o seguinte sobre a reunião, a ser realizada em Pelotas, que reunificaria definitivamente o futebol rio-grandense:

Assim, hoje, á noite, possivelmente, a linda cidade do Sul do Estado terá a satisfação de ver terminado o litigio desportivo que, ha doze mezes, entorpece e anemisa o foot-ball rio-grandense.

AS MELHORES ESPECTATIVAS aguardam o futuro do soccer gaúcho [sic]¹⁹⁹.

Três dias depois, a grande manchete refere-se à notícia do fim definitivo do dissídio esportivo no Rio Grande do Sul. O comentário feito pela matéria acerca da conclusão do litígio é o seguinte:

Da conjugação dos esforços de todos nasceu a formula victoriosa, ante-hontem, em Pelotas, com a qual foi sellada, de uma vez por todas, a paz por que tanto desejavam os desportistas de todo o Estado.

E, agora, de mãos dadas, marcham todos os desportistas gaúchos para o futuro, confiantes em si próprios e crentes de que só a amizade, a boa compreensão e a lealdade poderão conduzir o foot-ball rio-grandense às suas legítimas finalidades [sic]²⁰⁰.

Complementarmente, são citados os votos de louvor à pacificação feitos pelo jornalista pelotense Sylvestre Aleixo, que ressalta que as démarches pacificadoras vieram para “restabelecer a unidade e o poderio do foot-ball gaúcho” [sic]²⁰¹; e pelo presidente da Federação Rio-Grandense, Milton Soares, que “sempre considerára a harmonia da familia footballistica gaúcha como um bem indispensavel ao seu progresso” [sic]²⁰².

O que podemos perceber destas últimas citações é a concepção geral apresentada pelo periódico acerca de porque era necessária a pacificação nos desportos. Entendia-se

¹⁹⁹ “Tudo prompto para a pacificação”. *Correio do Povo*, 27/08/1938, p. 11.

²⁰⁰ “Unido, finalmente, o foot-ball gaucho”. *Correio do Povo*, 30/08/1938, p. 13.

²⁰¹ Idem.

²⁰² Idem.

que somente com o desporto pacificado, harmonizado, uno e coeso era possível atingir os verdadeiros objetivos do esporte, ou seja, alcançar seus benefícios educacionais, físicos e morais, e conduzi-lo ao progresso. A permanência no dissídio, ao contrário, significava a insistência na anarquia, desorganização, retrocesso e destruição do futebol local. Esta concepção talvez tenha sua maior expressão, dentro das fontes consultadas, em uma extensa entrevista concedida por Milton Soares ao *Correio do Povo*. Em determinada passagem, o prócer cebedense expõe os benefícios que adviriam com a paz definitiva:

A pacificação, ninguém ousará contestar, interessa, acima das facções em litigio, ao proprio Rio Grande: com ella adviria o prestigio que o nosso glorioso Estado desfructava dentro e muito além das suas fronteiras, antes do dissidio; com ella, o resurgimento dos seus aureolados tempos, nos quaes a união sagrada se impunha como paradigma aos demais Estados. Com ella, irmanados na mesma fé, o retorno ao rythmo cadenciado de progresso que vinha trilhando. Sem pacificação honrosa, a persistencia na lucta ingloria e criminosa pelo esphacelamento de tudo quanto ainda resta de bom, fructo dos sacrificios de muitos annos; sem ella, o isolamento, a anarchia, a derrocada, em summa, a destruição [sic]²⁰³.

Dessa forma, o periódico apresenta uma defesa da necessidade de pacificação, condição *sine qua non* para o progresso e desenvolvimento do futebol gaúcho, posicionamento que também atribuía aos partidários da FRGD e da AMGEA cebedense. Os especializados, ao contrário, conforme analisamos na seção anterior, eram tidos como os responsáveis pela deflagração da luta e do dissídio.

No entanto, nesta fase de negociações de paz, conforme sustentamos, houve uma diminuição da crítica à facção especializada, dentro da perspectiva de acalmar os ânimos e harmonizar os pontos de vista. De fato, várias vezes salienta-se a prevalência de uma “manifesta e indesmentida boa vontade” [sic]²⁰⁴, uma “limpidez de propositos” [sic]²⁰⁵ por parte dos dirigentes de ambas as correntes, em busca de uma “paz honrosa” [sic]²⁰⁶ que satisfaça a todos. Ainda assim, pode-se perceber em alguns momentos uma espécie de atribuição de culpa aos especializados, pelas sucessivas falhas das conversações.

²⁰³ “O bem da pacificação”. In: “O presidente Milton Soares fala sobre o malogro da pacificação do foot-ball gaúcho”. *Correio do Povo*, 22/03/1938, p. 12.

²⁰⁴ “A pacificação do foot-ball gaúcho volta a agitar os círculos desportivos”. *Correio do Povo*, 31/05/1938, p. 12.

²⁰⁵ “Activam-se as negociações de paz”. *Correio do Povo*, 02/06/1938, p. 10.

²⁰⁶ Cf. “Nem vencidos, nem vencedores”. In: “A nova entidade carioca será fundada no dia 29”. *Correio do Povo*, 23/07/1937, p. 15; “Celebrar-se-á ainda nesta semana a pacificação?”. In: “Do encontro de hoje, entre o sr. Milton Soares, presidente da F.R.G.D., e os diretores ‘especializados’ poderá resultar a pacificação”. *Correio do Povo*, 10/03/1938, p. 12.

Em julho de 1937, o presidente da CBD, Luiz Aranha já afirmava que para que se pudesse concretizar a pacificação dos esportes era necessária a boa vontade dos dissidentes especializados:

Já é tempo de agir com serenidade. Já é tempo de reconhecer sua eficiencia [da CBD], já é tempo de fazer-lhe justiça. Os seus adversarios, que tanto desperdiçaram em innovações inadaptaveis ao Brasil, voltem ao convivio e venham facilitar os seus movimentos e auferir os benefícios que ella propicia. Permanecer fóra della e contra ella, é insistir no erro. Confiar que novos acontecimentos possam modificar o panorama sportivo, é tolice (...) [sic]²⁰⁷.

Algumas reportagens publicadas pelo *Correio*, no entanto, mostram que esta cooperação não vinha ocorrendo plenamente. Determinada matéria de junho de 1938, por exemplo, dando conta do insucesso da mais nova tentativa de conciliação, é encabeçada pela manchete “Devido á intransigencia do Gremio, não foi assignada, hontem, a pacificação do foot-ball porto-alegrense” [sic]; e, no seu subtítulo, lê-se: “Como estava redigida a fórmula que o Gremio impugnou, em sessão da AMGEA Especializada” [sic]²⁰⁸. O Grêmio era, ao lado do Internacional, sabidamente um dos líderes da facção especializada, e a sua não aceitação de determinadas cláusulas, obstando o advento da paz, é vista como mera intransigência.

Mais contundente que a matéria supracitada é uma coluna de meados de março de 1938. Nela, a crônica esportiva do *Correio* manifesta explicitamente o que, na sua ótica, está entravando as negociações de paz:

Para tanto, os dissidentes dizem abertamente que o primeiro mandatario da “mater” regional [Milton Soares, presidente da FRGD] conhece quaes as condições em que pode ser assignada a pacificação; fora dellas, tudo será inutil, **tanta é a intransigencia que vae pelo bloco dos isolados** [sic; grifo meu]²⁰⁹.

De modo semelhante, Milton Soares, na já citada extensa entrevista que concedeu ao jornal naquele mesmo mês, manifesta explicitamente a opinião de que a intransigência dos especializados é a responsável pelo malogro da reconciliação:

Diante do que passo a expôr, asseguro, sem receio de contestação, que a pacificação não se processou pela **obstinação dos dissidentes em impôr condições inaceitáveis**, que, em ultima analyse, redundariam no reconhecimento do seu propalado objetivo de predominio; tanto assim é, que

²⁰⁷ “A homenagem ao sr. Luiz Aranha”. *Correio do Povo*, 29/06/1937, p.15.

²⁰⁸ “Á ultima hora fracassou a pacificação”. *Correio do Povo*, 03/06/38, p. 10.

²⁰⁹ “Nada ha de positivo”. *Correio do Povo*, 11/03/1938, p. 9.

exigiam como primeira condição, o reconhecimento da AMGEA Especializada como dirigente do foot-ball da capital [sic; grifo meu]²¹⁰.

Vale destacar, que, apesar da relevância desta declaração de Milton Soares sobre os rumos da pacificação para o argumento que vimos desenvolvendo aqui, os clubes especializados tiveram um espaço nas notas desportivas para responder as acusações que lhes foram imputadas²¹¹. Não obstante, os exemplos aqui citados servem como indicativo de que, mesmo em uma suposta fase de apaziguamento dos ânimos, por vezes ainda se atribuiu responsabilidade aos especializados “dissidentes”, pela continuidade do litígio.

Em suma, constrói-se, num primeiro momento, a argumentação de que os líderes das Especializadas, os entusiastas do futebol profissional, são os únicos responsáveis pela deflagração de um dissídio no âmbito desportivo brasileiro e rio-grandense. Entendia-se que esta cisão era completamente desnecessária, considerando-se os grandes serviços que a CBD vinha prestando ao esporte nacional, sendo motivada tão somente pela vaidade, ganância e capricho de alguns maus desportistas e tendo por objetivo unicamente desmantelar o desporto local. Esta concepção, afinada com o discurso apresentado pelos próceres cebedenses, está amplamente presente nas notas desportivas do *Correio do Povo*, pelo menos até julho de 1937 e com alguns ecos posteriores, sendo a base de uma segunda linha argumentativa que identificamos como sustentação do posicionamento pró-cebedense apresentado pelo periódico.

Dessa forma, também para esta linha argumentativa constrói-se uma dicotomia entre especializados e cebedenses. Enquanto os primeiros procuravam desagregar as forças esportivas nacionais, semeando a discórdia, a anarquia e a cisão, para melhor tirar partido da situação; os últimos buscavam manter e restaurar a situação de harmonia, unidade e coesão que sempre haviam imprimido ao futebol brasileiro, única situação em que este poderia prosperar, progredir e adequadamente proporcionar os benefícios morais, que eram seu verdadeiro objetivo. Assim sendo, podemos complementar o quadro comparativo que traçamos ao final da seção anterior.

²¹⁰ “O presidente Milton Soares fala sobre o malogro da pacificação do foot-ball gaúcho”. *Correio do Povo*, 22/03/1938, p. 12.

²¹¹ “Gremio, Internacional, Cruzeiro, São José, Força e Luz e Americano respondem á entrevista que o desportista Milton Soares concedeu ao ‘Correio do Povo’”. *Correio do Povo*, 24/03/1938, p. 10.

Tabela 5 - Dicotomia argumentativa entre especializados e cebedenses (continuação).

Profissionalismo/Ligas Especializadas	Amadorismo/ CBD
Dissídio/cisão	Pacificação/unidade
Discórdia/anarquia	Harmonia/coesão
Desagregação/estagnação	Progresso

Como vemos, ambas linhas argumentativas que identificamos operam por meio do estabelecimento de uma dicotomia implícita entre as duas facções em disputa. Dessa forma, elas contribuem para a elaboração de um discurso que imputa características eminentemente negativas à corrente especializada-profissional, ao mesmo tempo em que atribui elementos positivos ao grupo amadorista-cebedense, contribuindo para embasar o posicionamento adotado pelo periódico.

Já num segundo momento, a partir do final de julho de 1937, a grande pauta apresentada pelas notas esportivas do jornal passa a ser a pacificação do futebol. Subjacente a esta verdadeira ansiedade em ver pacificado o futebol gaúcho e brasileiro – que podemos interpretar como uma efetiva tentativa de promover a paz – e à condenação da cisão promovida pelos especializados “dissidentes”, está a noção de que somente com a administração esportiva unificada, harmonizada e coesa é que se poderia alcançar o progresso e desfrutar dos benefícios auferidos pelo futebol. De um modo geral, também esta perspectiva apresentada pela crônica esportiva revelava-se afinada com a corrente cebedense, ou, pelo menos, com uma concepção que se construiu a respeito dela. De fato, o genuíno desejo de ver pacificado o futebol era atribuído aos partidários da CBD e da FRGD. Ainda que por vezes a boa vontade para com a pacificação tenha sido atribuída também aos especializados, em algumas ocasiões voltava-se ainda a culpá-los pelos sucessivos adiamentos da sua realização.

A preocupação com a pacificação, baseada na ideia de que somente assim era possível bem desenvolver o esporte, e a consideração do futebol profissional como uma atividade mercenária, imoral e corrupta, são, assim, as bases das duas principais linhas argumentativas que sustentam o discurso pró-cebedense do *Correio do Povo* em relação à crise das Especializadas. Ambos argumentos possuem significativa correspondência

com o discurso estatal hegemônico que estava em construção e consolidação. Discutiremos esta questão a seguir, na próxima seção.

3.3 O discurso do Governo Vargas sobre o esporte e as linhas argumentativas do *Correio do Povo*

Tendo analisado, nas seções anteriores, os dois conjuntos argumentativos que embasam o discurso apresentado pelo jornal *Correio do Povo* sobre a crise das Especializadas, pautado, como vimos, por um posicionamento simpático à corrente cebedense, podemos agora traçar algumas aproximações com o discurso do governo de Getúlio Vargas acerca da questão esportiva.

O discurso estatal moderno, idealizado e colocado em prática pelo governo varguista, tem como sua grande expressão prática no campo esportivo o Decreto-Lei 3.199 de 1941, o qual já foi analisado mais detidamente no capítulo 1 deste trabalho. Nele pudemos observar algumas questões que estavam em discussão a respeito do esporte brasileiro quando da sua promulgação, e às quais o Decreto se propunha a dar uma resposta. Podemos retomar aqui dois dos três pontos que discutimos a respeito da nova legislação, os quais fortemente se aproximam das linhas argumentativas que vimos analisando neste capítulo, de modo a demonstrarmos uma proximidade entre o discurso estatal e o da crônica desportiva do *Correio*.

Em primeiro lugar, destacamos a categoria de disciplina. Como vimos, a criação do Conselho Nacional de Desportos, principal definição do Decreto-Lei 3.199, tinha o objetivo manifesto de imprimir a disciplina necessária ao desporto nacional, que se encontrava desorganizado, visando desenvolvê-lo adequadamente e orientá-lo para que produza benefícios para a formação moral e física da juventude. Neste sentido, a criação do CND representava a inserção da ordem desportiva nacional dentro do projeto de corporativização da sociedade. Através da intervenção estatal, pretendia-se controlar, oficializar e verticalizar a administração esportiva em todo o país, em nome do objetivo maior da harmonia social.

Significativamente, a segunda linha de argumentação que apresentamos neste capítulo apresenta uma justificativa semelhante. Tanto a crítica aos especializados por terem causado um dissídio no cenário esportivo nacional, supostamente de forma

deliberada para desagregar e enfraquecer o futebol e poderem melhor tirar vantagem da situação; quanto a ânsia por ver o esporte pacificado fundamentam-se na ideia de que somente unificado, centralizado e – para usar uma expressão familiar ao discurso corporativista – harmonizado é que o futebol poderia prosperar e produzir os bons frutos que dele se esperava.

Podemos perceber, assim, uma forte afinidade entre estes dois discursos. A concepção de que era necessário que o esporte estivesse disciplinado (ou pacificado), que subjaz às medidas adotadas pelo DL 3.199, reflete uma discussão que estava sendo colocada naquele momento, tanto na esfera desportiva quanto nas instancias decisórias do Estado. De certa forma, esta discussão e esta concepção já estavam prefiguradas na argumentação apresentada pelo *Correio* na questão das Especializadas alguns anos antes, revelando uma forte compatibilidade com o discurso do Estado varguista²¹².

O mesmo acontece em relação à primeira linha argumentativa que identificamos. Ainda que reconhecesse o profissionalismo no futebol brasileiro, o Decreto-Lei 3.199 mostrava-se grande desconfiança em relação a ele. Citamos novamente o capítulo 3º, alínea “b”:

b) incentivar, por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática dos desportos educativos por excelência, e ao mesmo tempo exercer rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, com o objetivo de mantê-lo dentro de princípios da estrita moralidade (MANHÃES, 1986: 78).

Na ocasião em que analisamos as características do Decreto mais detidamente, vinculamos o excerto acima à questão da moralidade, da educação moral e cívica. Este é justamente o segundo ponto que retomaremos agora. O trecho reproduzido é uma expressão sintomática do objetivo do Estado de utilizar o esporte como ferramenta útil na formação educacional da juventude brasileira, e da ideia de que somente o esporte amador poderia proporcionar estes benefícios de ordem física, moral e patriótica. Inversamente, o profissionalismo beirava os limites da imoralidade e precisava ser rigorosamente vigiado. Esta é exatamente a concepção que justifica o primeiro argumento apresentado neste capítulo. O futebol profissional é apresentado nas fontes analisadas como uma prática mercenária, corruptora e imoral, que desvirtua os

²¹² Vale destacarmos que a imprensa da época já estava sob a supervisão do Estado, por meio do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), precursor do famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o que, se não garante necessariamente uma completa igualdade de opinião, pelo menos inibe publicações que fossem completamente contrários ao discurso oficial do Estado. Sobre a intervenção estatal na imprensa durante a Era Vargas, ver Souza (2003: 67-104; 105-146), Luca & Martins (2008: 167-173) e Barbosa (2007: 103-124).

verdadeiros propósitos da atividade esportiva, ou seja, o aperfeiçoamento moral e físico dos jovens.

Em síntese, vemos expressos no Decreto-Lei 3.199, legislação que condensa na prática diversos aspectos do discurso estatal sobre o esporte, os dois eixos discursivos que já embasavam a argumentação do *Correio do Povo* nas suas críticas ao movimento das Ligas Especializadas. Uma das principais preocupações do Decreto é com a normatização do esporte, por meio da centralização, pacificação e unificação, pautas importantes para a afirmação do modelo de atividade esportiva almejado pelo Governo Vargas, particularmente durante o Estado Novo. Por outro lado, manifesta-se grande desconfiança em relação ao esporte profissional, que, por envolver o dinheiro em uma prática que deveria ser puramente amadora, visando o aprimoramento físico, moral e intelectual da população, corre o risco de cair na corrupção, na imoralidade. Ambas estas noções estavam fortemente presentes no discurso da seção desportiva do *Correio do Povo* sobre a profissionalização do futebol, no final da década de 1930. Percebemos, dessa forma, uma ativa continuidade entre os discursos analisados.

Considerações Finais

Chegando ao final deste trabalho, cabe-nos retomar sinteticamente as ideias que sustentamos ao longo destas páginas. Como vimos, o movimento das Ligas Especializadas, que visava oficializar o profissionalismo no futebol brasileiro, embora tenha surgido no Rio de Janeiro em 1933, chega efetivamente ao Rio Grande do Sul somente em 1937. Neste contexto, a corrente especializada buscava agregar novas forças ao seu bloco, propondo um contrato a Internacional e Grêmio que determinava o apoio destes clubes, em troca de um intercâmbio desportivo, permeado por uma série de vantagens financeiras. No entanto, pouco tempo depois foi concertado o pacto Vasco-América, que solucionava o conflito até então vigente no cenário desportivo brasileiro entre as facções cebedense-amadorista e especializada-profissional. Não obstante, o futebol gaúcho permaneceria ainda cindido em duas ligas por mais de um ano, sendo a situação normalizada apenas em 1939.

A análise da cobertura jornalística feita pelo *Correio do Povo* deste período em que o Rio Grande do Sul esteve envolvido com o movimento das Especializadas, objeto particular desta pesquisa, nos revela um posicionamento muito claro adotado pelo periódico diante desta questão. Cremos não restar dúvida, após a investigação aqui conduzida, do inequívoco posicionamento pró-cebedense do discurso apresentado pela crônica desportiva do *Correio*, manifestado tanto por uma constante exaltação da CBD e dos seus feitos para o bem do esporte nacional, quanto por uma desqualificação das Ligas Especializadas.

A grande estratégia utilizada para veicular este discurso refere-se ao binômio dizer-silenciar. Silencia-se o lado dos especializados, cuja perspectiva é contemplada apenas em raras ocasiões, ao passo que é dado grande destaque às vozes cebedenses. Entre estas são evocadas, particularmente, a dos clubes do interior do estado, que se mantiveram obstinadamente fiéis à FRGD e à CBD, e a de alguns “paredros”, desportistas e dirigentes de grande notoriedade e prestígio, que se mostraram contrários às propostas das Especializadas.

Este discurso pró-cebedense apresentado pelo *Correio do Povo* apoia-se, sobretudo, em duas linhas argumentativas. A primeira delas refere-se à consideração de

que o futebol profissional era uma prática inerentemente imoral e corruptora, orientada exclusivamente por uma lógica utilitarista e mercenária, que colocava o lucro financeiro acima dos propósitos edificantes do esporte. A segunda linha argumentativa, por sua vez, atribuía unicamente às Ligas Especializadas a culpa pelo dissídio no futebol brasileiro. Ao mesmo tempo em que se promovia a pacificação, responsabilizava-se os especializados pela deflagração da cisão e pela demora na concretização da paz.

Subjacente a estes argumentos, estava uma concepção acerca do modelo ideal dentro do qual deveria se desenvolver a atividade esportiva, a fim de que se pudesse usufruir dos benefícios morais e educacionais dela advindos. Assim, o futebol deveria ser amador, visando o aprimoramento físico, moral e intelectual da juventude; e estar pacificado, harmonizado e organizado de forma unificada, de modo a proporcionar as condições necessárias para seu bom desenvolvimento e aproveitamento.

Ainda que, como afirmamos, o Governo Vargas não tenha empreendido efetivamente um esforço de normatização e profissionalização do esporte até o Estado Novo, as linhas argumentativas que identificamos mostram-se em grande sintonia com o discurso estatal moderno sobre o esporte, condensado no Decreto-Lei 3.199 de 1941. Em consonância com a primeira linha argumentativa, também o decreto manifesta em determinada seção sua desconfiança em relação à moralidade do esporte profissional. De maneira semelhante, assim como para o segundo conjunto de argumentos, a harmonização e centralização do esporte eram fundamentais dentro do projeto corporativista, sendo este o principal objetivo da legislação que criou o Conselho Nacional de Desportos. Discernimos, portanto, uma forte afinidade entre estes dois discursos no que se refere ao modelo que priorizavam para o futebol brasileiro.

Dessa forma, nas análises que empreendemos aqui, consideramos o futebol como um elemento de alta significância social e histórica, tendo sido alvo do interesse estatal e importante dimensão do projeto corporativista empreendido pelo governo de Getúlio Vargas. No mesmo sentido, cabe-nos ressaltar o papel da imprensa – tanto de um modo geral, como da imprensa esportiva de modo particular – que se revela um importante campo de manifestação dos conflitos, tensões e discursos que estavam em jogo naquele momento na esfera da administração esportiva e da política. Neste caso específico, pudemos perceber como a imprensa atua como espaço de expressão das dinâmicas e interesses em pauta na construção do modelo ideal de futebol brasileiro,

refletindo ideias e concepções que perpassavam o discurso da corrente cebedense e da linha de pensamento do Estado, dentro de seu projeto de modernização da sociedade brasileira.

Com o trabalho assim desenvolvido, esperamos ter contribuído, ainda que modestamente, para a expansão e o aprofundamento das discussões acadêmicas que ponham em pauta o futebol e a imprensa enquanto elementos significativos da sociedade na qual estão inseridos, em termos políticos, sociais e culturais; particularmente, neste período histórico da Era Vargas.

Referências Bibliográficas

ABREU, Luciano Aronne de. *Um olhar regional sobre o Estado Novo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ABREU, Luciano Aronne de; & MOTTA, Rodrigo Sá Patto (orgs.). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV/EDIPUCRS, 2013.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ALABARCES, Pablo; DI GIANO, Roberto & FRYDENBERG, Julio (orgs.). *Deporte y sociedad*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1998.

ALVES, Eliseu de Mello. *O futebol em Pelotas*. Volume 1: 1901-1941. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

AXT, Gunther et all. *Da vida para a história: reflexões sobre a era Vargas*. Porto Alegre: Procuradoria Geral de Justiça/Memorial do Ministério Público, 2005.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *História da Comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUCHMANN, Ernani. *Quando o futebol andava de trem: memória dos times ferroviários brasileiros*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARDOSO, Adalberto. “Estado Novo e corporativismo”. In: *Locus: revista de História*. V. 13, nº 2. Juiz de Fora, 2007, p. 109-118.

CASTRO, Celso. “*In corpore sano* – os militares e a introdução da educação física no Brasil”. In: *Antropolítica*. Nº 2. Niterói (RJ), 1997, p. 61-78.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COUTO, José Geraldo. *Futebol brasileiro hoje*. São Paulo: Publifolha, 2009.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. IN: *São Paulo em Perspectiva*. Vol. 15. Nº 3. São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000300011&script=sci_arttext. Acesso em Abril de 2012.
- DA MATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- DI GIANO, Roberto. *Fútbol, poder y discriminación social*. Buenos Aires: Leviatán, 2010.
- DIENSTMANN, Cláudio. *Campeonato Gaúcho – 68 anos de história*. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- DIENSTMANN, Cláudio & DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil. Do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze*. Porto Alegre: Gráfica Aplub, 2000.
- ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- FONSECA, Leandro. *A invenção do Sport Club Internacional: um estudo de caso sobre a institucionalização e profissionalização de um clube de futebol (1929-1942)*. Porto Alegre: PUCRS, 2012 (Trabalho de conclusão de curso em História).
- FRAGA, Gerson Wasen. *“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: UFRGS, 2009 (Tese de Doutorado em História).
- _____. *Uma triste história de futebol no Brasil: o maracanaço – nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950*. Passo Fundo: Méritos, 2014.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. “Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Ano 3, nº 10. Buenos Aires, Maio 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/anos30.htm>.
- FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. “Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas”. In: *Revista USP*. Nº 65. São Paulo, março/maio 2005.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. “500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho: Construção da ‘Província de Chuteiras’”. IN: *Anos 90*, nº 13. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 21-50.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HORTA, José Silvério Baía. *O Hino, o Sermão e a Ordem do Dia – Regime Autoritário e a Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva/Ed. USP, 1971.

JUVENAL. *Sátiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAMOUNIER, Bolívar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação”. In: FAUSTO, Boris (coord.). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III*. Volume 2. São Paulo: Difel, 1985.

LUCA, Tânica Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. Vol. 1, p. 111-153.

LUCA, Tânia Regina de & MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas (SP): Autores Associados, 2001.

LUZURIAGA, Juan Carlos. *El Football del novecientos: orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay (1875-1915)*. Montevideo: Ediciones Santillana, 2009.

MALAIÁ, João Manuel. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. São Paulo: USP, 2010 (Tese de Doutorado em História).

MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MARIN, Edegardo. *Centenario: historia total del fútbol chileno (1895-1995)*. Santiago: Editores y Consultores REI, 1995.

MASCARENHAS, Gilmar. Fútbol y modernidad en Brasil: La geografía histórica de una novedad. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Ano 3, nº 10. Buenos Aires, 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em agosto de 2013.

_____. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 2001 (Tese de Doutorado em Geografia).

_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. In: *Geographia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF*. v.4, nº 8. Niterói: UFF, 2002. p. 84-92.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.

MICHIELIN, Francisco. *Uma vez para sempre. De como a classe operária foi ao paraíso*. Caxias do Sul: Maneco, 2009.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MOSKO, Jackson F.; CAPRARO, André M. & MOSKO, José C. *O Estado Novo (1937-1945) e a Educação Física: doutrinando corpos no exercício do poder*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd143/o-estado-novo-1937-1945-e-a-educacao-fisica.htm>.

MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NEGREIROS, Plínio José Labriola. *A nação entra em campo: futebol e nação nos anos 30 e 40*. São Paulo: PUC-SP, 1998 (Tese de Doutorado em História).

NIEVINSKI FILHO, Estácio. *Os poloneses em Porto Alegre*. Disponível em: http://www.poloniapoa.org/artigos/poloneses_porto_alegre.pdf.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

- PANZERI, Dante. *Fútbol. Dinámica de lo impensado*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2011.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PIRES, Edison. *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense: Passado e presente de um grande clube*. Porto Alegre: Financial, 1967.
- RAMOS, Miguel Glaser. *Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Editora da Furg, 2000.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RIBEIRO, David de Aguiar. *Federação Rio-Grandense de Desportos: conflitos com clubes de futebol*. Porto Alegre: UFRGS, 2011 (Trabalho de conclusão de curso em Educação Física).
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)*. Porto Alegre: UFRGS, 2007 (Tese de Doutorado em Sociologia).
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- _____. “Cotidiano, Mídia e Indústria Cultural: Modernidade e Tradicionalismo, dos Anos 30 à Atualidade”. IN: GERTZ, René; BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (orgs.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Volume 4 - República. Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- SILVA, Jandira, CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni (orgs.). *Breve Histórico da Imprensa Sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.
- SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: Uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Porto Alegre: PUCRS, 2014 (Dissertação de Mestrado em História).
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

SKOWRONSKI, Marcelo; MORAES, Ronaldo Dreissig de & MAZO, Janice Zarpellon. Grêmio Esportivo Força e Luz: futebol, trabalho e história. In: *Licere*, v. 17, nº 1. Belo Horizonte: UFMG, mar/2014.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

TORRES, Andrea Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Referências na Internet

RSSSF Brasil: <http://www.rssfbrasil.com/>.

Fontes Primárias

Jornais do *Correio do Povo*, editados entre janeiro de 1937 e dezembro de 1938.

Disponíveis em:

Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa;

Acervo da Central de Pesquisas e Jornais do *Correio do Povo*.

Apêndice

Tabela 6 – Publicações referentes à pacificação entre 20 de julho de 1937 e 30 de agosto de 1938.

	Dia	Título	Pág.
1	20/jul/37	No Rio, espera-se a pacificação	16
2	20/jul/37	A pacificação	16
3	22/jul/37	A pacificação do foot-ball nacional prologo da união do desporto brasileiro	15
4	22/jul/37	Chegou, hontem, o illustre desportista Luiz Aranha	15
5	23/jul/37	A nova entidade carioca será fundada no dia 29	15
6	23/jul/37	A paz nos desportos nacionaes	15
7	25/jul/37	Continuam os trabalhos para a fundação da nova entidade	18
8	28/jul/37	A execução do acordo de paz no foot-ball brasileiro	14
9	01/ago/37	Foi fundada a nova entidade carioca	22
10	06/ago/37	Conspira-se contra todas as entidades cariocas especializadas!	11
11	10/ago/37	Não sairá a pacificação em S. Paulo	12
12	13/ago/37	Pacificado o desporto paulista	9
13	19/ago/37	A situação desportiva nacional	12
14	20/ago/37	Assignada, pelos paredros paulistanos, a ata da pacificação do desporto brasileiro	12
15	03/set/37	Os ultimos retoques á pacificação sportiva	11
16	03/out/37	A FRGD está legalmente filiada á Federação Brasileira de Foot-Ball	18
17	18/nov/37	Será pacificado o foot-ball gaúcho?	11
18	05/dez/37	Guilherme Melecchi regressa, hoje, para o Rio	18
19	10/mar/38	Do encontro de hoje, entre o sr. Milton Soares, presidente da F.R.G.D., e os directores "especializados" poderá resultar a pacificação	12
20	11/mar/38	Nada ha de positivo	9
21	12/mar/38	Os especializados não acceitaram a formula de paz, proposta pelos cebedenses	12
22	12/mar/38	A cousa está preta!	12
23	15/mar/38	Hoje, á noite, "falarão" os clubs porto-alegenses que se interessam pela pacificação do nosso foot-ball	13
24	15/mar/38	Na hora do parto	13
25	17/mar/38	A pacificação em fóco	9
26	18/mar/38	Obstetricia complicada	10
27	20/mar/38	Prosseguirão os entendimentos para a pacificação do foot-ball?	18
28	22/mar/38	O presidente Milton Soares fala sobre o malogro da pacificação do foot-ball gaúcho	12
29	24/mar/38	Gremio, Internacional, Cruzeiro, São José, Força e Luz e Americano respondem á entrevista que o desportista Milton Soares concedeu ao "Correio do Povo"	10
30	26/mar/37	Convocado o congresso da F.R.G.D.	9
31	21/abr/38	O importante congresso da F.R.G.D.	12
32	03/mai/38	Attendendo um pedido da AMGEA "Especializada", a veterana F.R.G.D. revogou todas as penas impostas aos dissidentes	14
33	04/mai/38	O foot-ball porto-alegrense marcha para a pacificação	9

34	05/mai/38	Aproxima-se a pacificação do foot-ball gaúcho	11
35	06/mai/38	Sucedem-se as negociações para a pacificação do foot-ball gaúcho	11
36	14/mai/38	Bilhete meio-aberto	7
37	18/mai/38	Bilhete meio-fechado	7
38	19/mai/38	A Amgea Especializada não achou exequíveis as bases apresentadas pela Amgea Cebedense	11
39	29/mai/38	Volta-se a falar em pacificação	15
40	31/mai/38	A pacificação do foot-ball gaúcho volta a agitar os círculos desportivos	12
41	02/jun/38	Activam-se as negociações de paz	10
42	03/jun/38	Á ultima hora fracassou a pacificação	10
43	03/jun/38	Com a paz se fica são	10
44	04/jun/38	Teréré não resolve	9
45	07/jun/38	Suspensas as negociações para pacificar o foot-ball gaúcho	11
46	09/jun/38	Gorou	10
47	12/jun/38	Procura-se uma scisão no interior do Estado?	20
48	14/jun/38	A possível pacificação do foot-ball gaúcho	14
49	29/jul/38	Encabeçados por Pelotas, os "leaders" do interior tentam num ultimo esforço, a pacificação do foot-ball	11
50	30/jul/38	A pacificação em fôco novamente	13
51	03/ago/38	O presidente da Liga Pelotense espera, ainda esta semana, deixar pacificado o foot-ball gaúcho	7
52	06/ago/38	Regressou o presidente da Liga Pelotense	11
53	19/ago/38	O S.C. Internacional e a pacificação do foot-ball	11
54	20/ago/38	Mais uma formula de pacificação	11
55	24/ago/38	Falhou, de novo a pacificação?	11
56	25/ago/38	Importante reunião pacificadora em Pelotas	12
57	27/ago/38	Tudo prompto para a pacificação	11
58	28/ago/38	Adiada a pacificação	20
59	30/ago/38	Unido, finalmente, o foot-ball gaúcho	13